

Proletários de todos os países UNI-VOS!

Avante!

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário • ISSN 0870-1865 • 5 de Setembro de 1996 • Preço: 150\$00 (IVA Incluído) • N.º 1188 • Director: Carlos Brito



Todos à festa!

A Festa do «Avante!» abre amanhã as portas para a sua 20ª edição, comemorando 20 anos.

Espectáculos, actividades desportivas, exposições, colóquios e debates políticos, solidariedade internacionalista, convívio, artesanato e gastronomia de todo o País, muitos são os motivos que a Festa propõe aos visitantes, culminando no

Comício

que se realiza às 17 horas de Domingo.

Intervêm: Maria Ribeiro, da Comissão Política da Direcção Nacional da JCP; Carlos Brito, Director do «Avante!» e membro da Comissão Política do CC do PCP; Álvaro Cunhal, Presidente do Conselho Nacional; e Carlos Carvalhas, Secretário-Geral do Partido.





Carlos Carvalhas em Palmela, no domingo

RESUMO

28
Quarta-feira

A população de Ourém revoltase contra o assassino confesso da família do Olival ■ A comunidade cigana de Oleiros é rejeitada em Braga e em Cabanelas ■ Yasser Arafat convoca uma greve geral de protesto contra a política israelita de colonização ■ Milhares de soldados russos e combatentes independentistas deixam Grozny, a capital da Tchetchenia ■ Anarquistas, socialistas e libertários de todos os EUA correm a Chicago, onde decorre a convenção do Partido Democrático, gritando «poder ao povo» e «o que temos é um fascismo democrático» ■ Os participantes da Conferência de Estocolmo adoptam, por aclamação, um programa de acção contra a exploração sexual comercial de crianças.

29
Quinta-feira

Em Mindelo, é enterrada a primeira vaca vítima de fome ■ Yasser Arafat, no fim do encontro que manteve com o rei Hussein, afirma que os povos palestino e jordano são irmãos gémeos ■ O enviado norte-americano à ex-Jugoslávia insiste na necessidade de as eleições bósnias se realizarem na data prevista ■ Um avião russo despeña-se na Noruega, sem que haja sobreviventes.

30
Sexta-feira

Desiludido com a resposta do Governo às suas reivindicações, os agricultores do Norte ameaçam agravar as formas de luta ■ Os maquinistas da CP iniciam uma greve, reivindicando o cumprimento de cláusulas do contrato de 1994 ■ Os enfermeiros afectos à CGTP e à UGT ameaçam entrar em greve se o Ministério da Saúde não ceder às suas exigências ■ No México, uma ofensiva do Exército Popular Revolucionário causa 14 mortos e 25 feridos ■ O Governo israelita recusa o princípio da troca de terra pela paz ■ Alexander Lebed inicia negociações políticas com os independentistas tchetchenos.

31
Sábado

Os incêndios assolam a zona norte e centro de Portugal ■ O exército do Iraque toma a cidade de Erbil, na zona controlada pelos curdos. Em resposta, Bill Clinton ordena o reforço da presença militar americana e decreta o alerta máximo ■ Russos e tchetchenos chegam

a um acordo de paz que remete para o ano de 2001 a questão do estatuto da república independentista ■ Após a prisão de oito militantes nacionalistas, verifica-se um novo atentado à bomba na Córsega.

1
Domingo

Carlos Carvalhas visita as Festas das Vindimas em Palmela, acompanhado por autarcas e dirigentes do Partido ■ As chamas voltam a lavar por todo o país ■ Depois da Casa Branca dizer que irá «responder» à ofensiva do Iraque na zona curda, Saddam Hussein ordena a retirada do seu exército ■ A retirada das tropas russas da Tchetchenia acelera-se.

2
Segunda-feira

Os professores não-colocados manifestam-se em frente do Centro da Área Educativa, em Lisboa ■ A CGTP-IN informa o Governo que é preciso abandonar a «velha receita de pedir moderação aos trabalhadores» ■ O governador civil de Braga apresenta uma queixa-crime em que são visados os manifestantes contra a comunidade cigana de Oleiros ■ A vaga de incêndios prolonga-se no interior norte e centro ■ A Europa é a temática dominante do primeiro dia da visita oficial de António Guterres à Polónia ■ As tropas iraquianas retiram-se do Curdistão, mas prossegue o estado de alerta no Golfo Pérsico ■ O primeiro-ministro russo levanta algumas dúvidas quanto ao acordo de paz com os tchetchenos.

3
Terça-feira

António Guterres diz sobre adesão da Polónia à UE que com as vantagens vêm dificuldades e apoia acção militar americana contra o Iraque ■ Centros de análise político-estratégica norte-americanos apresentam reservas à acção militar de Bill Clinton ■ PCP condena «papel de polícia» dos EUA ■ Benjamin Netanyahu desdramatiza adiamento do encontro com o presidente da Autoridade Palestiniana ■ Miguel Trovoada é empossado como Presidente da República de São Tomé e Príncipe ■ Décima Cimeira do Grupo do Rio, reunida em Cochabamba para debater a pobreza, a violência e a droga, condena a lei norte-americana Helms-Burton ■ São encontradas ossadas de mais duas adolescentes enterradas na casa de Marc Dutroux ■ Um casal morre no IP-1, vítima de explosão de uma bomba no interior do veículo onde viajava.

EDITORIAL

A vigésima

Festa do «Avante!» chega à sua vigésima edição desfrutando de um prestígio e de um reconhecimento verdadeiramente ímpares no nosso país.

A

A tenacidade com que foram ultrapassados os obstáculos que se opuseram às suas primeiras edições, a alta qualidade dos seus espectáculos e outros programas culturais, a multiplicidade das suas manifestações, a atmosfera fraternal sem paralelo que se vive nas suas ruas e alamedas, a autenticidade democrática e o vigor revolucionário e patriótico dos seus actos políticos, constituíram, entre outras, as razões que impuseram a Festa do «Avante!» ao respeito e até à admiração de vastos e diversificados sectores da vida nacional.

Mais do que qualquer das anteriores edições, a vigésima edição da Festa concentra as atenções da comunicação social do nosso país, o que não é, evidentemente, um favor à efeméride, mas uma boa prova de que soube resistir ao tempo, renovar-se, remoçar-se e constituir-se no maior acontecimento nacional no seu género.

Ao cabo de 20 edições, a Festa motiva fortes adesões e largos movimentos de interesse e simpatia; também desperta, claro, rancores, invejas, tratamentos facciosos, mas afirmou-se como uma realização incontornável na vida do país, que pode ser tratada de forma menos justa ou até denegrida, mas não pode ser ignorada.

Ao iniciar-se a vigésima Festa do «Avante!» manda pois a justiça que se preste homenagem a todos os obreiros da Festa, a todos aqueles que, ao longo destes 20 anos, nas diferentes vertentes em que ela se edifica, a souberam guindar ao lugar tão raro que ocupa na realidade e no imaginário nacionais e assim também contribuir para o prestígio do PCP, de que é emanação, e do jornal «Avante!», que é o seu patrono.

A Festa não inspira só respeito e reconhecimento, desencadeia expectativas, que em cada ano a põem à prova.

Mais do que em qualquer outro, assim acontece obviamente este ano. Por isso, os responsáveis, organizadores e construtores da «Festa» capricharam na alta qualidade dos espectáculos musicais, das exposições e outras manifestações culturais, das provas desportivas, dos locais de divertimento, das propostas gastronómicas, das novas adaptações do terreno e na plasticidade das edificações, das representações regionais do PCP e do espaço da JCP.

Ao lado de tudo isto, o intenso programa político da Festa, com os momentos mais altos que são o acto de abertura e o comício final e com as exposições e os grandes murais dedicados aos 75 anos do PCP e às 20 festas do «Avante!», a que se juntam múltiplos debates e colóquios sobre os temas de maior actualidade política nacional e internacional e que têm naturalmente presente o trabalho preparatório para o XV Congresso do PCP, que se realiza em Dezembro.

A vigésima edição da Festa acontece, aliás, num momento político muito especial da vida do país.

O PS no Governo acentua a guinada à direita que vinha de trás, tanto na política interna como na política externa, defraudando e decepcionando todos aqueles que acreditaram que faria uma política diferente da do PSD e resolveria alguns problemas do país.

O PSD continua mergulhado na crise da ressaca das derrotas eleitorais, agravada pela dificuldade de se diferenciar do Governo, uma vez que o PS lhe usurpou, no essencial, o próprio programa de governo.

O PP vive na confusão que resulta da contradição entre o programa populista radical que adoptou e as encomendas dos potentados económicos que financiam o partido e que o obrigam a constantes fretes ao Governo e à sua política de integração europeia.

Os falados propósitos de novas alianças (para as autárquicas e não só) entre os dois partidos da direita traduzem estas dificuldades em que se encontram, parecem, por enquanto, acima de tudo, jogadas para eleitor ver e manobras de flagelação recíproca.

O quadro, que assim se apresenta em larguíssimos traços, abre, evidentemente, ao PCP um amplo espaço de intervenção e de trabalho susceptíveis de se traduzirem em avanços de influência orgânica, política e eleitoral.

A vigésima Festa do «Avante!» é uma importante ocasião para progredir nestas direcções.

A imensa audiência que participará nos actos políticos mais relevantes constituirá uma preciosa contribuição para uma nova popularização das propostas, dos objectivos e do projecto diferenciador dos comunistas em relação aos grandes problemas nacionais.

Ir à Festa é um acto de cultura, de confraternização e de divertimento, mas também é e deve ser mais um acto cívico e político.

Ir à Festa é uma oportunidade rara de conhecer melhor os problemas do país e de saber ao mesmo

tempo que eles não constituem uma fatalidade inelutável, muito pelo contrário. Para a maior parte deles os comunistas têm resposta e acima de tudo defendem uma nova política que permite que eles sejam abordados numa perspectiva completamente diferente da que foi seguida pelo PSD e é agora seguida pelo PS e que tem consistido em privilegiar os interesses do grande capital nacional e as orientações impostas pelos grandes potentados da União Europeia.

A perspectiva da nova política que o PCP defende é a de privilegiar os interesses dos trabalhadores e das classes e camadas intermédias que constituem a imensa maioria dos portugueses, dando toda a prioridade ao aumento da produção nacional e à elevação do poder de compra do nosso povo, que é a única forma de assegurar o caminho de desenvolvimento para o nosso país.

Ir à Festa é uma oportunidade de ficar a conhecer melhor esta mensagem e de tornar-se um melhor mensageiro de uma nova política para Portugal.

Avante!

Proprietários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português
Rua Socio Pereira Gomes
— 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 62 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO:
Rua Socio Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX.
Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390
Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO:
Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90,
7^a-A, 1100 Lisboa.
Capital social: 15 000 000\$000. CRC matriculada: 47058.
NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
— 1100 Lisboa
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11
Fax: 815 34 95

Alterações de remessa:
Até às 17 horas de cada sexta-feira.
Tel. (01) 815 34 87/815 35 11

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS

Delegação Lisboa:
Tapada Nova
Capa Rota — Linho — 2710 Sintra
Tel. (01) 924 04 47

Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 — 4470 Maia
Tel. (02) 941 76 70

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90, 7^a-A, 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7^a-A, 1100 Lisboa
— Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composição e Impressão
Heska Portuguesa, SA
R. Elias Garcia, 27
Venda Nova — 2700 Amadora
Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (Continente e Regiões Autónomas)	EUROPA
50 números: 6 750\$000;	50 números: 24 750\$000
25 números: 3 487\$500	
ESPAÑA	EXTRA-EUROPA
50 números: 13 300\$000	50 números: 39 950\$000
GUINÉ-BISSAU, S. TOMÉ E PRÍNCIPE E MACAU	— 50 números: 26 650\$000

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____ Tel. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

O conto do vigário

Os arraiais da direita andam agitados com o falatório sobre novas alianças eleitorais entre o PSD e o CDS/PP.

É, tudo o indica, mais um episódio da crónica das dificuldades em que estes partidos mergulharam depois das eleições de há um ano, agravadas pelo facto do PS lhes estar a usurpar o próprio programa de governo.

A grande comunicação social, claro, sempre solícita em relação a tudo que respeita à direita, metralha os pacientes ouvidos do país com poucos factos verdadeiros e muitas especulações sobre o assunto.

Entretanto, atentando bem nas declarações dos líderes dos dois partidos, estas revelam-se mais como um jogo de aparências ou uma versão política do conto do vigário - quem engana a quem - do que como sérias propostas para um entendimento.

Assim, Marcelo só propõe acordos pontuais que sabe que Monteiro não aceita, à excepção talvez de Lisboa. Monteiro, por sua vez, só propõe acordos globais, para as autárquicas e para as legislativas, que sabe estarem de momento fora do que Marcelo pode aceitar.

Ainda para maior segurança, o CDS/PP põe condições, exigindo, por exemplo, que o PSD não viabilize o Orçamento para o próximo ano, como se ele próprio não tivesse viabilizado o Orçamento do ano corrente ao serviço, exactamente, da mesma política de dependência de Maastricht e marcha forçada para a moeda única.

Mais do que a procura de pontos de acordo, parece que as duas partes procuram o culpado da ruptura.

Na memória do CDS/PP pesa seguramente a lembrança de que a AD representou aquele abraço de urso com que o PSD o espremeu eleitoralmente, até atirá-lo para a valeta, onde de declínio em de declínio, chegou aos cinco deputados e quase desapareceu da Assembleia da República.

E, no entanto, antes da AD, o CDS tinha 42 deputados, que correspondiam a 16 por cento do eleitorado e 877 494 votos. Nas primeiras eleições que se seguiram ao desaparecimento da AD, em Abril de 1983, o CDS começou a descida, passando para 29 deputados e perdendo 180 mil votos.

Em compensação, o PSD, embora per-

dendo as eleições, que foram ganhas pelo PS, aumentou a sua votação em 184 mil votos, subiu em percentagem e até aumentou o número de deputados de 73 para 74.

No plano autárquico a experiência da AD não foi menos devastadora para o CDS...

O conto de vigário não se reduz, no entanto, a este jogo de aparências e golpes oratórios com que os dois partidos da direita disputam um eleitorado comum. Corresponde também à comédia que representam perante o país, alardeando a grande preocupação de construírem uma alternativa ao Governo do PS.

A verdade é que PSD e CDS/PP comungam, no essencial, na política que o Governo PS realiza, nomeadamente nos seus aspectos socioeconómicos.

Mais: tudo indica que é a Marcelo que cabe desta vez, segundo uma divisão de trabalho imposta pelas confederações patronais, viabilizar o Orçamento do Governo PS. E assim, a pretexto de que quer evitar eleições antecipadas, ele lá anda a preparar os espíritos no PSD...

■ Carlos Brito

A política do silêncio

São três as vias mais generalizadamente percorridas pela comunicação social dominante no que toca ao PCP: o silenciamento da actividade dos comunistas, a difusão da imagem de um partido velho e de velhos e a falsificação das posições do Partido. Por vezes, a dita comunicação social recorre, ainda, a caminhos, atalhos e becos com os quais complementa a rede viária do seu anticomunismo militante.

Percebe-se a razão dos ataques como se percebe a opção por essas concretas vias. Sendo a comunicação social propriedade de grandes grupos económicos é natural que se assumam como fiel defensora da política de direita e que, portanto, faça do PCP o seu alvo preferencial. Por outro lado, é óbvio que, 1º: o silenciamento da actividade do PCP «credibilizam» a tese da sua «inactividade»; 2º a ocultação de jovens nas iniciativas do PCP e o destaque dado a militantes mais idosos «credibiliza» a tese do partido velho e de velhos; e 3º: a falsificação das posições do Partido «credibiliza» as teses todas que se quiser. Exemplos destas práticas são às carradas. É claro que há ainda jornalista que, honrando-se e honrando a sua profissão, não participam nessas golpaças. Mas são poucos infelizmente e, o que é mais grave, são cada vez menos. Como a cruel realidade com frequência nos demonstra.

Leio o editorial «A política do silêncio» («Já», 29/8/96) assinado por Miguel Portas e dedicado aos inquietantes acontecimentos de Oleiros. A peça pretende ser um grito de alerta e uma violenta crítica a todos os partidos que se refugiaram num cómodo, cobarde e hipócrita silêncio.

Muito justamente, MP desanca a mudez do «agitador de serviço Manuel Monteiro». Muito justamente também MP desmascara o programado silêncio desse João Baião da política que é «o incansável Marcelo». No entanto, surpreendentemente, face ao silêncio de Guterres, MP hesita, baixa a fasquia crítica, como se este silêncio, sabe-se lá porquê, fosse menos grave do que os dois silêncios anteriores. E, mais do que isso, MP quase justifica o silêncio de Guterres. Como? Exactamente assim: «Mas, verdade seja dita, como esperar isso (uma posição do PS face à «pouca vergonha» de Oleiros) dos socialistas se os comunistas nem um comunicado do Gabinete de Imprensa produziram?» Ou seja: para MP o eventual silêncio do PCP, altamente condenável, desculpava, atenuava a gravidade do silêncio concreto do PS...

Curiosamente, em nota de rodapé, MP escreve: «ontem, a convite da SIC, os partidos parlamentares foram convidados a falar. Apenas o PCP foi. Equilibradamente... mas os outros nem isso». Acontece que quando MP escreveu esta «nota» já tinha em seu poder o texto integral do comunicado do PCP lido na SIC que começa assim: «Acerca dos acontecimentos de Oleiros, Vila Verde, a posição do PCP é de inequívoca condenação dos actos de violência e de intolerância cometidos contra a comunidade cigana.» Texto que infelizmente MP silenciou tal como o viria a fazer a quase totalidade da comunicação social. Se assim não fosse, como é que poderiam continuar a criticar o silêncio de todos os partidos sobre oleiros?

Política do silêncio, não é? Pois.

■ José Casanova

O socialismo é o futuro

Os impressionantes dados do último «Relatório sobre o Desenvolvimento Humano», da ONU, citados num artigo do «The Guardian» divulgado há dois dias pelo «Público», chamam uma vez mais a atenção para as crescentes e intoleráveis desigualdades na distribuição da riqueza que se verificam a nível mundial.

Em síntese: - dos 23 biliões de dólares em que está calculada a riqueza económica total no mundo, apenas cinco biliões (pouco mais de um quinto) pertence aos países em vias de desenvolvimento, apesar de neles viver cerca de 80 por cento da população mundial; - as economias de uma cen-

tena de países têm registado declínio ou estagnação, produzindo uma redução nos rendimentos de um quarto da população mundial; em 70 países as pessoas são hoje, em média, mais pobres do que eram em 1980 e, em 43 desses países, estão mesmo mais empobrecidas que em 1970; e as desigualdades cresceram não só entre países, mas também no interior de cada um deles;

- entre 1960 e 1991 os 20 por cento mais ricos do mundo ampliaram a sua parte no total da riqueza global de 70 por cento para 85 por cento, enquanto os 20 por cento mais pobres viram o seu quinhão reduzir-se ainda mais, de 2,3 por cento para 1,4 por cento;

- e a riqueza total dos 358 milionários possuidores de mais de mil milhões de dólares cada, é equivalente ao total dos rendimentos de 45 por cento da população do mundo!

O «The Guardian» é um típico jornal burguês. Compreende-se por isso que o seu articulista tivesse necessidade de anteceder a divulgação dos dados da ONU da afirmação tranquilizadora de que «ricos sempre há-de haver». E de adiantar que «nos dias que correm quase parece indelicado e certamente fora de moda - se não mesmo esquerdista - alguém atrever-se a perguntar se uma tão imoral assimetria na distri-

buição da riqueza não será injusta» pois «as pessoas deixaram, pura e simplesmente, de pôr essa questão»...

Essa postura não altera porém a evidência fundamental que emana dos dados do «Relatório sobre o Desenvolvimento Humano» da ONU: a de que eles representam um libelo arrasador contra o capitalismo e contra as políticas neoliberais que vêm prevalecendo nas últimas décadas; e que confirmam, sem margem para dúvidas, a necessidade, a actualidade, a urgência, do socialismo.

■ Edgar Correia

A CRIANÇA e a hipocrisia do capital

A campanha eleitoral nos EUA fornece-nos um exemplo particularmente eloquente da hipocrisia dos «grandes senhores do mundo» em relação aos direitos e problemas da criança. Depois de Hilary Clinton que lançou um livro sobre o tema foi a vez do marido mostrar o seu desvelo pelas crianças. No seu discurso na Convenção Democrática de Chicago, Bill Clinton terá utilizado nada mais nada menos que 40 vezes a palavra criança, jogando cinicamente com os sentimentos e com as inquietações do povo americano que aspira a uma vida melhor para os seus filhos.

Entretanto este homem tão sensível aos problemas da criança e da família é o mesmo que em 22 de Agosto assinou a lei que, propondo-se poupar 55 mil milhões de dólares, praticamente desmantela o «Welfare», o sistema de protecção social introduzido por Roosevelt, nos tempos do «new deal». Como escreveu o semanário de esquerda norte-americano *The Nation* «ao fazê-lo, tornou-se o principal instigador da destruição, pelo Estado, do laço social. É talvez necessária uma aldeia para criar uma criança (alusão ao título do best-seller de Hilary Clinton), mas basta um presidente desprovido de senso moral para reduzir à miséria milhões doutros (...). Desmantelando a solidariedade nacional face aos mais desprotegidos - sejam crianças nascidas nos lares pobres, as jovens mães carenciadas, os emigrantes legais que vêm procurar neste país uma vida melhor, ou ainda os desempregados vítimas da vaga de reestruturações enquanto que as empresas obtêm lucros record - Washington anuncia o fim do do sonho americano».

E que dizer das crianças cubanas a quem Bill Clinton, com o seu criminoso bloqueio, pretende liquidar os direitos que a revolução socialista, apesar de todas as dificuldades, continua a assegurar-lhes? E das crianças que por esse mundo fora são vítimas da pilhagem conduzida pelas multinacionais, dos planos de «ajustamento estrutural» impostos pelo FMI/BM, das agressões e das guerras provocadas pela tentativa de impor a hegemonia imperial dos EUA e estender a todo o mundo o sistema de exploração e opressão capitalista?

De entre as diferentes camadas da população, as crianças serão porventura as mais violentamente atingidas pelas devastadoras consequências sociais do sistema de exploração capitalista. E simultaneamente aquelas cujos dramáticos problemas são mais sistematicamente explorados em hipócritas campanhas de manipulação de opinião pública orientadas, não para o respeito e promoção dos direitos básicos já consagrados no direito internacional, mas como tema de baixa manobra político/eleitoral e mesmo álibi para políticas ainda mais reaccionárias, repressivas, intervencionistas, considerando que se trata de um «problema global» a exigir o reforço da intervenção policial (se possível sob a batuta do FBI, cuja rede internacional Bill Clinton se propõe alargar) e mesmo de intervenção militar (lembram-se das imagens das crianças famélicas da Somália?).

A reacção e o imperialismo fazem o mal e a caramunha. Por um lado, com as políticas neoliberais ao serviço do grande capital e da concentração da riqueza, provocam uma brutal polarização e desvastação social, com o alastramento sem precedentes do desemprego, da fome, da doença, do analfabetismo. Condenam, sobretudo em vastas áreas do Terceiro Mundo, mas também nos países capitalistas desenvolvidos, centenas de milhões de seres humanos à marginalização social e à mais negra miséria. Por outro lado, explora essa situação para intensificar ainda mais a exploração e alimentar com a carne dos mais fracos e desprotegidos os mais sórdidos e criminosos negócios segregados pela dinâmica do lucro e a desumana podridão do sistema capitalista.

Sem esquecer os milhões de crianças que por esse mundo fora estão condenadas a morrer pela fome, pela doença, pela violência e a guerra, o alastramento do trabalho infantil, da prostituição infantil e do tráfico de crianças em geral, constitui uma violenta acusação da natureza exploradora e desumana do capitalismo. Se mais razões não houvesse esta bastava para justificar a acção revolucionária dos comunistas. O horroroso crime que nos últimos dias abalou a Bélgica tem responsáveis que é necessário punir. Mas tem sobretudo raízes socioeconómicas que se impõe arrancar.

■ Albano Nunes

SEMANA

O regresso do flagelo

Com o final do mês de Agosto, quando era suposto que estava ultrapassado o período mais crítico, eis que uma nova vaga de incêndios volta a assolar o Centro e Norte do País. A subida das temperaturas combinada ao que tudo indica com mãos criminosas parecem ser as causas prováveis para este reacender do flagelo que vai consumindo matas e florestas. Depois do incêndio que consumiu mais de 500 hectares no

Parque Natural de Montezinho, em Bragança, outros sinistros deflagraram nos distritos de Vila Real, Viseu, Coimbra, Braga e Viana do Castelo, obrigando à esforçada e incansável intervenção das corporações de bombeiros.

Um relatório da Direcção Geral das Florestas (DGF), entretanto divulgado, refere que a área ardida no território nacional entre 1 de Janeiro e 25 de Agosto do corrente

atingiu os 28.861 hectares, repartida entre floresta (12.470 hectares) e mato (16.391 hectares). Na origem desta calamidade, para o período em referência, estiveram 17.474 incêndios.

Há cerca de dois meses, a propósito da luta dos Guardas Florestais, a Federação dos Sindicatos da Função Pública alertava a opinião pública para o facto de o Governo estar a cometer os mesmos erros do seu ante-

cessor em matéria de combate aos incêndios florestais, ao privilegiar os meios de combate - com isso favorecendo o negócio de algumas empresas, sobretudo as de meios aéreos - em detrimento de uma prevenção séria e eficaz, assente designadamente nas estruturas do Ministério da Agricultura vocacionadas para a protecção florestal.

O aviso, infelizmente, caiu em saco roto.



Mais professores que vagas

O Ministério da Educação divulgou as listas de colocação de professores que apresentaram a sua candidatura à segunda fase do concurso nacional. De um total de 41.657 candidatos admitidos, apenas 21.836 encontraram colocação. Para os restantes fica agora como última esperança a hipótese de um lugar nos miniconcursos que decorrerão no mês em curso. À medida que as listas foram sendo divulgadas em todos os distritos cedo se percebeu que o número de professores interessados em exercer a tarefa para a qual possuem uma qualificação era muito superior ao número de vagas existentes nas escolas. E se é certo que o número de professores colocados nesta segunda fase do concurso nacional aumentou em cerca de 800 relativamente ao ano passa-

do, a verdade é que o número de candidatos, esse, no mesmo período, foi ainda maior, cifrando-se em mais 5.402. À ansiedade que precedeu a publicitação das listas, para os cerca de 20 mil candidatos não colocados, sucedeu agora um momento de desencanto e de preocupações acrescidas. Tendo presente o recentemente ocorrido com o acesso ao Superior - em que o número de vagas na universidade excedeu em muitos milhares o número de candidatos (devido aos maus resultados nos exames nacionais e às baixas médias do 12º ano) -, este é sem dúvida um renovado testemunho do estado a que chegou o sistema educativo. E justifica a pergunta, tomando como referência os dois casos: "será que nunca mais acertam as contas?"

Desagravamento fiscal

A CGTP-IN reclamou do Governo a adopção de medidas que permitam um desagravamento fiscal, em ordem a garantir, por essa via, uma maior justiça social. Esta posição, consubstanciada em documento entregue no decorrer de uma reunião com o primeiro-ministro, visa contribuir para o que a Central designa por "uma reforma fiscal séria". Para o seu coordenador, Manuel Carvalho da Silva, que chefou a delegação que reuniu com António Guterres, não menos importante é também a

melhoria dos rendimentos dos trabalhadores. À saída da audiência, em declarações aos jornalistas, alertou para o progressivo empobrecimento das classes menos favorecidas, associando todas estas questões ao próximo Orçamento do Estado. Manifestada por Carvalho da Silva foi ainda a sua convicção de que o emprego e o desenvolvimento do País estão comprometidos com os actuais critérios de convergência de Maastricht que o Governo insiste em cumprir escrupulosamente.

Desemprego em alta

Quando há umas semanas foi anunciada uma diminuição de 2,2 por cento no número total de desempregados inscritos nos

bom rumo imprimido à governação. Refreando tais ímpetos, logo houve também quem lembrasse que não era bem assim, que o

mana transacta, a divulgação de dados pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional veio desfazer eventuais dúvidas sobre

cimo, no período homólogo, ascendeu a 34 mil pessoas, ou seja, dito de outro modo, que o ritmo de crescimento do número de desempregados rondou quase os cem por dia.

As más notícias, todavia, não se ficaram por aqui. De acordo com os referidos dados do IIEFP, no final do mês de Julho o número de desempregados inscritos naquele organismo atingia os 455.314, sendo que quase metade deste número (221.015 pessoas) corresponde ao denominado desemprego de longa duração, isto é, a trabalhadores na situação de desemprego há mais de um ano. Preocupante é ainda o facto, no que se refere ao nível da escolaridade, de o desemprego estar a afectar um número crescente de indivíduos com maior número de anos de instrução, como comprova o aumento registado no grupo de indivíduos com nove a doze anos de escolaridade e no grupo com curso médio e superior, qualquer deles com um crescimento homólogo na casa dos 15 por cento.



centros de emprego no final de Julho em relação ao mês de Junho, logo surgiram as manifestações de regozijo de círculos próximos do poder rosa, vendo nesta tendência um sinal claro do

facto até nem era novo e que tudo se explicava pela emergência de fenómenos sazonais, nomeadamente com a maior oferta de empregos típicos de Verão.

Pois bem, na se-

o assunto: ocorreu de facto a referida diminuição de Junho para Julho deste ano, mas este valor era 8,1 por cento acima do valor registado em Julho de 1995. Significa isto que o acrés-

de culpa. Madaíl, segundo o relato dos jornais, nem sequer respondeu, dado que não gostou de ser "notificado" por uma sociedade de advogados e muito menos de ser tratado como arguido. Quanto a Valentim,



esse, promete ir à luta e prepara uma defesa em que invoca textos dos "exames" radiofónicos do "professor" Marcelo, dizendo-se que poderá constituir-se num embaraçoso imbróglio para a actual liderança.

Estilhaços do totonegocio

O caso do totonegocio continua a dar que falar. No caso do PSD, concretamente, tudo indica que continuam por sarar as feridas abertas pela votação parlamentar que inviabilizou a pretensão governamental que

conferia privilégios aos clubes. Atingidos pelos estilhaços foram Gilberto Madaíl, o deputado rebelde que votou a favor do totonegocio, e Valentim Loureiro, autarca e dirigente desportivo que, na ocasião, não

se coibiu de dizer o que pensava sobre o assunto. Com processos disciplinares às costas, instaurados pelo Conselho de Jurisdição Nacional do PSD, soube-se agora que qualquer deles reagiu mal à respectiva nota



“Quem não se importaria de ter como companheiro de férias?”

O Santo Padre. Adoraria conhecê-lo e estar a falar com ele as férias todas”

(Kiki Espírito Santo - Notícias Magazine 1/09/96)

“Normalmente uso argolas e à noite brincos a condizer com vestidos de cor”

(Idem, Ibidem)

“Usualmente, ando com lenços a condizer com os fatos de banho. Agora trouxe de fora dois fatos de banho com os lenços iguazinhos”

(Idem, Ibidem)

“Este PP não é de bem, e o PSD não precisa de se baixar ao seu nível”

Jorge Moreira da Silva, líder da JSD - «Expresso» 31/08/96

[Os jovens do CDS/PP] “não lutarão pelas batalhas do PSD”

(Pedro Mota Soares, líder da JC - «Expresso» 31/08/96)

“O PSD ainda não se recom põs da ressaca de dez anos de Governo”

(Luís Filipe Menezes - «Jornal de Notícias» 3/09/96)

“Neste caso dos ciganos, António Guterres parece não estar a dormir de touca. Pronunciou-se, bem, contra a intolerância, mas não deixou de dizer que a droga é um flagelo e que é preciso separar o trigo do joio. Oxalá não mude. E não esqueça os quilos de cocaína importados da Colômbia e o consequente tiroteio na feira do Relógio”

(Victor Cunha Rego - «Diário de Notícias» 2/09/96)

“Guterres estraga-nos com mimos”

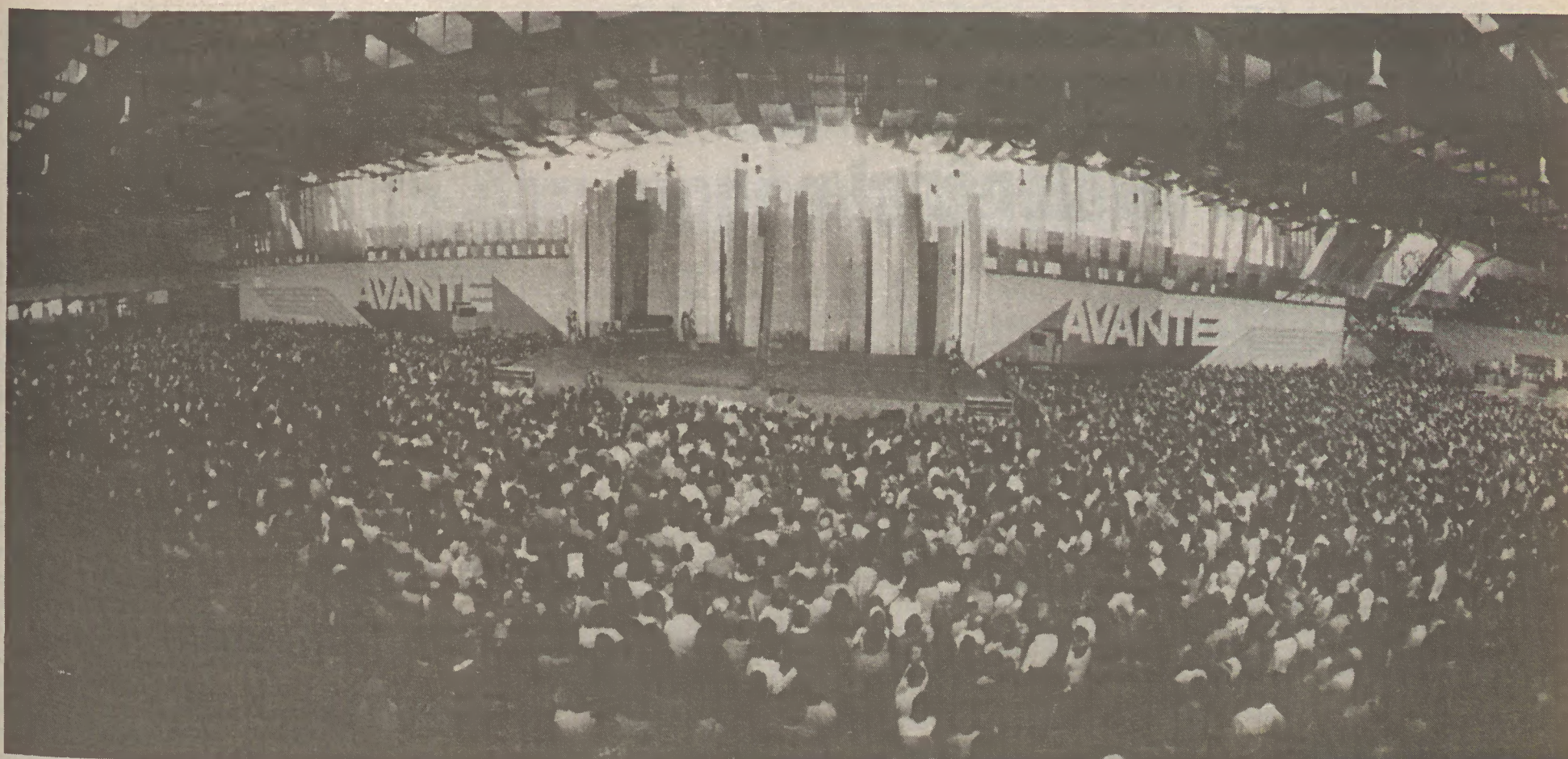
(José Casanova - «Expresso» 31/08/96)

“Gasolina vai aumentar”

(Título do «Semanário» 31/08/96)

[O PCP] “vai entrar pelo eleitorado do PS como faca em manteiga”

(Alberto João Jardim, referindo-se às próximas eleições regionais - «Correio da Manhã» 2/09/96)



1976. Depois da sua primeira edição na FIL, em Lisboa a festa deu muitas voltas, mas mantém as suas tradições culturais e políticas

A Festa faz 20 anos

Em Setembro de 1976, a Festa do "Avante!" abria pela primeira vez as suas portas. Foi em Lisboa, na FIL, e não cabiam lá todos os que de Norte a Sul vieram, conquistados pela iniciativa do PCP que desde esse momento se tornou na maior manifestação político-cultural realizada em Portugal. Artistas de todo o mundo actuavam em vários palcos, as organizações do Partido traziam com as suas exposições o retrato das lutas, os stands apresentavam sabores e produtos do País inteiro. A Festa estabelecia as suas tradições.

Os dois anos seguintes viram a Festa no Jamor, um vasto terreno que foi preciso afeiçoar. Vasto de mais, achavam alguns, desmentidos logo pela multidão que os invadia e transformava em verdadeira cidade. Ali se realizou a I Bienal de Artes Plásticas, ali actuou o coro dirigido por Lopes-Graça. Ary dos Santos disse ali "As Portas que Abril Abriu". O desporto e os jogos populares fizeram a sua apresentação.

O Alto da Ajuda foi, a partir de 1979, o novo lugar de encontro. Com o Tejo ao fundo, um agradável mas difícil terreno foi "urbanizado" ao sabor da Festa. Do mundo continuaram a chegar artistas, juntando as suas vozes e músicas às portuguesas. A Festa de 1980 foi a que melhor ficou gravada nas memórias, com o Chico Buarque a cantar "Sei que estás em festa, pá...", comovendo muitos milhares de visitantes. Celebrava-se o 4º centenário da morte de Camões.

Outras comemorações e momentos políticos a Festa celebrou. Em 1981, passava o 60º aniversário do Partido e o "Avante!" fazia 50 anos. Em 82, realizava-se uma cuidada exposição sobre o Poder Local Democrático e inaugurava-se o Polivalente desportivo. Em 83 era o centenário da morte de Marx, e o Palco principal, chamado a partir de então

livro de Álvaro Cunhal, "O Partido com Paredes de Vidro". As organizações regionais esmeravam-se na arquitectura das suas representações. No ano seguinte comemorou-se o centenário do 1º de Maio. Três centenas de painéis, em mil metros de exposição, recordavam as lutas do passado e aquelas que para o futuro se preparavam. Estreavam-se na Festa a fotografia e o cinema.

Depois de um ano sem festa, o único em 20 anos, aí estava Loures. Comemorava-se os Descobrimentos. Preparava-se o XII Congresso do PCP. Em 89, o trabalho da CDU nas autarquias era o centro político da iniciativa.

Quinta da Atalaia, em 1990. Tudo era novo, neste terreno adquirido com os fundos de uma campanha que mobilizou os camaradas e os amigos. Em cada ano, respeitando a ecologia da zona, o terreno foi-se afeiçoando a uma Festa sempre nova, com infra-estruturas, palcos, avenidas. Em 1991, com a derrota do socialismo no Leste europeu e a derrocada da URSS, os visitantes continuaram a constatar a persistência dos comunistas e dos revolucionários e progressistas do mundo, no espaço dedicado à solidariedade internacionalista. A Inforfesta inaugurava o seu espaço na Atalaia. Novo Congresso em 1992, assinalado também nas

exposições e nos debates. Maastricht e a oposição dos trabalhadores ao Tratado foram temas centrais desse ano, em que a juventude acorre em massa às iniciativas e aos espectáculos. No ano seguinte, a Festa confirma-se como grande festa da juventude portuguesa, e como espaço privilegiado da solidariedade internacionalista. Além da VIII Bienal, Matisse está presente nas reproduções de obras que as Mulheres expõem no seu stand. O Desporto traz nomes destacados à Corrida. O Avante-teatro tem as salas cheias. Carlos do Carmo abre, em 1994, a primeira noite de espectáculos com canções de Ary. Era o ano do 20º aniversário de Abril.

Em 1995, ano de eleições, a batalha é para afastar a direita e a política de direita do poder. Muita juventude, mais politizada que antes, invade a Atalaia. A Internet faz a sua aparição pela mão da JCP, com mensagens por Timor. O público é numeroso nos vários espectáculos.

A Festa faz 20 anos, realiza a sua 20ª edição, ao mesmo tempo que se comemora o 75º aniversário do PCP, o 65º aniversário do "Avante!" e se prepara o XV Congresso. O que a Festa será, produto do empenhamento e do trabalho de muitos milhares de camaradas e amigos que a erguem e lhe abrem as portas, contar-se-á mais tarde...

Junta-te a nós!



Neste ano em que se comemora o 75º aniversário do PCP e os 20 anos da Festa do "Avante!", decorre uma Campanha de Adesões ao Partido. Novos militantes, saídos das batalhas políticas e das lutas sociais, têm vindo fortalecer as fileiras dos comunistas, e a adesão de numerosos jovens contribui para o rejuvenescimento do PCP.

O momento e o motivo da adesão ao Partido não se encontram apenas nos espaços das lutas, mas também nas horas da reflexão, do convívio, da festa.

Lugar privilegiado de encontro dos comunistas com muitos dos seus amigos, a Festa do "Avante!" pode e deve ser também o espaço e a hora para o convite que os membros do Partido endereçam aos seus amigos e companheiros de trabalho, o espaço e a hora para muitos dos que aguardam um ensejo especial para o passo que falta.

A Festa do "Avante!", que mostra a toda a gente o retrato condensado das ideias, do trabalho, da reflexão e das propostas do PCP, que expressa o amor que os comunistas dedicam à cultura e à arte, os seus hábitos democráticos de debate, a sua alegria, a atenção fraternal aos jovens, é um bom lugar e momento para que muitos se juntem a nós. Em festa!

Acontecimentos de Oleiros

Onde termina a razão e começa a intolerância

A propósito do conflito entre a população de Oleiros e a comunidade cigana, com manifestações de violência propiciadoras do aparecimento de graves fenómenos de intolerância na sociedade portuguesa, Henrique de Sousa, membro do Secretariado do PCP, divulgou uma declaração à comunicação social, que passamos a transcrever.

«Acerca dos acontecimentos de Oleiros, Vila Verde, a posição do PCP é de inequívoca condenação dos actos de violência e de intolerância cometidos contra a comunidade cigana.

Entendemos que é pelo diálogo efectivo, pela participação responsável das autarquias locais, do Governo e dos directamente interessados, que poderá ser encontrada uma solução que assegure o respeito pelos direitos fundamentais dos cidadãos e condições de instalação adequada para aquela comunidade. Não há alternativa a este caminho.

Compreendemos entretanto as preocupações manifestadas pelas populações acerca dos graves problemas de criminali-

dade e de droga existentes na sociedade portuguesa. Mas é opinião do PCP que o combate a estes problemas exige uma política determinada de ataque às suas causas económicas e sociais e de firme condenação e punição dos traficantes, qualquer que seja a sua nacionalidade ou etnia.

Por isso, consideramos que deve ser firmemente recusada qualquer tentativa de, a pretexto de tais problemas, desenvolver processos de culpabilização global de qualquer minoria étnica, neste caso de uma comunidade cigana.

Julgamos ainda que estes acontecimentos deveriam fazer o actual Governo reflectir sobre a urgência de um pro-

grama de medidas concretas e eficazes visando a inserção social das comunidades imigrantes e das minorias étnicas que vivem e trabalham em Portugal, no respeito pelas suas identidades culturais e pelos seus direitos fundamentais. Para que não se conclua que a criação pelo actual Governo do Alto Comissariado para as minorias étnicas e para a imigração não passou de uma mera operação de relações públicas e propaganda junto destas comunidades.»

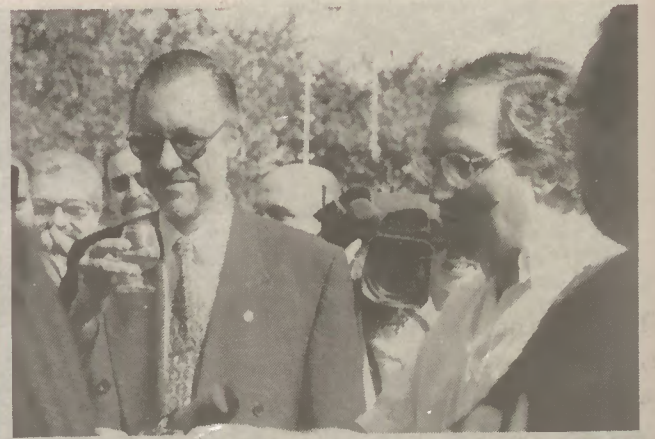
Braga, distrito de emigrados

Entretanto, o Secretariado da Direcção da Organização Regional de Braga, em comunicado do passado dia 29 de Agosto sobre o «caso de Oleiros», afirma que tanto rejeita ser a comunidade cigana «generalizadamente responsabilizada pelos problemas da droga e

delinquência», como recusa que «se faça tábua rasa das preocupações das populações e estas sejam rotuladas de arruaceiros ou racistas».

«Num distrito como o de Braga» - prosseguem os comunistas da região -, «onde uma percentagem grande dos seus naturais estão emigrados em vários países, também eles a braços com uma grave crise, é bem conhecido este problema e por certo todos condenaremos sem qualquer hesitação os actos de natureza xenófoba e racista contra as comunidades de emigrantes que cada vez mais eclodem nesses países».

No que respeita ao combate à droga e criminalidade e à segurança dos cidadãos, informa o PCP de Braga que há muito reclama medidas de reforço dos meios policiais e de segurança, tendo os eleitos da CDU nos órgãos municipais apresentado já propostas para a constituição de Conselhos Municipais de Segurança, nomeadamente em Braga e Vila Verde.



Acompanhado do Presidente da Câmara e de outros autarcas e dirigentes do Partido, Carlos Carvalho visita a Festa das Vindimas

Carlos Carvalho nas Festas de Palmela

«A nossa preocupação é servir as populações»

A convite da respectiva Organização Concelhia, o Secretário Geral do Partido deslocou-se às Festas das Vindimas em Palmela no último domingo.

Carlos Carvalho foi recebido e acompanhado na sua visita por uma dezena de camaradas, dirigentes locais do Partido e autarcas, incluindo o Presidente da Câmara Municipal, camarada Carlos Sousa, e o Presidente da Assembleia Municipal, camarada Victor Borrego.

O camarada Carvalho teve oportunidade de visitar os pavilhões da Câmara Municipal de Palmela, da Comissão Vitivinícola de Setúbal e da Adegas Cooperativas de Palmela - onde provou um excelente Moscatel.

Os pavilhões das colectividades de cultura e recreio Palmelense, Humanidade e Loureiros e a exposição da Zona Agrícola de Setúbal foram também alvo da atenção da delegação do PCP.

O secretário Geral do PCP foi cumprimentado por muitos populares, camaradas e amigos do Partido, tendo conversado com jovens e outros visitantes que enchem as praças e ruas de Palmela.

Instado pela comunicação social a comentar a constituição dum nova "AD", Carlos Carvalho teve oportunidade de afirmar: «... o PCP não está preocupado com eventuais coligações politiquieiras para a conquista do poder e a divisão de lugares. As nossas atenções vão sim para o aprofundamento do nosso trabalho, para a resolução dos problemas das populações, para continuar a concretizar os atributos que justamente grangeámos: trabalho, honestidade, competência e experiência».

«No passado já houve várias alianças explícitas ou encapotadas PS/PSD e PS/PSD/PP para retirar maiorias à CDU, mas o resultado foi, no geral, um novo reforço das posições do PCP e da CDU. Repito, a nossa preocupação é resolver os problemas, cumprir os programas apresentados e prestar, em devido tempo, contas às populações, para que estas julguem da validade do nosso trabalho autárquico...».

O Secretário Geral do PCP terminou a sua visita a Palmela assistindo, entre os visitantes da Festa, à passagem do cortejo alegórico das 14 castas de vinho cultivadas na região.

Hospital de Loures

Uma reivindicação antiga

A propósito da situação dos equipamentos públicos de saúde no concelho de Loures, e da falta de resposta do Governo à construção do Hospital do concelho, o Executivo da Comissão Concelhia de Loures do PCP promoveu um Encontro com a comunicação social, na passada segunda-feira, onde expôs a sua opinião sobre a matéria.

Recordando que a Organização Mundial de Saúde aponta para a existência de um Hospital por cada 200 mil habitantes, e que o concelho de Loures tem neste momento mais de 320 mil, a Concelhia do PCP considera que a ausência de decisão por parte do Governo nesta questão, para além de contrastar com as promessas eleitorais que fez, ignora uma reivindicação antiga das populações, consubstanciada numa recente petição à

Assembleia da República que juntou nove mil assinaturas.

Atendendo a que a inclusão de uma Maternidade neste equipamento de saúde permitirá ainda o nascimento de 3500 crianças/ano de grávidas residentes no concelho, afirmam os comunistas que é «ilógica» qualquer solução, no quadro da Área Metropolitana de Lisboa, que não considere a instalação de um Hospital no concelho de Loures.

Entretanto, a Câmara Municipal de Loures tem mostrado o seu empenhamento na aceleração do processo, designadamente indicando terrenos em Santo António dos Cavaleiros para a construção do Hospital.

Mas - diz ainda o PCP - «é imprescindível» que, complementarmente à instalação do Hospital/maternidade, se cons-

truam novos centros de saúde ou extensões e se reforcem os meios humanos existentes (médicos, enfermeiros e administrativos). É que em sete freguesias - Frielas, Fanhões, Famões, Olival Basto, S. João da Talha, Ramada e S. Julião do Tojal -, abrangendo mais de 65 mil habitantes, não existe qualquer unidade de saúde e as três que estão dotadas de equipamentos de saúde - Odivelas, Sacavém e Loures -, defrontam-se com instalações deficientes, com escassez de meios humanos e um elevado número de utentes.

O Executivo da Concelhia de Loures do PCP reivindica assim a construção de Centros de Saúde/extensões nas freguesias da Portela, S. João da Talha, Catujal, Stº António dos Cavaleiros, Famões, Ramada e Oli-

val Basto; a instalação de CATUS na Pontinha, Póvoa de Stº Adrião, Stº António dos Cavaleiros, Sacavém e Stº Iria de Azóia; a passagem de 3 para 7 Centro de Saúde no Concelho de Loures, instalando-se os novos em Moscavide, S. João da Talha, Póvoa de Stº Adrião e Pontinha. E reafirma que, em conjugação de esforços com os seus eleitos nas autarquias locais e com o seu grupo parlamentar, tudo fará para que estas reivindicações «sejam assumidas pelo actual Governo como prioritárias», e inscritas no Orçamento de Estado e no PID-DAC de 1997.

CAMARADAS FALECIDOS

Maria Irene Favita Roque

Faleceu, no passado dia 11 de Agosto, em Portimão, a camarada Maria Irene Favita Roque. A camarada Irene, que contava 51 anos de idade, foi funcionária do Partido desde 1969 até 1992, tendo desempenhado diversas tarefas partidárias, das quais se destacam as que desempenhou durante vários anos na clandestinidade, enquanto funcionária do Partido.

José Esteves Alves

Com 76 anos de idade, faleceu no passado dia 26 de Agosto o camarada José Esteves Alves, comerciante na praça de Viana do Castelo.

Tendo aderido ao PCP em 1950, José Esteves colocou sempre as suas energias e capacidades ao serviço dos trabalhadores, participando em todas as lutas travadas no distrito em defesa da liberdade e democracia. Pertenceu à Comissão Concelhia de Viana do Castelo logo após o 25 de Abril e esteve ligado ao movimento associativo. O seu funeral constituiu uma grande manifestação de pesar, tendo a evocação fúnebre ficado a cargo do camarada António Lopes, da Comissão Política do CC.

Palmira Santos Canejo

Com 84 anos de idade, faleceu no passado dia 19 de Agosto, no Couço, a camarada Palmira Santos Canejo. Militante dedicada, Palmira Canejo era membro do Partido desde antes do 25 de Abril, sendo muito considerada pela população do Couço.

Rosa Parente Tiago

Faleceu recentemente, em Lisboa, com 61 anos de idade, a camarada Rosa Parente Tiago. Membro da Comissão de Freguesia de Alcântara e do Organismo de Direcção da Zona Ocidental de Lisboa, desempenhava ainda diversas outras tarefas do Partido.

Aníbal dos Santos Dias

Faleceu, no dia 30 de Agosto, o camarada Aníbal dos Santos Dias que contava 82 anos. Membro do Partido desde 1974, o camarada estava organizado na freguesia da Cova da Piedade.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Shopping prejudica comerciantes

A aprovação da construção do Maia Shopping, põe em causa os interesses dos pequenos e médios comerciantes de Ermesinde e Maia e confirma que a política do Governo do PS é igual à do PSD na defesa dos interesses do grande capital, diz a Comissão de Freguesia de Ermesinde do PCP, em comunicado de sexta-feira passada.

As contrapartidas de novos acessos, arruamentos,

etc., dadas pelo Maia Shopping, são afinal do seu próprio interesse, não compensando os prejuízos que daí advêm para os comerciantes e, a longo prazo, para a própria população, afirmam os comunistas de Ermesinde para quem as soluções mais correctas «devem ser discutidas e negociadas com o envolvimento directo dos comerciantes» da zona.

Subsídio em prestações

Alegando dificuldades financeiras, a administração do Centro de Promoção Social do Furadouro, importante IPSS do concelho de Ovar, continua sem pagar à esmagadora maioria das trabalhadoras o subsídio de férias a que têm direito.

A administração, que havia começado por tentar pagar o subsídio «às pinguinhas», face à determinação das trabalhadoras de não aceitarem tal

forma de pagamento, e tentando enfraquecer a sua luta, continua no fim das férias sem dar uma resposta cabal e satisfatória àquela justa reivindicação.

Congratulando-se com a unidade manifestada pelas trabalhadoras deste Centro, a Concelhia de Ovar, em nota de 22 de Agosto à comunicação social, solidariza-se com a sua luta.

TRABALHADORES

Indignados com falta de empenhamento do Governo

Jovens enfermeiros radicalizam a luta por emprego estável

O Sindicato dos Enfermeiros Portugueses afirma que a falta de vontade do Governo para resolver os problemas do desemprego e emprego precário, que afectam centenas de jovens profissionais, põe em causa os cuidados de enfermagem a que os utentes têm direito.

«Inacreditavelmente, e após longos meses em que o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses procurou, pela via do diálogo, a resolução desta situação, o Governo apresentou-se na reunião sem dados concretos, sem resoluções e sem vontade política para decidir», afirma a direcção do SEP no comunicado que divulgou depois do encontro que teve na semana passada com representantes do Ministério da Saúde, da Secretaria de Estado da Administração Pública e do ministro-adjunto.

A delegação sindical, que integrava dirigentes do SEP e activistas das comissões de jovens enfermeiros, apresentou aos responsáveis governamentais a exigência de que os profissionais de enfermagem, actualmente a assegurar necessidades permanentes nas instituições públicas de saúde, mas com contratos a termo certo, sejam admitidos através de *contratos administrativos de provimento* (sem quotas de descongelamento de lugares nos quadros de pessoal); também voltaram a apresentar a reclamação de que seja definido um plano nacional de emprego para o sector.

Contudo, dos representantes do Governo os sindicalistas não

ouviram a exposição de propostas ou medidas para fazer face ao problema dos jovens enfermeiros com vínculos precário.

Face a tal resultado, o SEP exigiu encontrar-se com os membros do Governo a quem cabe avançar com «medidas imediatas de resolução» desta questão. Se tal reunião não tiver lugar até amanhã, o sindicato vai pedir a intervenção do primeiro-ministro.

Acções públicas

Na nota divulgada dia 29, a direcção do SEP afirma que os enfermeiros «estão dispostos a radicalizar formas de luta, em várias instituições do País».

Foi o que sucedeu já antontem à tarde, no Porto: jovens profissionais levaram o seu protesto para a rua e, procurando sensibilizar a opinião pública para o absurdo que é a não admissão de enfermeiros que fazem falta nas instituições de saúde, foram «arrumar carros» junto ao Hospital de São João.

A realização desta acção de protesto foi decidida num plenário que, segundo o SEP, reuniu na noite de 29 para 30 de Agosto cerca de duas centenas de



Nos hospitais e centros de saúde sobra trabalho e faltam enfermeiros, mas o Governo não apresenta medidas para solucionar os problemas de emprego dos jovens profissionais (foto de arquivo)

jovens enfermeiros dos distritos do Porto e Braga. Na moção ali aprovada é condenada «a velha e pseudo-solução das quotas de descongelamento» e é proposto à direcção do sindicato que não participe em mais nenhuma reunião «que não seja única e exclusivamente com os responsáveis governamentais ou com o primeiro-ministro».

O resultado da reunião foi também comentado pela comissão de jovens profissionais do SEP no distrito de Portalegre,

que reuniu de emergência na passada sexta-feira. Interrogando-se como irá resolver o problema do desemprego de 450 mil portugueses um Governo que não consegue resolver o problema de 1500 enfermeiros, aquela estrutura afirma que «estamos perante mais uma contradição: o mesmo Governo que se afirma preocupado com a Saúde e com o desemprego é também aquele que, com este tipo de decisões ou indecisões, de uma assentada, promove o

desemprego na Saúde e degrada as condições de atendimento em Saúde aos cidadãos, demonstrando não serem estas matérias as suas verdadeiras prioridades».

A direcção regional de Coimbra do Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, dois dias antes da reunião no Ministério da Saúde, tinha denunciado o caso concreto de 15 enfermeiros, contratados a termo certo há cerca de 6 meses, e que correm o sério risco de ser despedidos no

final do contrato. Ao ser aberto novo concurso para o preenchimento dos lugares onde aqueles 15 profissionais desempenharam tarefas permanentes e imprescindíveis, estes ficam automaticamente impedidos de se candidatarem a reocupar os postos de trabalho. «Neste entrar e sair de profissionais qualificados, no mínimo, não pode beneficiar nem a instituição, nem os utentes, nem os profissionais» protesta-se no comunicado da delegação coimbrã do SEP.

Portucel quer afundar 188 empregos no Alqueva

A União dos Sindicatos de Évora denunciou publicamente as responsabilidades do Governo, da Portucel, da EDIA e das câmaras de Mourão e Reguengos. A exigência de manutenção dos postos de trabalho é tanto mais justa quanto se prepara a abertura de uma nova unidade com características semelhantes às da Portucel Recicla.

Na última quinzena de Julho, a estrutura distrital da CGTP escreveu duas vezes ao governador civil, alertando-o para os perigos que ameaçam a Portucel Recicla, localizada no concelho de Mourão, em terrenos que ficarão submersos pela barragem do Alqueva.

Passado um mês, o representante do Governo não respondeu ao pedido urgente de uma audiência e os principais responsáveis pelo futuro da empresa - que emprega 188 pessoas e declarou ter gasto em 1995 cerca de 22 mil contos em formação profissional - não deram mostras de preocupação e consequentes medidas para defender os postos de trabalho ameaçados. Em conferência de imprensa dada na semana passada em Évora, a união de sindicatos do distrito e a comissão de trabalhadores da Portucel Recicla trouxeram a público o seu protesto e reafirmaram a disposição de lutar em defesa do emprego e dos direitos ameaçados.

Isso era na oposição...

«O Alentejo continua a ser abandonado pelo Governo que, na oposição, tudo prometia, mas que no exercício do poder nada faz, antes pelo contrário, tem uma atitude de total ausência de vontade política de verdadeiro desenvolvimento da região», afirmam as estruturas promotoras da conferência de imprensa. Nos documentos distribuídos aos jornalistas, a USDE/CGTP e a comissão de trabalhadores da Portucel Recicla concluem que o novo executivo socialista «tem uma política de desenvolvimento e de criação de emprego não muito diferente do anterior».

Foi particularmente criticado o ministro João Cravinho, que numa recente deslocação ao Alqueva afirmou que a única saída seria o encerramento da empresa.

Para o Governo, «as possibilidades de reinstalação da fábrica na zona

são praticamente inexistentes, face ao tipo de actividades que exerce e por ter uma localização economicamente pouco interessante». A estes argumentos contrapõem os representantes dos trabalhadores o facto de, sem qualquer prejuízo para as actividades desenvolvidas, estas serem localizadas fora do Alentejo as unidades de transformação de cortiça, de mármore e de granitos - de que a região é o maior produtor nacional. Por isso, a posição do ministro «não tem justificação económica, nem sequer justificação moral».

Depois das últimas eleições legislativas alterou-se também a posição dos autarcas socialistas, regista a USDE na correspondência enviada ao governador civil de Évora, considerando que «mais grave é todo o silenciamento que o Governo tem imposto às câmaras municipais de Reguengos de Monsaraz e de Mourão, que há um ano reivindicavam a manutenção da empresa na região, remetendo

agora para o esquecimento essa justa reivindicação».

Sindicatos e CT acusam a administração da Portucel Recicla de ter para com os trabalhadores «um comportamento no mínimo condenável, ao escamotear informações e esclarecimentos, ao longo de todo este processo»; denunciam também a atitude da EDIA (a empresa responsável pelo empreendimento do Alqueva) de «convivência com a destruição dos 188 postos de trabalho, afectando assim mais de 500 pessoas desses agregados familiares».

As críticas subiram de tom quando foi conhecida a intenção da Gescartão de «apoiar o desenvolvimento de estudos relativos à instalação de uma nova unidade de papel reciclado para embalagem», objectivo afirmado numa ordem de serviço daquela empresa do grupo Portucel, que detém 65 por cento do capital da Portucel Recicla. «É evidente a intenção de outros se prepararem para criar emprego, com os dinheiros públicos das indemnizações do encerramento da Portucel Recicla, enquanto na nossa região o desemprego vai aumentando» - protestava a união de sindicatos na carta que enviou ao governador civil a 30 de Julho.



A estrutura distrital de CGTP já tinha alertado para os perigos...

CDU/Açores Desbloqueados fundos comunitários

Uma situação de ilegalidade que já se arrastava há dois anos - o atraso de pagamentos aos formandos abrangidos pelos programas comunitários Horizon e Now, que tiveram lugar em diversas freguesias de S. Miguel (Açores) - foi finalmente desbloqueada, nomeadamente graças à intervenção da CDU/Açores.

As dívidas acumuladas, sublinha a CDU em comunicado, "não totalizando um montante global volumoso, constituíam no entanto um conjunto de quantias absolutamente indispensáveis às famílias que a elas tinham direito, dado o nível geral muito baixo de rendimentos". Na superação da situação em causa interveio uma deputação do Parlamento Europeu, que dela tomou conhecimento no quadro de uma iniciativa da CDU/Açores "Em Diálogo com os Açorianos", a que se seguiram várias acções envolvendo diversos cidadãos da freguesia de Rabo de Peixe (em que era maior o número de participantes neste programa comunitário).

CNA denuncia critérios de Maastricht

"O governo português deve recusar a recente proposta da Comissão Europeia que visa a redução do valor da ajuda compensatória ao hectare das produções de cereais, oleaginosas e linho não-têxtil, e não deve aceitar a *chumbo* da comissão sobre a também recente proposta de revisão do Plano Nacional de Regionalização das Culturas Arvenses, apresentada a Bruxelas", defende a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), em comunicado de imprensa.

A CNA denuncia que a Comissão Europeia quer impor a redução neste tipo de ajuda a pretexto dos gastos provocados pela crise das *vacas loucas*, "quando as maiores culpas pela dimensão da crise recaem sobre a própria Comissão e, por exemplo, sobre o governo português (à data de 1992/3) que ocultaram e negligenciaram a doença e os seus efeitos sobre o consumo e consequentes prejuízos sobre a produção". A CNA sublinha ainda que "por detrás destes cortes e ameaças de cortes nas verbas sectoriais e no Orçamento da UE, que podem fazer recair sobre a agricultura familiar os mais graves prejuízos, escondem-se, de facto, as imposições dos critérios de convergência nominal do Tratado de Maastricht e a sua profunda injustiça social".

Luz verde às obras da ponte

A Câmara Municipal de Loures deu o seu acordo para o prosseguimento das obras da Nova Travessia sobre o Tejo, em Sacavém e Prior Velho - Nô de Sacavém, por se terem entretanto definido soluções alternativas para que a circulação entre estas duas freguesias se continue a processar (questão essencial para as populações e que não tinha sido anteriormente considerada pelas empresas construtoras).

As soluções encontradas garantem que serão sempre asseguradas alternativas viárias que minimizem os incómodos provocados pelas obras, enquanto a Rodoviária de Lisboa estabelecerá uma carreira complementar.

Resíduos tóxicos hospitalares

O grave problema dos resíduos tóxicos no Concelho do Montijo, que se arrasta desde meados de Junho, parece finalmente ter a solução adequada.

Informação divulgada pela Câmara do Montijo indica que o Ministério da Saúde já garantiu que a operação de remoção e incineração dos resíduos hospitalares detectados no Concelho se encontra totalmente concluída. Quanto às empresas que "activamente estiveram envolvidas neste atentado ao ambiente, à saúde pública e às populações do Montijo", a Sopsel e Hospigest, foi determinada a suspensão dos contratos existentes com Hospitais, autoridades de Saúde e Administrações Regionais de Saúde.

Santiago de Litém CDU apresenta lista

"As divisões e a falta de orientação do PSD, após ter sido afastado do governo em 95 também chegaram ao Pombal, e levaram à confusão que está na origem da marcação de eleições intercalares para a Freguesia de Santiago de Litém, para o próximo dia 20/10/96", afirma-se em comunicado da CDU.

A CDU concorre a estas eleições, defendendo o aumento de competências e verbas para as Freguesias e a implementação do Poder Regional Democrático.

A lista da CDU é composta por treze pessoas (uma mais que o necessário), com uma maior participação de mulheres. Em relação a 1993, a renovação da sua composição é de 58%.

Semana da Juventude

Vai decorrer na Vidigueira, entre 9 e 14 de Setembro, a Semana da Juventude 96. Uma iniciativa da Câmara Municipal que, para além de várias iniciativas desportivas e exposições de fotografia, artesanato e artes plásticas, conta com a realização de uma mostra de Teatro Alternativo, uma mostra de Rock Alternativo e uma Feira do Livro.



Vigília de solidariedade com os imigrantes franceses, frente à Embaixada de França

Quem cala consente

Por iniciativa da Frente Anti-Racista realizou-se na passada sexta-feira, frente à Embaixada de França, em Lisboa, uma vigília de solidariedade com os imigrantes vítimas da repressão em França.

Uma acção de solidariedade e protesto que contou nomeadamente com a adesão do Conselho Nacional da Juventude,

Kabojovem, Conselho Português para a Paz e Cooperação, Morna, Associação Unidos de Cabo Verde, Associação Cabo-Verdiana, AJPAS, Ecolojovem, CGTP-IN, União dos Sindicatos de Lisboa, Sindicato da Alimentação e Tabacos, Sindicato das Indústrias Eléctricas do Sul e Ilhas.

A Frente Anti-Racista tomou

igualmente posição, em comunicado à imprensa, sobre os recentes acontecimentos verificados em Vila Verde-Freguesia de Oleiros com a comunidade cigana, manifestando a sua total solidariedade com esta comunidade e condenando o "acto de discriminação premeditado".

A Frente Anti-Racista condena simultaneamente as auto-

ridades "pela sua conduta irresponsável, violadora dos princípios constitucionais e das funções democráticas de uma estrutura autárquica, no âmbito dos seus poderes de representar todos os munícipes sem excepção" e exige a imediata reposição do "respeito pela Constituição e pelas Leis da República".

ETAR de Mondim da Beira CDU denuncia construção clandestina

O início da construção clandestina, à margem da legislação em vigor, de uma ETAR em Mondim da Beira, foi denunciada a semana passada, à imprensa, pela Coordenadora da CDU do Concelho de Tarouca. Mais uma das "ilegalidades cometidas na Câmara Municipal pelo seu Presidente e pela maioria do PSD que o suporta".

Em causa está o local em que se pretendia construir a ETAR de Mondim da Beira, "num terreno que está incluído na área de Reserva Ecológica Nacional e

Reserva Agrícola Nacional, quando o Plano Director Municipal de Tarouca (aprovado pela Câmara e Assembleia Municipal e ractificado pelo Conselho de Ministros) preconiza outra solução para a drenagem e tratamento de esgotos no nosso Concelho". Trata-se de "terrenos de infiltração máxima e estão situados no leito de cheia do rio Barosa, cujas riquezas, em termos de fauna e flora, é urgente defender".

Graças à intervenção da CDU junto das autoridades

competentes, foi possível "impor ao Presidente da Câmara de Tarouca, contra a sua vontade, a paragem das obras da referida ETAR clandestina". Mas, naturalmente, com custos para a população local - pelo "esbanjamento de dinheiros públicos na construção indevida da referida obra clandestina, como, aliás, tem acontecido em muitas outras situações" e ainda pelos "maiores atrasos que a situação criada vai provocar na ligação dos esgotos de Mondim da Beira".

Os eleitos da CDU comprometem-se, entretanto, a "continuar a lutar no sentido da que a chamada ETAR de Mondim da Beira seja correctamente localizada, de forma a salvaguardar o património ecológico e natural de Tarouca (nomeadamente as margens do rio Barosa), servir o maior número possível da população do Concelho de Tarouca com rede de esgotos e respectivo tratamento e salvaguardar uma gestão eficiente dos dinheiros públicos".



Crianças sarauis em Loures

Terminou hoje o campo de férias para um grupo de dez crianças do Sarah Ocidental, na Quinta das Águas Férreas, em Caneças, organizado pela Câmara Municipal de Loures.

Ao longo de cinco dias, este grupo de crianças teve oportunidade de contactar com alguns aspectos da realidade do concelho e conviver com jovens de Loures. O grupo visitou nomeadamente a exposição sobre a Declaração Universal dos Direitos do Homem, patente, até ao fim do mês, no Centro Cultural da Malaposta.

INTERNACIONAL

Processo de paz no Médio Oriente Para a frente ou para trás?

Arafat agiu, enfim, e foi seguido por todos os palestinianos - as principais vítimas das posições do executivo israelita. A diplomacia não foi abandonada, mas «as sirenes de alarme estão a tocar».

Yasser Arafat convocou para quinta-feira passada uma greve geral nos territórios, em protesto contra as expropriações, demolições e expansão dos colonatos israelitas. As «declarações de guerra ao processo de paz», como os palestinianos consideram, têm-se multiplicado nos últimos meses. Há seis meses, o bloqueio à Faixa de Gaza e à Margem Ocidental impediu que mais de dois milhões de palestinianos se deslocassem aos seus postos de trabalho, generalizando-se a falta de alimentos e o desemprego. O défice atingiu já 150 milhões de dólares.

Na semana passada, na terça-feira, o governo israelita, enquanto se preparava para demolir um centro de social palestiniano da Cidade Velha de Jerusalém com a alegação que este não tinha autorização camarária, autorizou a construção de mais 900 habitações do colonato de Kyriat Sefer.

Esta foi a gota de água e,

numa atitude totalmente pacífica, os palestinianos paralisaram durante quatro horas e acorreram à mesquita de al-Aqsa, em Jerusalém Leste, respondendo ao apelo do seu presidente. Na mesquita apenas reza-

ram dois mil muçulmanos, e não os cem mil que para lá se deslocaram, pois a fuzilaria estava a polícia israelita, impedindo a entrada de palestinianos na cidade. E assim se junta mais uma acusação de Arafat a Netanyahu: a proibição de rezar nos seus templos.

O processo de paz, abandonado desde Março, tem como principal entrave o governo israelita. A comunidade internacional é unânime na condenação da política

de colonização e nas posições do primeiro-ministro. A data do fecho da nossa edição, estava prevista para a noite de terça-feira o tão aguardado (e sempre adiado) encontro entre os líderes palestiniano e israelita.

Este é, aliás, um passo dado com muita dificuldade por parte de Netanyahu. Recentemente, o primeiro-ministro israelita disse que «encontrar Arafat não é uma simples decisão política nem uma questão de

assinatura de documento. É uma reconciliação com o pior inimigo de Israel, com o assassino do meu irmão e isso é, para mim, uma decisão atroz».

Esta posição encontra eco em parte da população israelita, mas, meio ano passado sobre os atentados terroristas, o medo que elegu Netanyahu já não está tão presente. Agora o que é mais gritante é a situação de injustiça com que os palestinianos têm de lidar.



Polícia israelita em Jerusalém

Bósnia

O secretário-geral da ONU acusou as autoridades croatas de continuarem a violar os direitos dos sérvios bósnios, apesar dos pedidos das Nações Unidas para que garantam a sua segurança e bem-estar. Na semana passada, num relatório para o Conselho de Segurança daquela organização, Butros-Ghali afirma que se «generalizaram as pilhagens e os actos de intimidação», apontando ao pormenor as violações dos direitos humanos perpetrados naquela região durante o mês de Agosto. «Várias bombas lançadas contra membros da população sérvia local, bem como as perseguições, vieram agravar a situação», acrescenta no documento.

México

Na semana em que se verificaram várias ofensivas do Exército Popular Revolucionário (EPR) e das forças de segurança institucionais, o arcebispo do México emitiu na sexta-feira um comunicado em que manifesta grande preocupação pela situação vivida pelos mais desfavorecidos, «apesar de continuar a defender as estratégias económicas oficiais». Aludindo ao aumento do desemprego, de actos criminosos, da prostituição, da mendicância e dos índices de pobreza, os bispos mexicanos afirmaram que «a violência só gera mais violência, dor e frustração», criticando grupos de poder oficiais de obstruírem acordos.

Prostituição infantil

O I Congresso Mundial Contra a Exploração Sexual Comercial de Crianças, realizado em Estocolmo, terminou no sábado com uma análise aos diversos painéis regionais. Mais de um milhão de crianças por ano são forçadas a prostituir-se, vendidas a redes ou usadas na indústria da pornografia. A Tailândia foi apontada como o país onde a prostituição infantil é mais flagrante, onde inclusivamente existem aldeias onde não há um só adolescente. Segundo os participantes, a solução para esta questão passa pela cooperação entre governos e mobilização das instituições e dos políticos na luta contra a «escravatura dos nossos dias».

Internet

A Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) reuniu-se no início desta semana de forma a encontrar uma estratégia comum de controlo à Internet, para evitar os conteúdos ofensivos e prejudiciais aos «valores asiáticos». Mas esta não é uma questão consensual. Singapura, por exemplo, já tomou a iniciativa de adoptar normas reguladoras do uso da Internet que prevêm a censura para um controlo ao debate político e religioso e aos conteúdos pornográficos. Por seu lado, as Filipinas recusam-se a interferir na liberdade de debate político preferindo esquemas de «autocontrolo» por parte dos fornecedores de acesso à rede.

Iraque

A quem interessa o clima de tensão?

Na manhã de terça-feira, os Estados Unidos dispararam mísseis de cruzeiro contra as instalações de defesa antiaérea no Iraque. O ataque, que terá feito numerosas vítimas entre civis, só poderá contribuir para uma escalada de tensão na zona, de consequências imprevisíveis.

Desde o início da ofensiva militar iraquiana na zona curda, no Norte do Iraque, que se vinha a assistir a uma escalada de medidas e ameaças militares por parte dos Estados Unidos. O porta-voz da Casa Branca, Mike McCurry, afirmou explicitamente que apesar do anúncio da retirada iraquiana de Erbil (informação divulgada por representantes do Comité Internacional da Cruz Vermelha e responsáveis da ONU), «existem provas de que algumas forças estão a penetrar mais profundamente» em território de população curda.

Segundo a cadeia de televisão CNN, o presidente norte-americano, Bill Clinton, aprovou um plano militar e económico contra o Iraque. A CNN divulgou ainda que bombardeiros «B-52», equipados com mísseis de cruzeiro, partiram de uma base na ilha Guam, no Pacífico. Informação que veio a ser implicitamente confirmada pelo porta-voz da Casa Branca, que entretanto comen-

tou não se tratar de uma informação «significativa»...

Tudo indica que o presidente norte-americano pretende explorar o novo momento de tensão - gerado numa zona e num quadro político propício (também como sequela da guerra do Golfo) a sempre renovados conflitos - talvez como uma contribuição para a sua campanha eleitoral.

Para Bagdad, como para os diferentes países da zona, da Turquia ao Irão, trata-se de alimentar e utilizar as divisões políticas no seio da população curda em proveito dos seus próprios interesses, a que não será alheio o facto de as populações curdas se encontrarem em zonas particularmente ricas em petróleo e água.

Os curdos são 25 milhões de pessoas, espalhados por todos os continentes, constituindo o maior grupo étnico sem um Estado próprio. Cerca de três milhões vivem no Norte do Iraque.

Tchetchenia Acordo de paz

Num quadro político confuso, foi estabelecido um acordo de paz para a Tchetchenia, em reunião entre o general Lebed, secretário do Conselho de Segurança russo, e dirigentes dos independentistas tchetchenos.

Lebed não conseguiu, entretanto, reunir-se com o presidente Ieltsin, enquanto o primeiro-ministro, Viktor Tchernomiirdin, reservou uma opinião sobre o acordo, sublinhando que a «integridade territorial da Rússia» deverá constituir uma das bases para qualquer regularização da paz.

O documento do acordo tem dois pontos fundamentais, adiando para 2001 a discussão da independência daquela república.

O primeiro ponto indica que «deve chegar-se a um acordo sobre os princípios básicos das relações entre a Federação Russa e a República Tchetchena, baseados na lei internacional, em 31 de Dezembro de 2001».

O segundo refere que, até 1 de Outubro de 1996, as partes formarão uma comissão conjunta para fiscalizar a retirada completa das tropas russas da Tchetchenia e coordenar os passos na luta contra o crime e o terrorismo nessa região.

A comissão também deverá trabalhar em propostas de futuras relações financeiras entre a Rússia e a Tchetchenia, como ainda no programa de reconstrução económica e social da Tchetchenia.

«A legislação da República Tchetchena deverá basear-se no respeito pelos direitos humanos, no direito à autodeterminação nacional, na liberdade de expressão, na paz civil, na harmonia étnica e na segurança de todos os residentes», afirma-se ainda no documento.

A guerra provocou mais de 80 000 mortos desde o seu início há 21 meses, 80 por cento dos quais civis.

Suspense na privatização da Tabaqueira

Quem vai



Não se trata propriamente de uma zanga de comadres — isso poderia prejudicar todos os compadres. Tão-pouco se trata de uma dança de abutres em torno da próxima presa — moribunda é que a Tabaqueira não está! Talvez seja, afinal, apenas mais um episódio do esbulho do sector empresarial do Estado, um folhetim a que o Governo socialista dá continuação com tanto empenho quanto o demonstrado pelos executivos de Cavaco e do PSD.

Neste momento, até o calendário das operações está muito indefinido — os prazos previstos no caderno de encargos publicado oficialmente a 26 de Julho foram modificados por uma errata distribuída já a meio de Agosto, notando-se algum interesse de potenciais compradores em adiar a decisão para lá de 23 de Setembro. É cedo para dizer que ganhará a «Philip Morris», com Jorge de Mello por parceiro, ou os franceses da «Seita» com Horácio Roque, ou a «British American Tobacco», ou outro interessado de que não se tenha falado tanto. Mas as poucas verdades que se vão conhecendo mostram que, mais uma vez, o negócio (com que alguns daqueles irão lucrar) vai prejudicar o Estado português e a economia nacional e vai agravar os problemas dos trabalhadores e a insegurança dos empregos.

PS muda mas mantém

Para estas conseqüências têm alertado as estruturas representativas dos trabalhadores da Tabaqueira, que se têm oposto fundamentadamente às velhas intenções privatizadoras. Nesse sentido agiram os deputados do PCP na AR, logo após as últimas eleições legislativas, propondo a não ratificação do decreto-lei do executivo PSD sobre a venda da Tabaqueira (proposta que foi aprovada em Dezembro passado, com o voto favorável do PS e do PEV).

Só que o voto dos deputados socialistas não significou qualquer alteração fundamental: em Abril, o Governo do PS aprovou um novo decreto retomando o processo de venda da Tabaqueira a privados. Tal como antes, não são apresentados motivos de carácter económico ou financeiro para tal opção — como é que se pode jus-

tificar, deste ponto de vista, a alienação pelo Estado de uma empresa altamente lucrativa, detentora de uma quota de dois terços do mercado nacional de tabaco, com participações em mais de duas dúzias de firmas e proprietária de um património valiosíssimo?

O diploma do executivo socialista responde a algumas preocupações e reclamações dos trabalhadores da Tabaqueira e dos que combateram a privatização preconizada pelo PSD. «O projecto inicial foi alterado com a nossa pressão», sublinhou ao «Avante!» Mário Rui, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação do Sul e Tabacos. E apontou, com alguma satisfação, três exigências que agora são feitas ao futuro comprador:

- manter a produção na fábrica de Albarraque,
- promover as marcas nacionais de cigarros
- e prosseguir as outras actividades da empresa (nomeadamente o projecto de cultivo de tabaco).

Estas são questões particularmente caras aos trabalhadores, uma vez que têm a ver com a estabilidade dos empregos — o que é especialmente importante se se tiver em conta que nos últimos cinco anos foram liquidados 700 postos de trabalho (numa década em que os efectivos passaram de 2700 para menos de 700), segundo informações sindicais.

Mas qual será o valor destes compromissos quando os novos donos da Tabaqueira estiverem instalados de pedra e cal, com os 65 por cento de capital que adquirirem lá para o final deste



mês e mais as acções que lhes forem parar às mãos no final da operação?

A posição do Governo do PS continua a merecer as mesmas críticas que, no fundamental, eram endereçadas aos projectos cavatistas de privatização da Tabaqueira. «Afinal, o PS e o seu Governo só discordavam dos meios, e não do fim perseguido pelo PSD» — protestava Graciete Cruz, da Comissão Executiva da CGTP, no último número do jornal da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação, Bebidas e Tabacos. Por isso, os trabalhadores da Tabaqueira e os seus representantes mantêm o seu convicto empenhamento no combate à entrega da empresa ao capital privado, independentemente dos nomes que venham a ser contemplados neste bodo.

ganhar o que o Estado perde?

A poucas semanas da concretização da primeira fase da entrega da Tabaqueira ao capital privado, intensificam-se os movimentos dos potenciais compradores, vêm a lume alianças e desconfianças, são lançados para a ribalta novos argumentos. Inevitavelmente, ficam a descoberto perante a opinião pública mais algumas verdades.



Texto:
Domingos
Mealha



Operação «desvalorização»

A experiência popular concluiu há muito que «quem desdenha quer comprar». O caso da Tabaqueira mostra como, no saque do sector empresarial do Estado, é quem quer vender que faz tudo para baixar o preço.

Na operação de privatização, o Governo fixou em 4650 escudos o preço de cada acção da Tabaqueira, o que coloca o valor da empresa em 46 milhões e 650 mil contos. Feitas as contas, diz-se que o Estado vai encaixar uma verba superior a 32 milhões de contos nesta primeira fase, em que é alienada uma fatia de 65 por cento do capital.

«Há, sem dúvida alguma, uma subavaliação», afirma Mário Rui. O dirigente do STIAST realça o grande valor da Tabaqueira só como empresa de cultivo, fabrico e distribuição de tabaco, que ainda detém 74 por cento do mercado nacional. Mas o grupo que tem na Tabaqueira a empresa-mãe engloba mais 24 firmas, actuando em áreas que vão do imobiliário à indústria alimentar, passando pela mediação de seguros e pelas artes gráficas.

Os números oficiais da empresa (citados na «Valor», Nº 239, de 30 de Maio) registam resultados líquidos (já deduzidos os impostos sobre os lucros) que somam mais de 8 milhões de contos nos últimos três anos: 3519,9 mil contos em 1993; 2335,7 mil contos em 1994; e 2396,9 em 1995.

Que o preço determinado pelo Governo é exagerado, protestam os interessados na compra. Que não senhor, responde o ministro Sousa Franco, está de acordo com o resultado das avaliações. Mas, antes dos números apresentados agora na avaliação do BFE e do BPI, o valor da Tabaqueira já tinha sido estimado em 80 milhões de contos, lembra Mário Rui, desfiando de seguida um rol de actos dos governos e dos responsáveis da empresa que configuram uma verdadeira operação de desvalorização.

Quota em queda

À cabeça surge a brusca perda de mercado, a favor da «Philip Morris». Em 1990, refere o sindicalista, a Tabaqueira ocupava uma posição praticamente de monopólio, com 97 por cento das vendas. Nesse tempo, a empresa «não se esforçava para vender, esperava apenas que lhe viessem comprar». Com a liberalização, entrou no jogo a multinacional americana, um gigante com 177 mil trabalhadores em todo o mundo e um orçamento anual equivalente ao PIB português; logo à partida, a «Philip Morris» previa 5 anos de prejuízos; o objectivo era a conquista de mercado, obviamente, e para isso contava com uma marca mundialmente conhecida («Marlboro»), um marketing agressivo, preços mais baixos e melhores condições para os revendedores.

Uma grande ajuda foi dada à «Philip Morris» pelo Governo PSD/Cavaco, quando procedeu a fortes aumentos do preço de venda do tabaco, em 1992: negou à «Tabaqueira» o fornecimento

de um stock de selos que permitiria manter os preços no mercado durante 4 ou 5 meses, mas forneceu à multinacional selos que garantiram a venda dos seus maços de tabaco, a preços antigos, durante uns bons 8 meses!

Actuando como se a situação de monopólio não estivesse a alterar-se, a «Tabaqueira» envereda pela diversificação dos seus negócios, alargando para áreas novas. São adquiridas, por decisão do accionista Estado e em parceria com o grupo Jorge de Mello, participações em diversas empresas da indústria alimentar, formando-se assim o grupo «Nutrinveste».

O Governo continuou objectivamente a trabalhar para a perda de mercado, permitindo que a «Philip Morris» publicitasse as suas marcas «Marlboro» e «LM», ao mesmo tempo que até a publicidade indirecta das marcas da «Tabaqueira» era sujeita a apertada perseguição.

Descapitalização

A operação de desvalorização teve outra importante peça na alienação de património. Neste campo, o destaque vai para a decisão de subtrair à «Tabaqueira» as participações na «União de Bancos Portugueses» e nos seguros «Bonança»: num ápice, o Estado sacou dos cofres da empresa 16 milhões de contos, na primavera de 1994. Aliás, para os representantes dos trabalhadores, a diversificação veio sobretudo abrir as portas à descapitalização da «Tabaqueira».

Na «Nutrinveste» a participação da «Tabaqueira» é de 49 por cento, cabendo os restantes 51 por cento ao grupo Jorge de Mello (agora aliado da «Philip Morris» para a privatização). Depois de ter custeado o saneamento financeiro das oito empresas daquele grupo, a «Tabaqueira» vê agora o seu valor diminuído pelos prejuízos acumulados nos últimos anos.

Vieram a lume outros estranhos negócios, em que a empresa nacional de tabacos ficou claramente prejudicada. Foi o caso do prédio na Rua Fernandes Tomás, no Porto, vendido por 185 mil contos a uma empresa que depois o alugou por um valor que permite um rendimento anual de mais de 300 mil contos (segundo o «Independente», de 21 de Abril do ano passado).

Quem vai ganhar com a privatização, ainda não se sabe. São evidentes as perdas da «Tabaqueira», da economia nacional, dos trabalhadores. De responsabilidades, os responsáveis nem querem ouvir falar.

Revela a «Valor» (14 de Agosto) que Eduardo Catroga, ministro das Finanças nos tempos de Cavaco Silva, foi contratado por Jorge de Mello para analisar as participações da «Nutrinveste». Mais ou menos na mesma altura, o secretário de Estado da Indústria do Governo de António Guterres revelava que tem por hábito abrir uma garrafa de champanhe por cada privatização concretizada.

«Reformar o sistema» ou fugir às responsabilidades?

A RECENTE investidura dos candidatos presidenciais norte-americanos confirmou ser aquilo a que nos habituou: um espectáculo preparado ao milímetro com intenções mediáticas e de que não se esperam novidades significativas. Mais: por questões de fundo e também na disputa do mesmo eleitorado «central», que hesita entre os dois candidatos e os partidos democrata e republicano, os discursos aproximam-se (tal como se tinham aproximado as práticas políticas), passam a ser coincidentes em aspectos essenciais, restando sobretudo as diferenças de bases de apoio e de pormenores como a mudança dos símbolos e da capacidade televisiva dos candidatos.

Neste quadro, é de menor importância o tratamento dos problemas reais das pessoas concretas, até porque as franjas de sectores como desempregados ou os tão decantados «excluídos» não são eleitoralmente determinantes; outros sectores podem ser ganhos na base da ideia da alternância, em que o descontentamento contra quem exerce o poder é canalizado votando noutros sectores, que por sua vez fariam uma política semelhante, que provocaria novos factores de descontentamento. Em geral, a falta de consistência das alternativas contribui para a eternização da realidade criada e que foi designada por «catch-all-parties», partidos em que cabem sectores ideologicamente diversificados (com limites) e em que a direcção ou o líder funcionam com o máximo de ambiguidade possível, para constituir o «máximo denominador comum» de correntes contraditórias.

O mais significativo é que boa parte da comunicação social (incluindo a norte-americana) protesta face a iniciativas como esta, designadamente contra a ausência de novidades e contra a sua própria instrumentalização pela política-espectáculo. Mas este facto não impede que esta se continue a verificar. Ao mesmo tempo, os problemas sociais e dos mais desfavorecidos e até os problemas económicos são frequentemente considerados menos interessantes e não são colocados ou, pelo menos, são subalternizados.

É certo que as diferenças relevantes de base social dos partidos têm consequências. Mas as tendências que acabam por ser dominantes são convergentes em aspectos essenciais e a falta de alternativa leva a que, com frequência, o descontentamento seja canalizado contra a «política» e os «políticos», eventualmente contra o «sistema». Os altos níveis de abstenção são traços que se revelam constantemente como fruto da falta de reconhecimento da capacidade do sistema conter alternativas imediatamente viáveis.

O sistema político e o sistema partidário em Portugal são obviamente diferentes do norte-americano. Mas a sedução mediática e o caminho que leva o confronto entre o PS e o PSD não são substancialmente diferentes em aspectos fundamentais.

As iniciativas algarvias do PS e do PSD no mês de Agosto são disso demonstração. O grau de novidade (apesar da tentativa de criar outro tipo de aparências) é inversamente proporcional ao seu grau de cobertura mediática e à capacidade de responder aos problemas que mais inquietam o quotidiano dos portugueses e a economia do país.

É neste quadro que aparece o regresso do PS e de António Guterres à ideia da «reforma do sistema político». É evidente que há aspectos do sistema que seria útil reformar: a democracia representativa não é perfeita, nem assegura a igualdade de oportunidades; a democracia participativa fica muito aquém das pro-

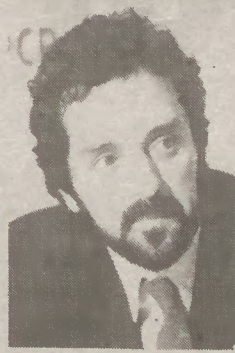
clamações constitucionais; o papel da Assembleia da República é muito minorizado e ficou-o ainda mais com o processo de integração comunitária, como é geralmente reconhecido; o grau de centralização, burocracia e desorganização da administração pública continuam intoleráveis; a regionalização é um imperativo constitucional cujo cumprimento é sucessivamente adiado...

A reforma do sistema político para A. Guterres, porém, não é um projecto de real transformação democrática. Visa antes esconder o fracasso da política económica, da política de emprego, da política de educação, de outros aspectos da vida social. Visa igualmente prevenir, com temas relativamente laterais, as consequências económicas

e sociais da aplicação dos critérios de Maastricht, introduzindo pólos de atenção alternativos.

De qualquer modo, há uma total desproporção entre os objectivos proclamados e os objectivos reais.

Se considerarmos as referências ao sistema eleitoral da Assembleia da República, por exemplo, esbarraremos com fac-



LUÍS SÁ
Membro da Comissão Política

O que está na base da reapresentação das propostas do PS de «reforma do sistema político» não é o generoso propósito de mais democracia e participação.

ainda saber se o deputado deve ser concebido como procurador de interesses locais (como a figura da «Queda de um Anjo» de Camilo ou da «Morgadinha dos Canaviais» de Júlio Dinis). Por um lado, os assuntos locais e regionais devem ser tratados essencialmente a esse nível, por outro lado é óbvio o desinteresse total da comunicação social e dos outros deputados, já hoje, quando tais problemas são abordados.

O PS pode acaso sustentar, com um mínimo de seriedade e convicção, que o sistema eleitoral que abstractamente preconiza levaria a alterar práticas políticas como a apresentação de candidatos a primeiros-ministros ou a valorizar o papel parlamentar e dos deputados face ao governo? Ou o que pensa é apenas favorecer o que julga serem os seus interesses partidários (como acontece também com outras propostas, como é o caso da moção de censura construtiva)?

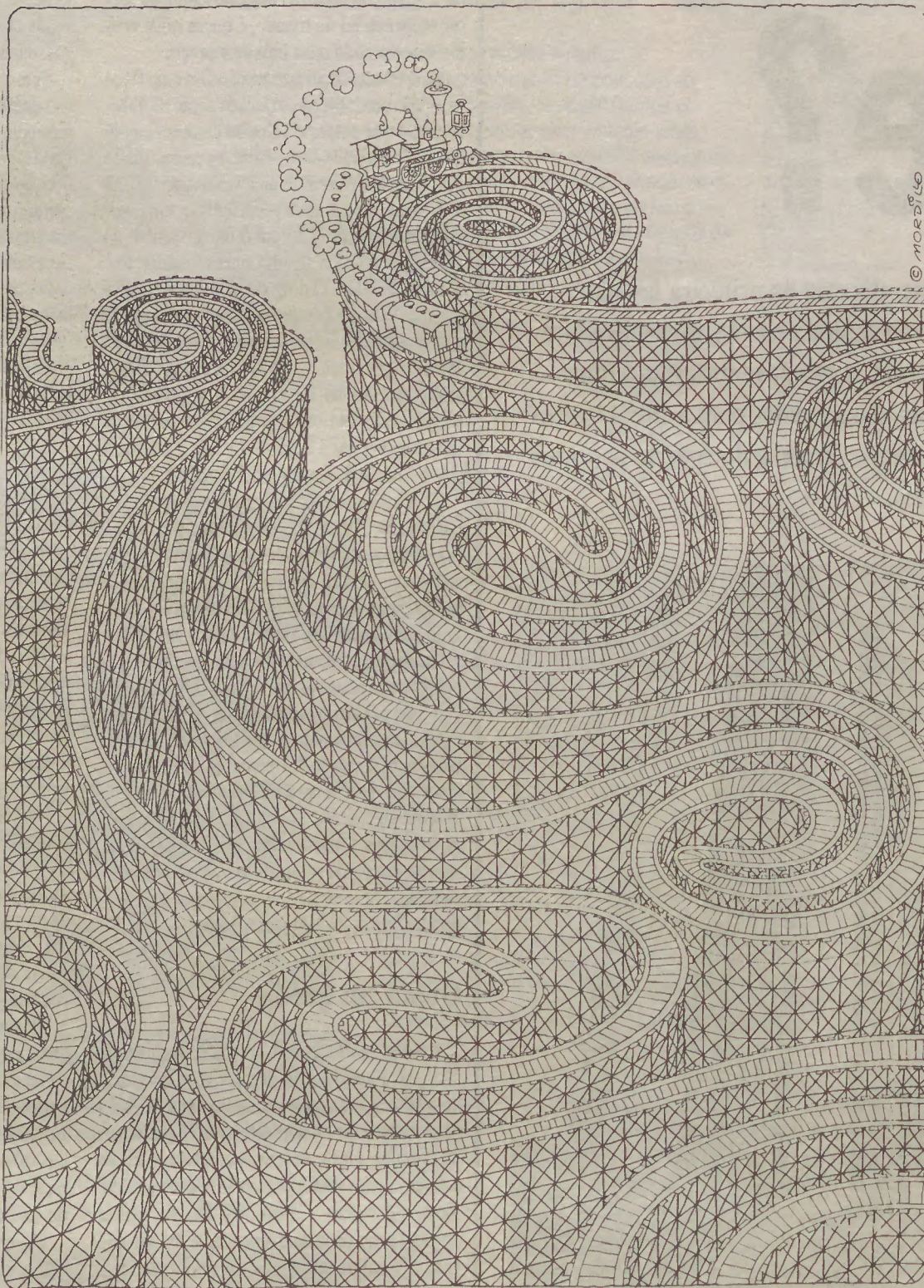
E acaso pensa mesmo que as «candidaturas independentes» à Assembleia da República em especial podem realmente diminuir o «monopólio partidário» face ao custo de campanhas de meio milhão de contos (ou mesmo 800 mil, como aconteceu em 1995 com o PSD que agora, curiosamente, diz querer proibir as contribuições de particulares para os partidos)?

E julga que o Poder Local seria mais democrático e pluralista com a liquidação da eleição directa e por representação proporcional das câmaras municipais e criando a possibilidade de estas serem designadas por apenas um terço e contra os outros dois terços da assembleia municipal respectiva?

O que está na base da reapresentação das propostas do PS de «reforma do sistema político» não é o generoso propósito de mais democracia e participação, mas sim a ideia de colocar no primeiro plano da agenda política temas menos inconvenientes para o Governo do que a situação económica e social.

O PSD, de resto, procura pretextos (como impedir eleições antecipadas) para apoiar um Orçamento inspirado nos critérios de Maastricht; e como as coincidências são profundas no plano das políticas económicas e sociais refugia-se também em propostas de «reforma do sistema político», aliás com coincidências com o PS em alguns pontos e que podem encontrar projecção designadamente na revisão constitucional.

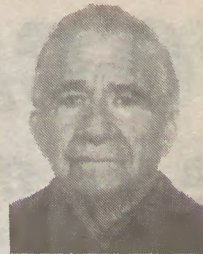
Face a este quadro, o caminho tem que ser a conjugação da luta popular em torno dos problemas económicos e sociais com a luta em torno das questões políticas e institucionais. Estas, porém, sem prejuízo da sua importância e ao contrário do que pretende o PS, não podem ser as únicas a marcar a agenda política.



tos claros: por um lado, o PS nunca apresentou um projecto concreto numa matéria desta importância; por outro lado, apresenta como chave para resolver os problemas do afastamento dos cidadãos da vida política círculos uninominais de candidatura conjugados com círculos plurinominais de apuramento; e, independentemente de outras considerações, passa ao lado da questão mais importante neste sector, que é o facto de a Assembleia da República ter um papel relativamente secundário no sistema político e de os candidatos a deputados do PS e PSD terem um papel menor nas campanhas eleitorais, designadamente face aos «candidatos a Primeiros-Ministros» do PS e PSD. De resto, falta

EM FOCO

De Cuba chegam boas novas



■ Miguel Urbano Rodrigues

De Cuba, chegam, a cada semana, finalmente, boas novas. No próprio momento em que os EUA sofriam uma importante derrota política ao serem forçados a suspender o artº 3º da Lei Helms Burton, eram tornados públicos em Havana números reveladores de que a economia cubana, dobrando uma curva do período especial, está a crescer em ritmo que supera as previsões.

Coube a Carlos Lage – vice-presidente do Conselho de Estado e secretário do Conselho de Ministros – revelar ao seu povo e ao mundo o balanço dos resultados obtidos no primeiro semestre deste ano. Fê-lo numa conferência de imprensa de tamanha ressonância que até as grandes cadeias da televisão norte-americana comentaram o acontecimento.

O que há dois anos era tido por impossibilidade absoluta está a ocorrer. No primeiro semestre de 1996, o Produto Interno Bruto de Cuba cresceu 9,6%. Durante esse período, a produtividade aumentou 8% e o salário médio 2,5%.

A alegria dos cubanos justifica-se. Em 1993, na fase mais crítica da situação criada pela desagradadação da URSS e o reforço do bloqueio, o PIB caíra 34,6% relativamente ao nível de 1990. Em 1994, quando se iniciou uma tímida recuperação, o crescimento foi de 0,7%, e em 1995 atingiu 2,5%.

Com a prudência tradicional dos dirigentes do Estado e do Partido cubanos, Carlos Lage advertiu os seus compatriotas de que os êxitos alcançados devem ser analisados com serenidade no contexto em que se verificaram.

O segundo semestre não poderá apresentar resultados similares porque o primeiro incluiu o balanço da safra açucareira e o período em que é mais volumosa a produção de alimentos, principalmente de origem vegetal. Admite-se, porém, que o crescimento global da economia supere no final do ano os 5% previstos.

A primeira grande vitória foi a inversão da tendência para a quebra na produção de açúcar. Não obstante a escassez de fertilizantes, de pesticidas e combustível, a safra ultrapassou 4 445 700 toneladas. Inferior às antigas, excedeu contudo largamente as últimas.

O sector do Turismo apresentou também um grande dinamismo. No primeiro semestre registou um crescimento de 46%, o maior de sempre. Apesar de condições muito desfavoráveis na concorrência com outros países, o turismo aumentou 17% nos últimos três anos, isto é, o dobro da média da América do Sul e quase o triplo da relativa ao Caribe. Esse boom que assombra as agências de viagens, verifica-se numa conjuntura em que os viajantes do maior mercado do mundo continuam proibidos pela legislação norte-americana de visitar a Ilha.

Cinco países fornecem a Cuba os maiores contingentes turísticos: Itália, Canadá, Espanha, França e Alemanha.

A produção industrial atravessa igualmente uma fase de expansão: cresceu a 10% desde Janeiro.

Na área do níquel as coisas vão ainda melhor. Cuba, que possui na Província de Holguin uma das maiores reservas do mundo desse metal, poderá eventualmente ultrapassar a maior produção de sempre. No primeiro semestre, foram produzidas 27 200 toneladas, isto é, mais 31% do que no mesmo período de 1995.

Porque conheço a zona mineira de Moa, onde se localizam os complexos do níquel, tive ocasião de contemplar ali os efeitos da sabotagem americana no sector (que foi durante décadas um feudo dos EUA) e avaliar o esforço que permitiu a recuperação em curso.

A produção de cimento cresceu 23% apesar da chantagem que privou o país da cooperação da *Cementos de Mexico* – a quarta empresa mundial do ramo – ameaçada de sanções no âmbito da Lei Helms Burton caso não se retirasse de Cuba.

Na agricultura, houve igualmente progressos, embora cir-

cunscritos a alguns sectores. Os resultados mais positivos obtiveram-se na produção de hortaliças e tubérculos que cresceu 25%, e na área dos cítricos onde são boas as perspectivas de um aumento das exportações. O tabaco deu um grande salto: 30% de aumento.

O que surpreende os observadores estrangeiros é sobretudo o facto de a recuperação cubana, expressa nos números apresentados por Carlos Lage, se verificar no quadro imposto pelo bloqueio e pelas leis piratas que o reforçaram.

O bloqueio não é um papão inofensivo (mais de 50 mil milhões de dólares de prejuízos directos e indirectos desde 1961) e os seus efeitos prejudicam fortemente o funcionamento da economia cubana.

Cabe lembrar que a Ilha não tem acesso a qualquer fonte de financiamento externo de instituições internacionais, nem a créditos bonificados, o que significa que a recuperação se desenvolve com financiamentos a curto prazo e com juros altíssimos.

Outra desvantagem: os preços dos produtos importados aumentaram em média 13% enquanto os das exportações cubanas diminuíram no mesmo período 7%.

E, contudo, na América Latina capitalista (com acesso a financiamentos internacionais públicos e privados) o PIB *per capita* diminuiu 1,1% em 1995 enquanto no mesmo ano, em Cuba, com o arranque da recuperação, aumentou 2,5%.

A escassez de combustíveis será ainda, por tempo imprevisível, um dos factores condicionantes do ritmo do crescimento.

com cepticismo. Entretanto, a luta contra o excesso de liquidez (contas de poupança e massa monetária) produziu rapidamente efeitos positivos. Em apenas dois anos, foram retirados da circulação 9 mil milhões de pesos, isto é, 24% dos 11 mil milhões de pesos existentes em Junho de 94. O fortalecimento do peso terá sido, porém, no campo financeiro, o êxito mais festejado. No mercado negro, o câmbio do dólar, que há dois anos chegou a ultrapassar a proporção de 1 para 150, está agora na faixa de 1 para 22. Por outras palavras, é quase sete vezes melhor para o peso. Os mercados agro-pecuários, cuja criação em 1994 (após o desafio de Raul Castro condensado no lema: «Si, se puede!») foi determinante para acelerar o processo de recuperação, estão a desempenhar um papel de crescente importância no abastecimento, actuando como factor de redução de tensões. Ao aumento da oferta correspondeu uma queda dos preços. O volume de alimentos cresceu no semestre de 27%; os preços médios diminuíram 35%.

Ao povo é assim aberta a possibilidade de obter, além daquilo que a caderneta de racionamento garante a cada cidadão, um importante complemento para melhorar a dieta alimentar.

*
* *

Subestimar os perigos que a política de agressão dos EUA continua a representar para Cuba seria uma ingenuidade. O desenvolvimento da campanha eleitoral norte-americana agrava esse perigo em vez de o reduzir.



Ela afecta decisivamente duas áreas que pesam muito na qualidade da vida: a produção de electricidade e os transportes.

O serviço de autocarros em Havana, nomeadamente, não melhorou. Sem as centenas de milhares de bicicletas que circulam pelas ruas, a capital paralisaria. Os *apagones* constituem outro pesadelo. É um facto que a situação melhorou ligeiramente, mas os cortes de electricidade são dolorosamente sentidos pela população.

A produção de petróleo aumentou 3%. Mas o crude extraído no território nacional não chega para cobrir um sétimo do consumo actual, aliás drasticamente reduzido a partir de 1990.

As dificuldades permanentes – e são muitas – permitem avaliar melhor o significado dos resultados obtidos.

Os analistas de Wall Street não escondem, por exemplo, o seu espanto diante do ritmo da recuperação financeira. Em 1993, quando Fidel Castro, na Assembleia Nacional de Cuba, lançou a campanha para o saneamento financeiro, esse apelo foi jocosamente comentado em Washington. Os EUA reagiram

Clinton, entretanto, já aprendeu que o uso da carta cubana como moeda na corrida para a reeleição lhe tem reservado surpresas e humilhações (como a suspensão do artº 3º da Lei Helms Burton, por pressão dos aliados europeus).

Carlos Lage recordou em Havana que, posteriormente à promulgação e elogio dessa Lei pirata por Clinton, foram já constituídas 25 novas empresas com participação de capital estrangeiro. É também alentador que estejam em fase de negociação mais 140 projectos de empresas do mesmo tipo.

O andamento da história nos últimos meses – sublinha Lage – que «o Governo dos EUA tem um grande poder no mundo, mas que esse poder tem limites e a prepotência e a arrogância imperialistas têm limites e a lei iluminou os limites dessa política irracional».

Hoje, a solidariedade com Cuba aumenta mundo afora. É merecida. Com tenacidade, modéstia e coragem, o povo cubano, vítima do mais cruel bloqueio da história, continua a bater-se pelo seu direito a ser livre e independente. A sua luta é de toda a humanidade.

Parques tecnológicos

O caso Siemens
Sofismas e realidades

Desde Março de 1992, quando realizou uma Audição Pública sobre "Os Parques de Ciência e Tecnologia", que o PCP mantém uma posição muito crítica sobre esse conceito e os verdadeiros objectivos que movem os seus promotores. É urgente que o Governo do PS clarifique a sua posição sobre esta matéria e emende o percurso que nela vem sendo seguido.

A controvérsia que tem atravessado o Verão em Portugal sobre a localização duma nova fábrica da Siemens na região do Porto tem uma origem mais remota quando o governo do PSD optou por destinar montantes significativos dos programas específicos para o desenvolvimento da Ciência e Tecnologia com apoio comunitário (FEDER) à criação de infra-estruturas desigadas por Parques de Ciência e Tecnologia. É sabido que as empresas portuguesas não investem em Investigação científica e tecnológica nem costumam procurar adquirir tecnologia junto dos institutos ou universidades que fazem Investigação. E que as empresas de capital estrangeiro como regra importam pacotes tecnológicos que só marginalmente permitem a participação de empresas locais e também não adquirem tecnologia no nosso país. Por outro lado, os governos que temos tido não têm financiado ao nível e com a continuidade necessários as actividades de Investigação no nosso país, por esse modo comprometendo a eficácia e até a sobrevivência dessas actividades.

A criação de Parques de Ciência e Tecnologia nas áreas de Lisboa e Porto, com financiamentos públicos comunitários e nacionais de vulto, não corresponde tanto a uma vontade política de promoção da Investigação e do desenvolvimento económico empresarial, como é feito crer, sendo mais a satisfação de interesses de grupos de pressão mais agressivos e um mecanismo relativamente expedito de escoar fundos comunitários.

De facto, é questionável a justificação da vantagem de concentração física de empresas, serviços, institutos de Investigação e universidades num mesmo «campus». Não serão para o efeito abandonadas infra-estruturas já existentes? Não serão prejudicadas as empresas que forem discriminadas em benefício de outras alegadamente mais inovadoras e que, sendo acolhidas, serão contempladas com apoios comunitários? Não serão prejudicadas as universidades fora das duas áreas metropolitanas que só podem contar com financiamento através do Ministério da Educação, enquanto outras serão financiadas adicionalmente através dos ministérios do Planeamento e da Ciência? A invocada vantagem da proximidade física será hoje defensável face aos meios de comunicação universalmente disponíveis? A falta de aproximação entre as universidades e institutos de investigação relativamente às empresas produtivas e aos serviços será um problema de quilómetros ou antes de culturas universitária e empresarial, política científica ou de apoios e incentivos?

Após 1990, assistimos à multiplicação não inocente de projectos desta natureza. Foram o «silicon bay» da SAPEC, o «Pólo Tecnológico de Lisboa» no Lumiar e os Parques de Ciência e Tecnologia de Lisboa e Porto. Aqueles seriam financiados sobretudo pelo PEDIP e estes pelo CIENCIA (a que se seguiria o STRIDE e o PRAXIS). Surpreende nesses projectos o escasso empenhamento de empresas produtivas, predominando sim as instituições públicas de promoção empresarial, de financiamento ou execução de Investigação (JNICT, IAPMEI, INETI, IPE, Universidades), autarquias e a banca. Surpreende, também, as fortes componentes imobiliária e turística desses projectos.

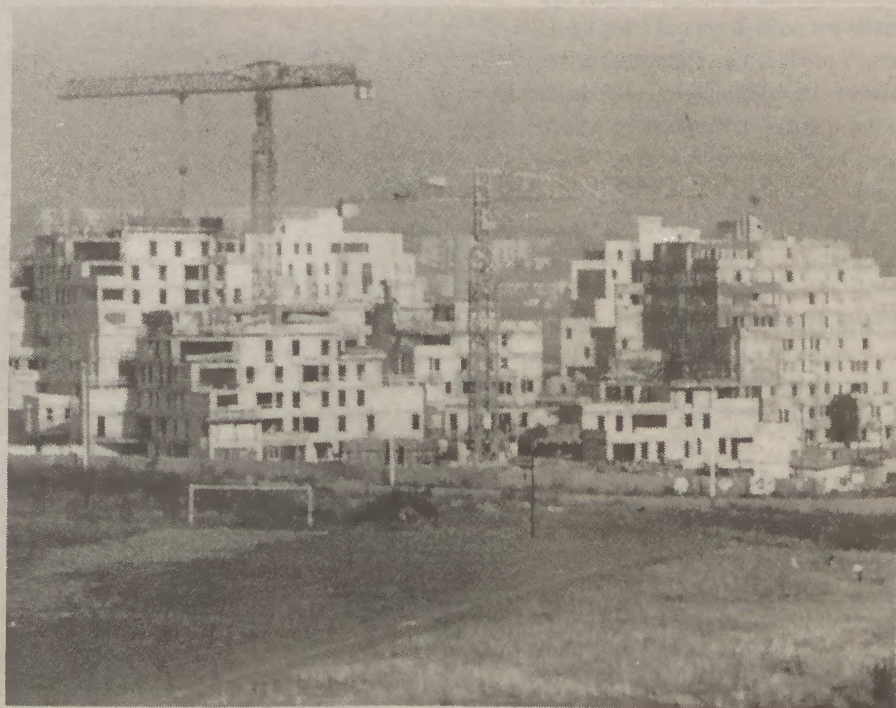
Os Parques de Lisboa e Porto foram criados por decisão do Conselho de Ministros de 13 de Junho de 1991. O Parque de Lisboa - Taguspark - foi inaugurado pelo Primeiro-Ministro a 10 de Novembro de 1992. Também não inocentemente, o Parque

localizou-se em Oeiras (uma das raras autarquias governadas pelo PSD na área metropolitana de Lisboa) e foi presidente do seu primeiro Conselho de Administração o anterior Secretário de Estado da Ciência e Tecnologia, o responsável governamental pelo programa CIENCIA que financiou o arranque do projecto.

O Parque do Porto teve uma evolução mais atribulada. A heterogeneidade do governo autárquico desta área metropolitana contribuiu para tal e está agora, de novo, a manifestar-se. Assim, o Parque do Porto foi concebido primeiro com um, depois com dois e finalmente com três pólos. Paralelamente, o projecto e o seu financiamento avançaram muito mais devagar.

Observemos o que se passa agora. A Siemens pretende instalar na região do Porto uma nova fábrica tecnologicamente avançada, um investimento da ordem de 80 milhões de contos mas que contará com um apoio público que ascende a perto de metade do montante global. Comparativamente, o apoio público para os Parques de Ciência e Tecnologia foi de 8 milhões de contos através do CIENCIA e do STRIDE (e mais alguns outros através do PEDIP), a maior parte no Taguspark, estando prevista a continuação do seu apoio através do PRAXIS (mas anunciadamente em escala mais modesta agora, face ao descontentamento manifestado pela maioria da comunidade científica com o destino que vem sendo dado a fundos que em princípio mais directamente lhes seriam destinados).

É evidente a disparidade dos montantes em causa. Porquê tão acesa polémica então? É natural o conflito entre os autarcas



que aspiraram acolher o projecto industrial. É natural que o presidente do Conselho de Administração do pólo da Maia (o reitor da Universidade do Porto) tenha ficado desapontado por o projecto não se concretizar aí. Mas pelos vistos as condições para já disponíveis e o próprio conceito de Parque de Ciência e Tecnologia, neste ou naquele pólo, não foram achados relevantes para o projecto industrial pela Siemens. E se a proximidade física é tão relevante para os apologistas dos Parques de Ciência e Tecnologia e o empreendimento da Siemens é assim tão importante para o Parque, então por que não deslocar este ou algum dos seus pólos para junto da futura fábrica? A controvérsia parece pois andar longe dos reais problemas.

O que realmente lamentamos é a inadequada aplicação de fundos que foram programados e são tão necessários para o desenvolvimento da Investigação científica e tecnológica em Portugal, que se encontra neste domínio na cauda da União Europeia, e o seu desvio para fins que não cumprem o objectivo para que foram programados.

É lamentável que esses fundos dos programas CIENCIA e STRIDE tenham sido manipulados, a comunidade científica marginalizada e prejudicada no seu trabalho e a opinião pública iludida sobre os objectivos desses projectos e as razões dos interesses em jogo.

Reclamamos uma política científica e tecnológica transparente e ao serviço dos interesses do nosso povo.

■ RNR

"O CASO GAL"

- reflexões aplicáveis a Portugal

Os GAL (Grupos Antiterroristas de Libertação) reivindicaram, entre 1983 e 1987, 33 acções terroristas, dentro e fora do território basco espanhol, nomeadamente contra a "ala militar" da ETA, que custaram 28 mortos.

Comprovadamente, a sigla serviu de cobertura a operações criminosas do CESID (serviços secretos de Espanha), da Guarda Civil e da Polícia Nacional, com a colaboração de agentes de vários países, conotados com a extrema-direita e diversos serviços de informações.

A "pista portuguesa" do GAL integrava, entre outros operacionais, pelo menos o agente Corrêa da Cunha, da DINFO (Divisão de Informações Militares), actualmente integrada no SIEDM (Serviço de Informações Estratégicas de Defesa e Militares).

Desde 1985, os GAL têm vindo a ser investigados pelas autoridades judiciais e os trâmites processuais, destes anos, em Espanha e Portugal, resultam num enredo rocambolesco, mas trágico pela impotência inconclusiva da Justiça.

Releva que os "GAL" são a ponta do iceberg da "guerra suja" contra a ETA, decidida ao mais alto nível do poder executivo, prosseguida de forma ilegal, conspirativa e criminosa, autêntico terrorismo de Estado pós-franquista da UCD de Suarez e do PSOE de Gonzalez.

Estão comprovadamente implicados altos responsáveis das forças e serviços de segurança de Espanha e membros dos governos. Há acusações a Villa e Barrionuevo, ministros do Interior, respectivamente, da UCD e do PSOE.

O próprio Felipe Gonzalez foi acusado pelo ex-director da Guarda Civil de "saber tudo" e ser "politicamente responsável" pelas acções dos GAL. Foi ilibado pelo Supremo Tribunal de Espanha - o futuro dirá se com justiça.

Ainda em Agosto, o Governo PP de Aznar, que durante a campanha para as eleições de Março atacou o PSOE pelo envolvimento no "caso GAL", mas que está igualmente envolvido pelo pessoal político, vindo do franquismo e da UCD, e pelos compromissos com a "comunidade de informações", aprovou a inacessibilidade às autoridades judiciais durante 50 anos dos documentos secretos.

Visa-se assim impedir a investigação dos documentos do CESID sobre as operações da guerra suja contra o separatismo Basco.

Em Portugal também não tem sido fácil o apuramento da verdade.

Em certa altura, também Cavaco Silva, invocando o segredo de Estado, proibiu que os responsáveis da DINFO depusessem no julgamento da "pista portuguesa" do GAL, proibição que o Tribunal Constitucional anulou, tendo ficado provado e confirmado pelo Supremo Tribunal o conhecimento pela DINFO das actividades do seu agente ao serviço dos GAL.

Mas, até hoje, nunca foi esclarecido o efectivo envolvimento dos Serviços de Informações nacionais e dos decisores políticos da altura nestes acontecimentos.

Também por cá a "comunidade de informações" teria imposto o seu silêncio? Não seria difícil!

A data do início das acções dos GAL governava o "bloco central" e o entendimento de então no que respeita aos serviços de informações, tivesse ou não implicações concretas neste "caso", tem-se mantido até hoje, apesar das dificuldades de percurso.

Assim sucedeu, no consulado cavaquista, no substancial das matérias do Sistema de Informações - limites de actuação dos serviços, competências e composição do Conselho de Fiscalização e mesmo quanto à respectiva estruturação em 2 serviços em vez dos 3 inicialmente previstos e então defendidos pelo PS.

Agora que governa o PS, são muitos os indícios de que esse entendimento se mantém.

Doutra forma não se entende o arquivamento do inquérito do Governo à espionagem do SIS à oposição e que, quando convinha, o Engº Guterres tanto verberou.

Doutra forma não se percebe que, dando continuidade a uma orientação do PSD, os agentes do SIEDM sejam formados pela CIA, em mais uma inaceitável alienação de soberania.

Doutra forma não se compreende que a fiscalização dos serviços de informações continue na panelinha PS/PSD, nem se percebe que o General Pedro Cardoso, teórico, eminência parda e um dos principais responsáveis das tropélias cometidas por aqueles serviços nos últimos 20 anos, se mantenha em funções. E não só ele.

Este bloco PS/PSD que pontifica no Sistema de Informações, cozinhando conivências estranhas aos interesses do país e atentatórias dos direitos, liberdades e garantias dos cidadãos, parece uma lamentável cópia das complicitades espanholas PSOE/PP de que o "caso GAL" é paradigma.

Não seria mau que os socialistas reflectissem a este respeito.

■ Carlos Gonçalves

Burlas nos Açores

As actividades da Secretaria Regional da Habitação e Obras Públicas dos Açores estão a ser investigadas pela Polícia Judiciária e pela Inspeção Regional da Administração Pública (IRAP), dado haver fortes indícios de desvio dos fundos dos programas do Governo de apoio à construção. Embora se desconheça o total dos montantes desviados, tudo aponta para o desaparecimento de centenas de milhares de contos. As burlas - sob investigação desde Abril do ano passado - obedecem a um esquema elementar: como os programas de apoio à construção prevêm a entrega de 1.300 contos a cada subsidiado (em dinheiro e em materiais), o que está a verificar-se é que muitos desses beneficiários chegam à Secretaria Regional de Habitação e Obras Públicas e descobrem

que os seus 1.300 contos já «voaram» sob a forma de requisições com assinaturas falsas. Ou seja, alguém, nestes organismos do governo regional dos Açores, anda tranquilamente a apropriar-se dos fundos, bastando para isso forjar umas quantas assinaturas, normalmente copiadas de requisições anteriores feitas pelos subsidiados.

Sabendo-se que este tipo de burlas foi detectado há mais de um ano pelo próprio secretário da tutela, Jaime Medeiros, que em Abril do ano passado pediu a intervenção do IRAP após ser alertado para a existência de irregularidades, estranha-se que o tempo tenha decorrido sem que nada se soubesse, enquanto as burlas iam crescendo ao ponto de já atingirem centenas de milhares de contos do erário público e lesarem centenas de cidadãos. Após os escândalos com as Caixas Económicas, com burlas de mais de um milhão de

PONTOS CARDEAIS

contos, torna-se evidente que algo está (muito) podre na governação absoluta do PSD na Região Autónoma dos Açores...

Os muito ricos...

Segundo o último «Relatório sobre o Desenvolvimento Humano», da ONU, a riqueza total dos 358 milionários possuidores de mais de mil milhões de dólares cada um equivale, actualmente, ao total dos rendimentos de 45% da população mundial - ou seja, estas 358 criaturas apropriaram-se da mesma riqueza com que têm de viver 2.300 milhões de pessoas. Para se ter uma ideia onde as coisas chegaram neste mundo de capitalismo à solta, basta dizer que o nº 1 desta lista - Bill Gates, um dos fun-

dadores da Microsoft, a maior empresa de software do mundo - tem uma fortuna pessoal avaliada em 18 mil milhões de dólares, ou seja, cerca de 2.700 milhões de contos...

O mesmo relatório assinala que, em contrapartida, as economias de uma centena de países têm registado declínio ou estagnação, o que produziu uma redução nos rendimentos de um quarto da população mundial. Em 70 países as pessoas são, hoje e em média, mais pobres do que eram em 1980 e, em 43 desses países, estão mesmo mais empobrecidas que em 1970.

... os muito pobres

Mas a desgraça não fica por aqui. Segundo o «Relatório

sobre o Desenvolvimento Humano» da ONU, as coisas estão a piorar. Entre 1960 e 1991, os 20% mais ricos do mundo ampliaram o seu «quinhão» no total da riqueza global do planeta de 70% para 85%, enquanto os 20% mais pobres viram o seu já magro quinhão reduzir-se de 2,3% para 1,4%. Resumindo: no actual estado do mundo, há 20% da população que se locupleta com 85% da riqueza produzida no planeta, ficando 15% da riqueza para os «restantes» 80% da humanidade. Com um pormenor: nesses «restantes» 80% das pessoas que ficam com 15% do que se produz no planeta, há 20% que se tem de contentar com 1,4% desse produto...

E ainda há quem teime em não ver que, por este caminho de injustiça exponencial, o próximo capítulo só pode ser um estrondo do tamanho do mundo...

... e as alegrias de Kohl e Chirac

Aparentemente, entre tais cegos contam-se o chanceler alemão Helmut Kohl e o presidente francês Jacques Chirac. Muito contentes consigo próprios, afirmaram num encontro em Bona estarem ambos «firmemente decididos a aplicar e a realizar os critérios de convergência de Maastricht sem condições e a atingi-los em conjunto na data prevista», advertindo ser «inaceitável» que os países que não aderirem à moeda única procedam a desvalorizações das suas moedas.

Entretanto não lhes passa pela cabeça estarem «firmemente decididos» a combater o desemprego crescente nos seus próprios países, nem acharem «inaceitável» que a acumulação capitalista tenha entrado em espiral concomitante com o agravamento constante das condições de vida dos seus próprios povos...

«Porto de assassinos»?!

Segundo o periódico alemão «Der Spiegel», o departamento federal da Polícia Judiciária alemã considera Portugal «um porto seguro para assassinos e homicidas que, na Alemanha, esperariam uma pena de prisão perpétua». Explica o «Der Spiegel» que esta apreciação surgiu numa «nota interna» da Polícia Judiciária alemã e tem como motivação directa um pedido de extradição feito pelas autoridades alemãs de um cidadão albanês actualmente preso em Portugal e condenado na Alemanha a prisão perpétua, por homicídio. Esse cidadão, que não é albanês mas jugoslavo, ter-se-ia evadido das prisões alemãs, sendo capturado em Portugal, onde está detido na prisão de Linhó.

Acontece que está claramente definido na Constituição portuguesa o que deveria estar consagrado em todas as Leis fundamentais - a recusa de extradição para países onde exista a prisão perpétua ou a pena de morte. É contra isso que as autoridades alemãs se insurgem, não hesitando, em nome da prisão perpétua, em chamar ao nosso país «porto de assassinos».

A serem exactas estas considerações da Polícia Judiciária alemã, convirá recordar duas coisas.

Uma, a de que o condenado que pretendem extraditar não anda em liberdade no nosso país - o seu «porto seguro» é a prisão do Linhó, onde aguarda a decisão do seu caso que, em qualquer caso, nunca será a libertação.

Outra, é que seria bom que as autoridades alemãs virassem esta pulsão crítica para si próprios. Talvez, então, deixassem de ser um «porto seguro» para tantos assassinos neonazis que, nas barbas da ardorosa Judiciária alemã, continuam a caçar e a queimar emigrantes na Alemanha como quem pratica um exercício cinegético.

PONTOS NATURAIS

E o oásis continua...

- Em Ourique há quase 900 desempregados para uma população activa de mil pessoas.
- Todos os dias, as carrinhas da Misericórdia percorrem as aldeias, a fazer a distribuição. Hoje é a vez de Mariana da Silva, viúva, cinco filhos e uma reforma de 21 contos.
- Carne em latas, salsichas, azeite, excedentes que a União Europeia dá aos países pobres. Mariana faz de tudo nos campos, desde mondar à apanha do tomate. Mas esses trabalhos quase desapareceram do Alentejo depois da entrada de Portugal na Comunidade e da reforma da PAC.

(Da reportagem de Maria Augusta Seixas, no Telejornal)

Das seis da manhã às onze da noite

Nuno Santos - A batata espanhola está a saturar o mercado e os preços de venda do produtor são demasiado baixos. Também viraram baterias contra os intermediários e resumiram desta forma a situação: 1996 tem sido um ano negro.

Repórter - A vida vai difícil para os produtores de batata. Há excesso do produto e os agricultores vêem-se na necessidade de vender o quilo a 15 escudos quando, para terem alguns lucro, enviam vendê-lo a 25 escudos. Não há escoamento, os armazéns estão cheios e os produtores à beira de uma ataque de nervos. Durante esta manifestação de protesto, os agricultores distribuíram algumas dezenas de quilos de batata. Pretendem a

intervenção do governo para acabar com os intermediários, com a invasão de batata espanhola e, sobretudo, queixam-se da situação a que chegaram. *Agricultor* - Eu vivo do meu trabalho. Começo às seis da manhã até às onze da noite... *Repórter* - Com as batatas por vender, ou vendidas a preços muito baixos, os agricultores vêem os esforços e o trabalho de um ano quase destruídos.

(Jornal da SIC, durante uma manifestação promovida pela CNA)

Estratagemas

À uma da tarde em ponto, os

trabalhadores de Sosei largaram as máquinas, paralisação em protesto contra a forma como estão a ser dispensados e que começou há quinze dias.

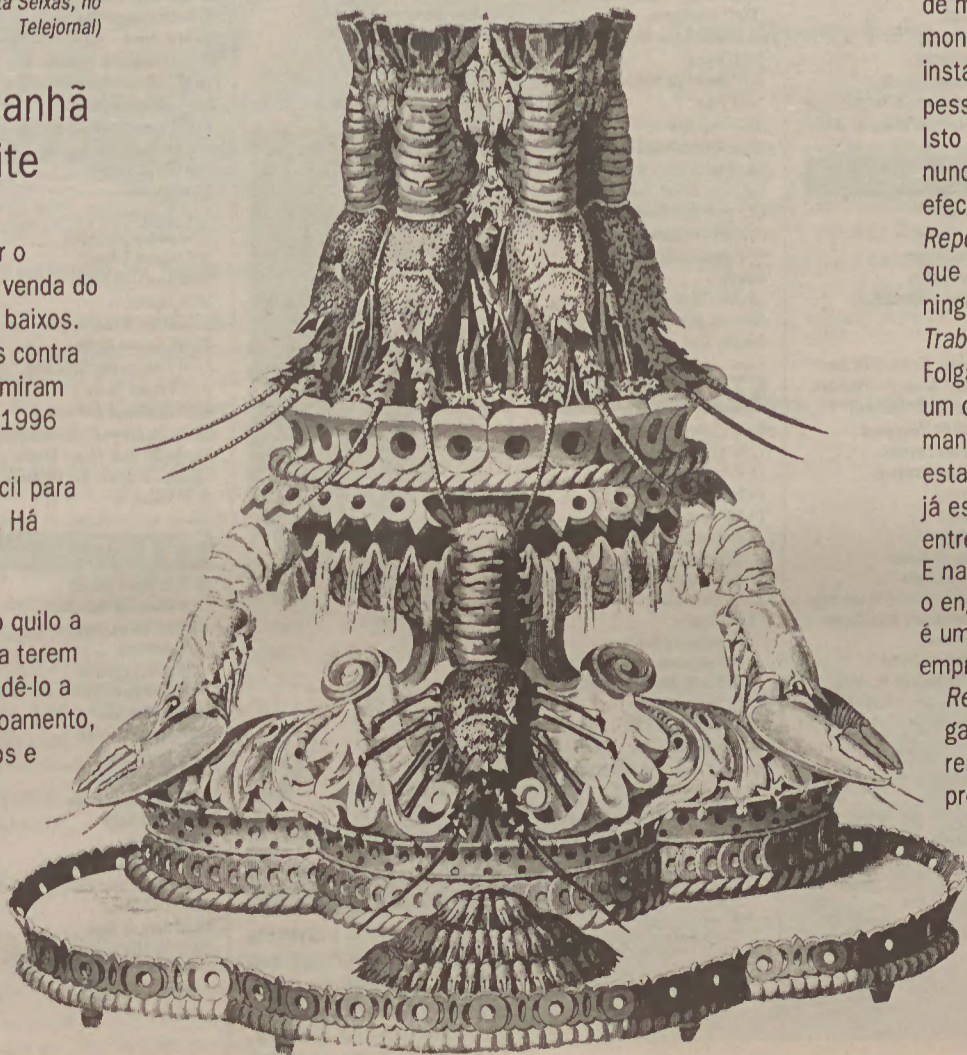
Trabalhadora - A importância que me davam era 194 contos. Deses 194 contos eu tinha direito ao subsídio de Natal, tinha direito até ao dia 20 de Agosto, que era a data prevista para eu me vir embora, indemnização praticamente não tinha nenhuma. *Repórter* - A Sosei vai fechar e os trabalhadores foram apanhados de surpresa. Funcionaram nas mesmas instalações alugadas com o

mesmo equipamento cedido por outra empresa, no fundo não passa da mesma empresa e os trabalhadores dizem que trabalham há novos anos ora para uma ora para outra e por isso nunca entraram para o quadro.

Trabalhadora - Estive nove anos na Sosei, depois passei para a outra, mas nunca me mandaram para casa. *Del. Sindical* - Isto é uma situação para iludir a lei, é uma situação em que as empresas são constituídas de uma forma muito complicada. Por exemplo, a Sosei e a IPR não têm instalações fabris, não têm linhas de montagem, as linhas de montagem são da Carolesa, as instalações da Tecnic, só o pessoal é que é da Sosei. Isto é um estratagemas para nunca ter um quadro de pessoal efectivo.

Repórter - A segurança garantiu que da Administração não estava ninguém, que estavam de férias. *Trabalhadora* - O engenheiro Folgado pertence à casa, é até um director, está cá dentro desde manhã, porque sabia que ia haver esta concentração. Inclusive, ele já espreitou ali à janela, só que entretanto meteu-se para dentro. E naquele lado penso que está lá o engenheiro Santinho Tomé, que é um dos sócios da nossa empresa.

Repórter - Os trabalhadores garantem que logo que reabram os tribunais, vão processar as empresas. (Reportagem do «Jornal da SIC». Peça desculpa aos trabalhadores da SOSEI pelos erros causados por gravação deficiente.)



Mário Castrião

TELEVISÃO

Quinta, 5

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.00 Círculos
10.30 O Beco dos Sarilhos
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
15.15 Infantil / Juvenil
16.20 Herman Total
17.20 Azul
18.15 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Reformado e Mal Pago
21.30 Primeiro Amor
23.00 Cinco Gémeas que Valem Milhões
23.45 O Triciclo
00.15 24 Horas
00.30 RTP/Financial Times
00.45 A Ilustre Casa de Black Adder

RTP 2

17.00 Notícias
17.10 Rupert
17.35 Infantil/Juvenil
19.05 A Par e Passo
19.35 Ovnis e Fenómenos Paranormais
20.30 Missão Impossível
22.00 Jornal 2
22.45 O Cozinheiro, o Ladrão, a Mulher e o seu Amante (de Peter Greenway, Gr.Br./Fr.-1989, com Ricah Bohringer, Michael Gambon, Helen Mirren. Ver Destaque)

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Trapalhadas da Rádio
21.20 História de Amor + O Rei do Gado
22.30 Circo
23.30 Grande Reportagem
00.35 Último Jornal
00.50 Contos Eróticos
01.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Manhã
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 A Balada de Hill Street
21.30 Martin
22.00 Castelos de Gelo (de Donald Wrye, EUA-19978, com Lynn-Holly Johnson, Robby Benson. Drama)
24.00 TVI Jornal
00.45 Fora de Jogo
01.00 Picket Fences



A nova época de futebol já está na TV

Sexta, 6

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.05 Círculos
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
14.45 Infantil / Juvenil
15.45 Quem É o Quê?
16.45 Azul
17.45 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.55 80-60-86
21.30 Futebol: Sporting-Farense
23.30 Primeiro Amor
00.15 24 Horas
00.45 A Ilustre Casa de Black Adder
01.45 Combustão Espontânea (de Tobe Hooper, EUA-1990, com Brad Dourif, Chyntia Bain. Terror / «Thriller»)

RTP 2

17.00 Notícias
17.10 Rupert
17.35 Infantil / Juvenil
19.05 Máquinas
19.35 Grandes Viagens de Comboio
20.35 Missão Impossível
21.30 Remate
21.45 Acontece
22.00 Jornal 2
22.45 Como Água para Chocolate (de Alfonso Arrau, Méx-1992, com Marco Leonardi, Lumi Cavazos. Ver Destaque)

SIC

09.00 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Malucos do Riso
21.20 História de Amor + O Rei do Gado
22.30 All You Need Is Love
23.30 Os Donos da Bola
01.05 Último Jornal
01.25 Playboy
02.25 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Manhã
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.35 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 O Poder da Lei
21.30 Doido por Ti
22.00 Erro Judicial
23.45 TVI Jornal
00.30 Fora de Jogo
00.45 Booker

Sábado, 7

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
11.30 Jogos de Praia
13.00 Jornal da Tarde
13.20 Top +
14.35 Beverly Hills 90210
15.40 Desenhos Animados
16.15 Jovens Cowboys
17.10 Não Fumar, Não Beber... Nem Beijar (de James Nielsen, EUA-1961, com Tom Tyron, Brian Keith, Edmond O'Brien. Comédia)
19.25 Clube dos Totalistas
20.00 Telejornal
21.00 Futebol: Gil Vicente-Benfica
23.00 Primeiro Amor
23.45 Parabéns Júnior
01.15 24 Horas
01.50 A Ilustre Casa de Black Adder



A Balada de Hill Street

02.40 A Vida deste Rapaz (de Michael Canton-Jones, EUA-1993, com Robert De Niro, Ellen Barkin. Ver Destaque)

RTP 2

12.00 Documentário: «Expedição ao Neve»
12.50 Vida por Vida
13.00 Euronews
13.55 Nas Nossas Mãos
14.25 Um Homem em Casa
15.10 Desporto 2
18.00 Para Além do Ano 2000
19.20 As Novícias (de André Génovès, Fr./It.-1970, com Brigitte Bardot, Annie Girardot. Comédia)
21.00 Semana ao Sábado
22.05 Ópera: «Porgy and Bess»

SIC

08.30 Buéréré
12.00 O Mundo dos Animais
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Passo a Passo
14.40 Malhação
16.10 Justiça Negra
17.10 Médicos Sem Fronteiras
18.10 O Regresso do Polícia Cyborg (de Sam Firstenberg, EUA-1994, com David Bradley, Morgen Hunter. Acção)
20.00 Jornal da Noite
20.50 Clube VIP
21.20 Vira Lata
22.30 Big Show Sic
01.05 Último Jornal
01.25 Inferno em Directo (de Ruggero Deodato, EUA-1985, com Lisa Blount, Leonard Mann. Acção)

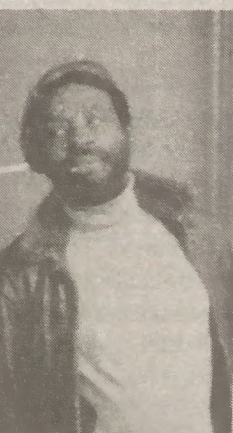
TVI

09.40 Animação
12.00 Novos Ventos
13.00 Contra-Ataque
14.15 Troféu Carina
14.30 A Odisseia Submarina
15.30 Ténis
16.00 Sarah (de Brian Forbes, Gr.Br.-1978, com Tatum O'Neal, Christopher Plummer, Anthony Hopkins. Melodrama)
17.45 Proezas de Hollywood
18.10 California Dreams
18.40 Os Novos Intocáveis
19.30 Telejornal
20.30 Babylon 5
21.20 Erro Judicial
23.10 Últimas Notícias
23.35 América Louca (de Jen Hughes, EUA-1978, com Mae West, Timothy Dalton, Tony Curtis. Comédia Musical)
01.05 O Túnel do Terror (de George Pavlou, Gr.Br.-1985, com Denholm Elliot, Steven Berkoff, Ingrid Pitt. «Thriller»)

Domingo, 8

RTP 1

08.00 Sempre a Abrir
10.30 Jogos Sem Fronteiras
12.00 Sem Limites
12.25 Jornal da Tarde
12.45 Automobilismo
15.05 Made in Portugal
16.15 Alta Voltagem
16.45 Desenhos Animados
17.20 100% Natural
18.15 Portugal ao Desafio
19.15 Casa Cheia
20.00 Telejornal
21.00 Enviado Especial
21.40 Jet 7
22.10 Primeiro Amor
23.00 Domingo Desportivo
00.30 24 Horas
01.05 A Ilustre Casa de Black Adder
02.05 Raiva Armada



(de Corey Yuen, Hong-Kong-1986, Artes Marciais)

RTP 2

09.00 Caminhos
09.30 Novos Horizontes
10.00 70 x 7
10.30 Missa
11.25 Droga, Máscara e Realidade
12.00 Euronews
12.40 O Dinheiro não Dorme
13.20 Para Além do Ano 2000
14.05 Desporto 2
19.05 Bom Bordo
19.35 O Anjo da Noite (de Sydney Franklin, EUA-1935, com Brigitte Bardot, Annie Girardot, Herbert Marshall. Melodrama)
21.05 Artes e Letras - «A Verdadeira História de Artaud, Le Momo» (II)
22.05 O Filme da Minha Vida: «Apocalypse Now» (de Francis Ford Coppola, EUA-1978, com Martin Sheen, Marlon Brando, Robert Duvall. Ver Destaque)

SIC

08.30 Super Buéréré
12.00 BBC - Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
13.40 Assuntos de Família
14.40 Malhação
15.50 Guerra dos Mundos
16.50 Walker, o Ranger do Texas
18.00 Gado Bravo (de António Lopes Ribeiro, Port. Drama)
20.00 Jornal da Noite
20.45 Boxe
20.55 Vira lata
22.00 Mano a Mano (de Charles Martin Smith, EUA-1973, com Peter Weller, Robert Hayes, Charles Martin Smith. Acção)
00.25 Último Jornal
00.45 Nos Bastidores de Nova Iorque (de Jules Dassin, EUA-1948, com Barry Fitzgerald, Howard Duff, Dorothy Hart. Ver Destaque)

TVI

09.40 Clube da Manhã
12.00 Missa
13.30 O 8º Dia
14.20 Fang
14.45 Estrelas de Miami
15.40 Proezas de Hollywood
16.00 Parada Imperial (de Ernst Marischka, RFA, com Romy Schneider. Melodrama)
18.00 Desafios
18.35 Adultos à Força
19.30 Telejornal
20.30 Confissões de Adolescente
21.00 Melrose Place
22.45 Toda Uma Vida (de Claude Lelouch, Fr.-1974, com Marthe Keller, André Dussolier, Charles Denner. Drama)
00.35 Últimas Notícias

Segunda, 9

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.05 Palavras Cruzadas
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.00 Os Wilder
11.25 Culinária
11.45 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.20 Clássicos da RTP
15.15 Infantil / Juvenil
16.10 Marco Paulo
17.20 Azul
18.15 Malha de Intrigas
19.00 Pedra Sobre Pedra
20.00 Telejornal
20.50 Queridas e Maduras
21.20 Primeiro Amor
21.45 Histórias da Noite
23.15 Segunda Parte
00.15 24 Horas
01.00 Volta a Espanha em Bicicleta
01.15 Toiros

RTP 2

17.10 Infantil / Juvenil
19.00 Olho Clínico
19.30 Foyer - As Mulheres de Hollywood (III)
20.25 Missão Impossível
21.20 Remate
21.45 Acontece
22.00 Jornal 2
22.45 O Grande Escândalo (de Howard Hawks, EUA-1940, com Cary Grant, Rosalind Russell, Ralph Bellamy. Ver Destaque)
00.20 Planeta Música - Grandes Árias

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
19.00 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.45 Sai da Minha Vida
21.15 O Rei do Gado
22.15 Olha Quem Fala (de Amy Heckerling, EUA-1989, com John Travolta, Kirstie Alley, Olympia Dukakis, George Segal. Ver Destaque)
00.05 Último Jornal
00.20 Contos de Arrepiar
01.20 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Manhã
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.30 Informação
17.45 Malta Curtida
18.30 Rua Jump 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Pessoas Desaparecidas
21.30 Lar, Louco Lar
22.00 De Mártires a Heróis (de Robert Iscove, EUA-1992. Catastrofe)
23.50 TVI Jornal
00.35 Fora de Jogo
00.50 Luta pela Verdade



Willard White e Cynthia Haymon como Porgy and Bess: a ópera de Gershwin numa produção da Royal Opera House, sábado à noite na RTP2

Terça, 10

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Uma Casa ao Sol
10.05 Palavras Cruzadas
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.05 Trapalhadas da Rádio
11.45 Culinária
12.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
14.50 Infantil / Juvenil
15.50 Todos ao Palco
16.50 Azul
18.50 Futebol: Montpellier-Sporting
20.50 Telejornal
21.40 De Par em Par



Em concorrência a Frasier (TVI), Trapalhadas da Rádio (RTP). À terça à noite



22.10 Primeiro Amor
23.05 Jogos Sem Fronteiras
01.00 24 Horas
01.45 Volta a Espanha em Bicicleta
02.00 A Ilustre Casa de Black Adder

RTP 2

17.10 Infantil / Juvenil
19.10 Rumo à Lua
19.40 Civilizações Perdidas
21.35 Missão Impossível
22.00 Jornal 2
22.45 A Verdade Vence Sempre (de Henry Hathaway, EUA-1947, com James Stewart, Richard Conte, Lee J. Cobb. Ver Destaque)
00.40 Planeta Música

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Jasmin
21.20 O Rei do Gado
22.30 Cantigas da Rua
23.30 Testemunha Silenciosa
00.35 Último Jornal
00.50 Aconteceu no Oeste (de Sergio Leone, It./EUA-1968, com Charles Bronson, Henry Fonda, Claudia Cardinale. Ver Destaque)
03.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Manhã
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.30 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Em Nome da Justiça
21.30 Competente e Descarada
22.00 Revolução (de Hugh Hudson, Gr.Br./Nor.-1985, com Al Pacino, Nastassja Kinski, Donald Sutherland, Joan Plowright. Guerra / Histórico)
00.15 TVI Jornal
01.00 Fora de Jogo
01.15 Quase Modelo, Quase Detective

Quarta, 11

RTP 1

09.00 Notícias
09.10 Acrobatas Detectives
09.35 Ellen II
10.05 Palavras Cruzadas
10.35 O Beco dos Sarilhos
11.05 Trapalhadas da Rádio
11.45 Culinária
12.00 Praça da Alegria
13.00 Jornal da Tarde
13.40 País Real
14.15 Clássicos da RTP
14.50 Infantil / Juvenil
16.15 Ligações Perigosas
17.15 Azul
17.55 Malha de Intrigas
18.30 Pedra Sobre Pedra
19.05 Vamos Jogar no Totobola



19.20 Futebol: Milão-F.C.Porto
21.20 Telejornal
22.05 As Lições do Toneca
22.35 Primeiro Amor
23.30 Liga dos Campeões
00.30 24 Horas
01.00 RTP / Financial Times
01.15 Volta a Espanha em Bicicleta
01.30 A Ilustre Casa de Black Adder

RTP 2

17.10 Infantil / Juvenil
19.10 Rotações
19.45 Missão Impossível
20.40 Sinais do Tempo
21.20 Remate
21.45 Acontece
22.00 Jornal 2
22.45 A Última Ameaça (de Richard Brooks, EUA-1952, com Humphrey Bogart, Eitel Barrymore, Kim Hunter. Ver Destaque)

SIC

09.00 Os Conquistadores
09.30 Buéréré
11.00 Olimpíadas Radicais
11.30 As Receitas do Dia
11.55 A Guerra dos Sexos
13.00 Primeiro Jornal
13.30 A Brincar, a Brincar
14.00 Os Imortais
15.00 Buéréré
17.25 Notícias
17.40 De Corpo e Alma
18.50 Quem É Você?
20.00 Jornal da Noite
20.50 Pensão Estrela
21.20 O Rei do Gado
22.30 Comédia da Vida Privada
23.30 Guerra de Irmãos
00.35 Último Jornal
00.50 Toda a Verdade
01.50 Vibrações

TVI

10.00 Espaço Cultural
12.10 Clube da Manhã
13.00 Jornal da Manhã
13.55 Ambição
15.00 SOS Urgências
16.00 A Hora do Recreio
17.40 Informação
18.00 Malta Curtida
18.30 Rua Jump, 21
19.30 Novo Jornal
20.30 Em Nome da Justiça
21.30 Competente e Descarada
22.00 Revolução (de Hugh Hudson, Gr.Br./Nor.-1985, com Al Pacino, Nastassja Kinski, Donald Sutherland, Joan Plowright. Guerra / Histórico)
00.15 TVI Jornal
01.00 Fora de Jogo
01.15 Quase Modelo, Quase Detective

Por isto e por aquilo...

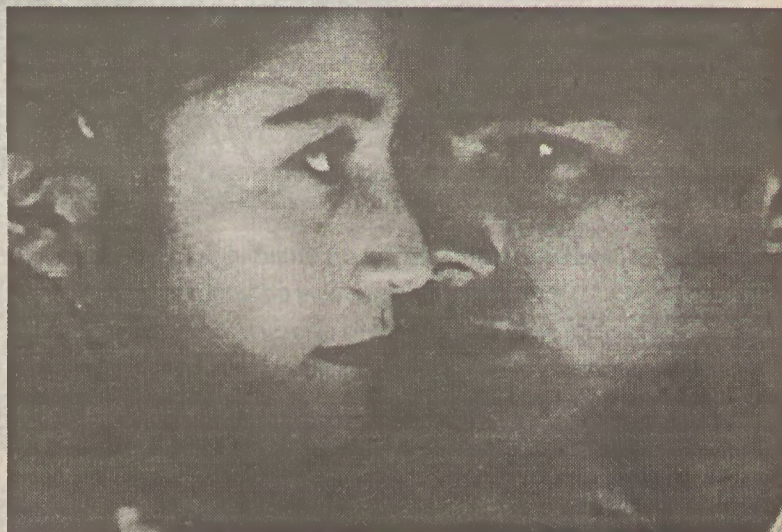
O Cozinheiro, o Ladrão, a sua Mulher e o Amante

(Quinta, 22.45, RTP2)

Os protagonistas da história estão como que enumerados no verdadeiro «índice» que constitui o curioso título deste filme do britânico Peter Greenaway, brilhantíssima alegoria sobre uma sociedade em decomposição. Mas tudo seria menos brilhante, se não fossem as fabulosas cores da fotografia de Sacha Vierny, os cenários de Ben Van Os e Jan Roelfs - uma e outros evocando os quadros dos grandes mestres flamengos. Na realidade, a composição das personagens e o argumento que as faz movimentar não são o elemento mais forte deste espectáculo visual, deste exercício de estilo talvez por vezes demasiado barroco e transbordante que nos fala de amor, ódio, vingança e... dos «prazeres da mesa». Se são adeptos dos filmes do realizador, já viram, com certeza, na sala escura, como eles podem às vezes ser horripilantes!



Helen Mirren e Richard Bohringer, numa cena de «O Cozinheiro, o Ladrão, a sua Mulher e o Amante», de Peter Greenaway



Lumí Cavazos e Marco Leonardi, intérpretes principais de «Como Água Para Chocolate», de Alfonso Arau

Como Água Para Chocolate

(Sexta, 22.45, RTP2)

Adaptado por Laura Esquivel a partir do seu famoso romance, diz-se que este filme, largamente premiado, se tornou um dos mais triunfantes êxitos da história do cinema mexicano. A história acompanha a trajetória da mais nova de três filhas de uma família conservadora, que decide enfrentar as tradições com frontalidade dando largas à sua sensualidade e à sua vontade de independência. Embora já fora do ciclo da RTP 2 terminado na véspera, também aqui os prazeres da mesa estão curiosamente associados a outros prazeres. *Como Água Para Chocolate* (frase idiomática que, na gíria mexicana, significa um estado de excitação sexual) é a expressão cinematográfica de um certo «realismo mágico» e foi realizado por um talentoso e polivalente actor, bailarino, mimo, produtor e realizador mexicano, Alfonso Arau, marido da própria Laura Esquivel.

A Vida Deste Rapaz

(Sábado, 02.30, RTP1)

Nos EUA, em meados dos anos 50, quando as coisas davam para o torto, a ideia invariável que ocorria era partir para o Oeste e esperar que



Um fotograma de «Era Uma Vez no Oeste», de Sergio Leone



Leonardo di Caprio e Robert De Niro, em «A Vida Deste Rapaz», de Michael Cantor-Jones

averiguar se as primeiras impressões, influenciadas pela desmesura e pelo espanto, agora se aquietam à luz de uma necessária distanciação. Um filme de Francis Ford Coppola, com Martin Sheen, Robert Duvall, Dennis Hopper e Marlon Brando nos principais papéis.

Nos Bastidores de Nova Iorque

(Domingo, 01.30, SIC)

Ao investigar o assassinio de uma jovem, um velho inspector da policia suspeita que se trata de um roubo de jóias e a investigação leva-o pouco a pouco ao esclarecimento do caso. Ao filmar Nova Iorque, durante a noite - afastando-se da tradicional prática contemporânea de Hollywood, ao reproduzir em estúdio os cenários naturais - o cineasta Jules Dassin assina um filme fundamental, pelo marco que constitui neste género. Tratando-se de um filme em que o inquérito policial quase aparenta ser um inquérito jornalístico, este filme como que antecipa o novo ciclo que começa na segunda-feira, sobre a imprensa. A não perder.

Olha Quem Fala

(Segunda, 22.15, SIC)

Há quem tenha achado muita piada a esta comédia de grande sucesso, em que o «achado» fundamental reside no facto de haver pelo meio um bebé que fala e comenta a vida dos adultos! A voz é de Bruce Willis, mas isso não basta para que,

de tempos a tempos, consiga-mos mais do que apenas sorrir. O que, no fim de contas, já não é nada mau...

Um fotograma de «Apocalypse Now», de Francis Ford Coppola



O Grande Escândalo

(Segunda, 22.45, RTP2)

O chefe de redacção de um jornal decide enviar a sua mulher, também jornalista (da qual pretende divorciar-se), realizar uma reportagem terrível: entrevistar um condenado à morte. Mas, a partir daqui, com a introdução do terceiro membro do clássico triângulo, o filme desenrola-se numa vertigem de situações indescritíveis, com Howard Hawks em altíssima forma a encenar um notável argumento. Trata-se, aliás, da segunda adaptação ao cinema (escrita por Charles Lederer) de um peça - *Front Page* - de Ben Hecht e Charles MacArthur, considerada a maior das comédias sobre os meios jornalísticos. Numa versão que é um exemplo de como bem escrever para o cinema, Cary Grant e Rosalind Russell são insuperáveis! Aqui começa um magnífico ciclo de cinema clássico na RTP 2. A não perder.

A Verdade Vence Sempre

(Terça, 22.45, RTP2)

Doze anos após *Frank Wiecek* ter sido condenado a pesadíssima pena, a sua mãe procura utilizar as economias que entretanto conseguira fazer para interessar alguém numa nova investigação do caso que levava o filho à prisão. Embora convencido da culpabilidade do encarcerado, um jornalista encarrega-se deste caso e acaba por descobrir a verdade, com a prova da inocência daquele. Dirigido com rigor por Henry Hathaway, estamos em presença de um filme negro cujo interesse se diria quase documental.

Aconteceu no Oeste

(Terça, 00.50, SIC)

Não deixa de ser interessante constatar, ao rever este filme, que o seu argumento se tornou dos mais «clássicos» em toda a história do *western* (um enredo que gira à volta de um «ponto de água» que é o centro das atenções para o qual convergem cinco personagens - todas, por motivos diversos, a ele ligadas). O que é surpreendente é ter ele nascido de um cineasta, não americano, mas... italiano. Trata-se, como é natural, de Sergio Leone, que nos acostumamos a etiquetar de «especialista» do *western-spaghetti* mas que aqui encena (ou não lhe estivesse na massa do sangue...) um autêntico *western-ópera*. Como sempre impressionantes na sua cinematografia são, sem dúvida, o tempo cinematográfico que Leone cria nas sequências que filma (como que dando ainda mais força à história e à caracterização psicológica das personagens envolvidas) ou, ainda, em geral, o *hieratismo* dos seus intérpretes (que o realizador vai de início buscar, em grande parte, à série B norte-americana ou à inesgotável galeria dos eternos «secundários» de Hollywood). Mas, neste filme, Leone tem à sua disposição nada menos do que Henry Fonda, Jason Robards, Charles Bronson, Claudia Cardinale, o que garante um autêntico espectáculo de representação. De referir, ainda, algumas sequências ou planos que constituem como que citações da obra de John Ford ou Peckinpah, sendo o final do filme (na feliz referência de Jean Tulard) uma clara evocação deste último: o Oeste está morto; o caminho-de-ferro introduz a civilização; o cowboy deixa o seu lugar ao operário explorado.

A Última Ameaça

(Quarta, 22.45, RTP2)

Não admira que estejamos, aqui, perante um dos melhores filmes que tem a imprensa escrita como pano de fundo: o seu realizador, Richard Brooks, foi ele próprio jornalista. O jornalismo e o mundo de corrupção, nepotismo e tráfico de influências que minam a independência e a liberdade de informação, quando colocada ao serviço dos interesses mais obscuros, estão em primeiro plano neste filme. Um tema em geral eficazmente abordado pelo melhor cinema liberal americano: hoje e aqui é o mundo dos *gangsters*, como ontem e ali foi o mundo da alta finança e dos políticos seus lacaios. Uma poderosa encenação para um argumento admiravelmente escrito, com intérpretes da estatura de um Bogart ou um Barrymore a servi-lo. Que mais poderia exigir-se?

a vida sorrisse melhor. Foi o que aconteceu a uma mãe acabada de se divorciar que pegou nos seus haveres e no seu filho e se meteu num velho *Nash* em direcção ao estado de Washington, até ir parar a uma cidade com o nome nada acolhedor de *Concrete*. Talvez que ali encontrasse de novo marido e que o filho acabasse por encarrilar melhor nos estudos... É então que, de facto, se cruza com um homem que se diz apaixonado e, embora tanto ela como o filho sentissem que ali alguma coisa poderia estar errada, a decisão foi a de arriscar. Tanto pior! A decisão iria revelar-se desastrosa... Revelando-se um interessante estudo de personagens, o filme (baseado na memória de factos reais, vividos aliás pelo autor do argumento Tobias Wolff) encontra nos intérpretes principais - Robert De Niro, num dos seus melhores papéis de sempre, e o miúdo Leonardo DiCaprio, com uma até agora relativa experiência no meio televisivo - as melhores qualidades e os mais intensos atractivos. Sintomático dos desgraçados tempos que correm é que, para a RTP, projectar este filme parece já não constituir qualquer trunfo importante em matéria de programação incólume aos assaltos da concorrência. Se não fosse assim, seria absurdo e inaceitável que o programasse para as duas e tal da matina! Entretanto, a «minoría silenciosa» sofre...

Apocalypse Now

(Domingo, 22.05, RTP2)

Que poderá mais dizer-se sobre um filme tão delirante quanto demenciais são as principais personagens envolvidas nesta história cujo pano de fundo é uma guerra iníqua entre as demais? Passados anos sobre a sua estreia, é tempo agora de o ver (embora na «impossível» dimensão do pequeno écran) tentando abstrair-nos do calor do primeiro impacto e

■ Correia da Fonseca

Saudade face e reverso

Da saudade, temos o exclusivo mundial da palavra, bem se sabe, mas não decerto o do sentimento, ao contrário do que um talvez excessivo lusitanismo por vezes leva a crer. É claro que as características ideossincráticas, os percursos históricos, as circunstâncias, favorecem ou não a floração das saudades, mas a inevitável capacidade humana para as sentir lá está sempre. E até acontece que nem sempre a saudade surge como um sentimento simpático à generalidade das avaliações. Lembrei-me de tudo isto, e de alguma coisa mais, enquanto olhava a reportagem a que Fernanda Oliveira Ribeiro, jornalista da SIC, deu o bonito título de «A minha alma ficou lá». É um trabalho à volta dos que há cerca de vinte anos vieram de Angola e Moçambique e que, como bem se compreende, nunca mais curaram essa ferida. Por isso a saudade sangra, e a reportagem mostrou como ela só se apazigua uma vez por ano quando os que viveram em Lubango, Benguela, se reúnem na alegria do reencontro e sobretudo da memória comum.

É uma festa sem dúvida simpática mas, curiosamente, foi ela que me arrastou para a lembrança de outras festas, de outros reencontros periódicos, que por acaso vi recentemente evocados numa notícia alongada acerca de um julgamento havido em Itália. Essas outras festas ocorreram durante décadas na Argentina, para onde no imediato pós-guerra fugiram nazis destacados, ou nem tanto, quer para escapar à eventual punição por crimes contra a humanidade quer, mais simplesmente, para poderem refazer as existências sob formas mais pacíficas e discretas que as vividas até então. Porém, como é natural, mantiveram ao longo dos anos a saudade do tempo em que as suas vidas tinham mais brilho, mais expectativas, mais triunfos, além dessa outra saudade que é a da juventude ou da plena maturidade. Por isso também eles se reuniam regularmente, em data certa ou não, e viviam as efusões do reencontro, do companheirismo recuperado, e partilhavam memórias, e lembravam o sabor do poder perdido, e acariciavam talvez o sonho impossível do regresso.

Entenda-se: não sugiro de modo nenhum que entre esses exilados alemães na Argentina e os que a partir de 75 vieram de África para Portugal haja em comum mais que a nostalgia dos lugares perdidos e dos anos passados. Porém, a similitude dos sentimentos experimentados por uns e por outros, até a possível semelhança dos rituais de reencontro praticados, pode vir lembrar-nos que a saudade, só por si, não serve para dar aval à bondade das vivências passadas, das convicções, dos eventuais equívocos.

Serve, isso sim, para dar testemunho da condição humana alojada em cada homem ou mulher. Parece-me que o claro entendimento disto pode ter importância decisiva na prevenção de confusões graves.

O preço omitido

«Fui feliz (em Angola); aqui não!», disse um dos entrevistados pela jornalista Fernanda Oliveira Ribeiro, ela própria vinda de Moçambique quando ainda criança. «Fui feliz», e parece-me certo que a generalidade de quantos passaram pela reportagem podia ter dito o mesmo por aquelas mesmas palavras. Ora, a felicidade continua a ser um bem de tal modo raro, sobretudo quando assumida por quem a viveu ou viveu, que é impossível não se ser tocado por todas aquelas felicidades perdidas. Contudo, é indispensável parar para reflectir, sob pena de usarmos de má-fé. A questão é que aquelas felicidades, não importando agora se tão reais e completa como agora surgem,

podem ter tido um preço, o preço altíssimo, pago por quem não teve lugar na reportagem. Talvez possa usar-se neste caso uma espécie de paráfrase da frase de Garrett a respeito dos ricos e dos pobres: em situação de colonialismo, quantos colonizados serão precisos para fazerem a felicidade de um colono, de primeira geração ou não?

Calculo que a pergunta não caia bem no espírito dos que regressaram e se sentem cruelmente injustiçados, até porque cada um deles se sente condenado em inocência, e com razão: é raro que as culpas graves dos colonialismos tenham responsáveis individuais, parecendo-me certo que a reportagem da SIC não deu tempo de antena a quem tenha cometido crimes, grandes ou pequenos, contra as populações negras. Crimes que houve, e ao longo de séculos, como bem se vai sabendo

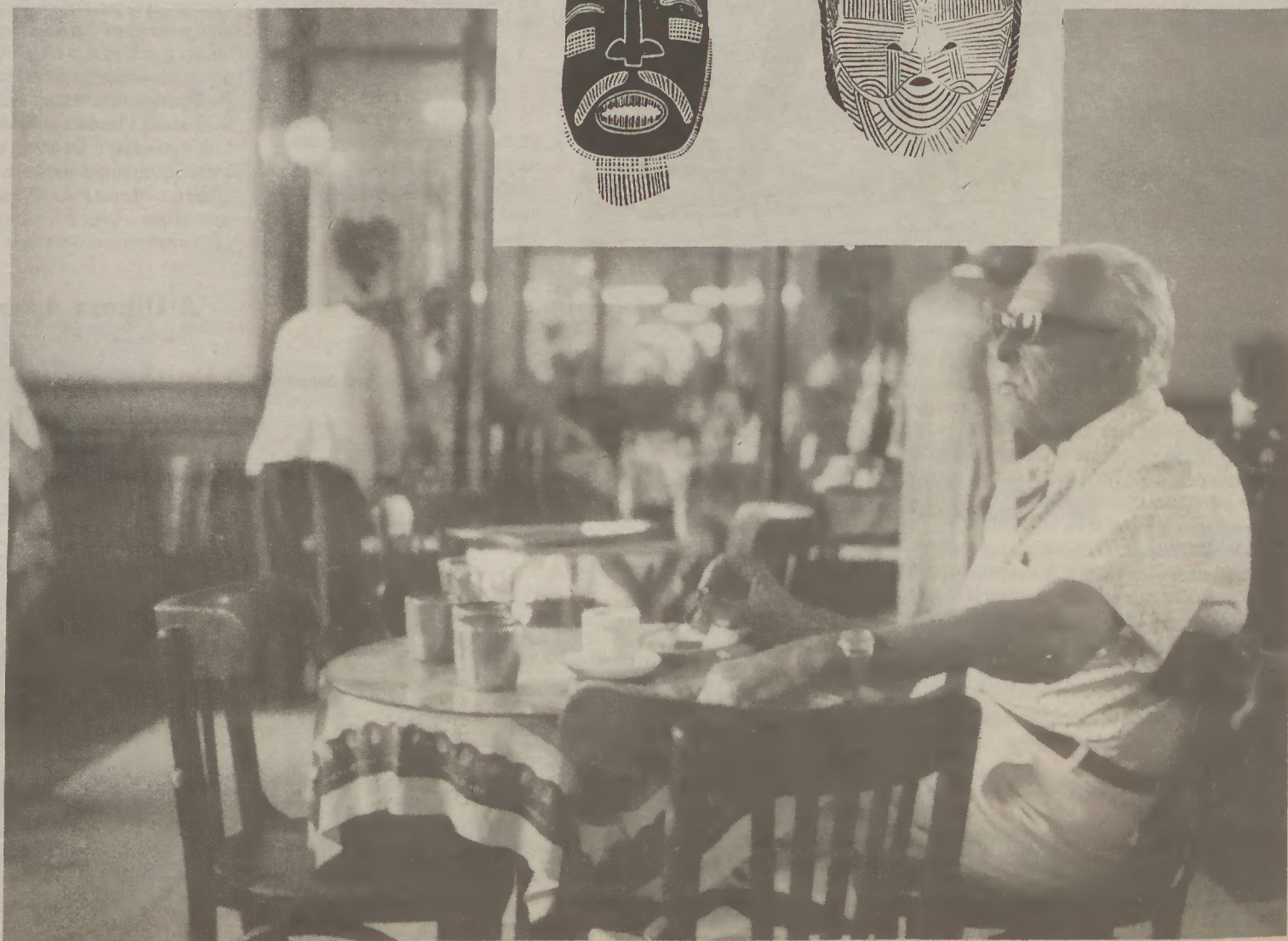
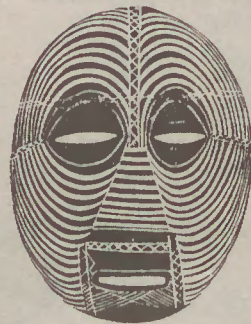
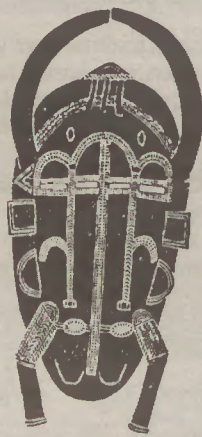
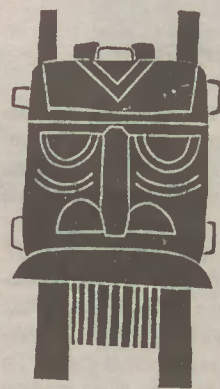
embora muitíssimo se cale. Porém, não é menos certo que «A minha alma ficou lá» funcionou, e decerto não involuntariamente, como um protesto, senão como um libelo traçado obliquamente, contra a descolonização. Logo as primeiras imagens ensaiaram uma sugestão de desmentido contra a possível acusação de um racismo português em África, aliás na linha do mito já um pouco estafado de que os portugueses não são racistas por virtude instintiva e congénita. Depois, e ao longo de todo o telefilme, sempre as desgraças decorrentes da descolonização foram desfilando, desgraças relativamente miúdas é certo, amarguras, lágrimas

discretas. Mas desgraças de peso reforçado pela aparente sem-razão que as desencadeou.

A omissão do outro lado daquela realidade foi o grande pecado da reportagem: pecado cometido contra a correcta e integral informação e, portanto, pecado mortal cometido contra o dever jornalístico. «A minha alma ficou lá» entende-se como homenagem prestada à saudade dos que vieram de longe e ficaram com ela, e longe, a macerar-lhe o peito. Mas o telefilme trouxe, ao lado da saudade, uma sensível dose de ressentimentos e algumas sementes de ódio, clandestinas, surdas, mas presentes. Por isso a jornalista, embora sem recusar a sua própria origem, sendo talvez ela própria protegida da Nossa Senhora dos Retornados que a reportagem mostrou com algum compreensível enternecimento, não podia calar o reverso daquela saudade, nem que fosse só mediante uma alusão breve mas isenta. Não podia calar, isto é, não devia. Para que

a visível solidariedade para com sentimentos simpáticos não pudesse transformar-se em testa-de-ponte para o eventual reabastecimento de convicções políticas do passado péssimo e seu futuro.

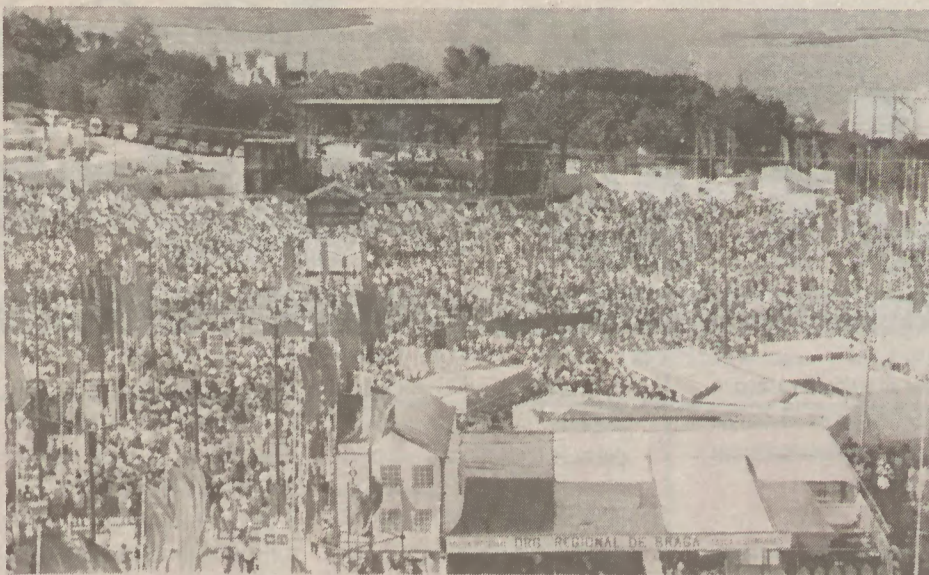
De resto, saudade por saudade, até seria possível falar da saudade que deu ânimo, força e afinal vitória, ao «outro lado»: saudade da integral dignidade humana que o regime colonial impedia, do legítimo orgulho de ser cidadão em terra libertada, do direito de construir o futuro. Que nada disso ainda tenha chegado tanto quanto foi sonhado é uma outra história que, como bem sabe quem quer saber, tem a ver com a odiosa continuação das guerras coloniais por outros meios e com outras gentes. Mas é uma obra história que não legitima a amputação desta, só em parte contada por «A minha alma ficou lá».



ESCAPARATE

Não há Festa como esta...

Claro que, numa semana em que a «Festa» está em primeiro plano, não há qualquer destaque que possa sobrepor-se-lhe. Na Atalaia vai haver, de tudo, muito! Por exemplo, quanto aos espectáculos, as novidades começam já amanhã, 6ª feira, no **Palco 25 de Abril**: é o concerto sinfónico que se segue, para um público ainda mais vasto, ao enorme êxito do concerto do ano passado no Auditório 1º de Maio. O repertório é de Tchaikowsky: Três Valsas dos bailados «A Bela Adormecida», «Quebra-Nozes» e «O Lago dos Cisnes»; Concerto para Piano e Orquestra nº 1 op. 23; e Abertura solene «1812» op. 45. A orquestra é a Metropolitana de Lisboa, sob a direcção de Miguel Graça Moura, e o solista em piano será António Rosado. Mas no Sábado e no Domingo é tempo para ouvir e ver, entre tantos outros, os grupos Clá, Ritual Tejo, Raúl Marquez e os Amigos da Salsa, Quinta do Bill, Delfins e Kussondulola (com convidados). As noites do fim-de-semana encerrarão com dois grandes espectáculos, respectivamente, no Sábado, com Eddie Bo e os New Orleans Stompers com Louis «Red» Morgan e no Domingo com Rui Veloso, as Vozes da Rádio e o pianista Bernardo Sasseti. Mas não há palco principal nesta «Festa». Todos os outros são importantes, como é o caso do Auditório 1º de Maio em que o Jazz (com os Telectu + Evan Parker e o Quarteto de Carlos Martins) estará presente, assim como a MPP (Janita Salomé, Tim Tim por Tim Tum, Danças Ocultas ou Mísia), o «Flamengo» (conjunto de Pedro Jóia), a «salsa» de Cuba (Viviana y Sus Muchachas) ou os convidados internacionais Zion Harmonizers, Open House e Cool Hip-noise. Não esquecer, ainda, os palcos Arraial, Liberdade e Novos Talentos. Lugar especial terá, como é habitual, o **Avante-atro**, este ano com espectáculos importantes como «Os Monstros Sagrados», «Não Matem o Mandarin», «Feliz Aniversário», «No País dos Matraquilhos» e «Em Mim, Nam Entra Tristura». E que dizer do Cinema, com uma retrospectiva de curtas-metragens portuguesas e da Música Tradicional Portuguesa e da... enfim: um fatote!

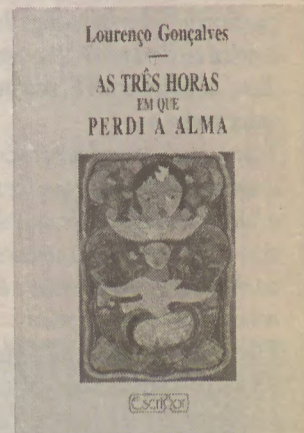


Grande expectativa para o concerto sinfónico de amanhã à noite, no Palco 25 de Abril, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida por Miguel Graça Moura, com o pianista António Rosado

LIVROS

As Três Horas em que Perdi a Alma

Mais uma publicação da editorial Escritor, menção honrosa do Prémio de Poesia e Ficção de Almada. Da autoria de Lourenço Gonçalves, que subscreveu várias obras de ficção e poesia, este livro apresenta-se com um prefácio de Teresa Lopes e uma bela capa de António do Carmo. Uma história do quotidiano, bem mais fantástica do que a realidade parece.



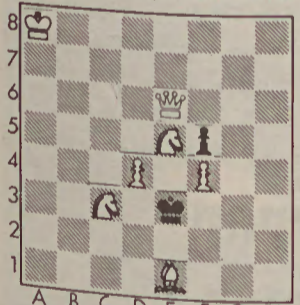
Por Viriato! Meu Herói Policiário

Não é um romance, este livro de Manuel Geraldo, o escritor e jornalista, autor de várias obras que atravessam diversos géneros - da crónica à novela, dos contos ao teatro. De novo foi a crónica a inspirar a escrita, embora o livro tenha alcançado uma unidade maior do que a mera recolha de textos. Publicado pelas Edições Margem, inaugurando a colecção *jurídico-policial*, o livro de Manuel Geraldo tem um prefácio esclarecedor de um outro escritor bem conhecido do público - o também alentejano Francisco Moita Flores, antigo investigador da Polícia Judiciária que se virou para a escrita, sendo autor de vários livros de ficção e de ensaio, mas havendo alcançado a notoriedade com a co-autoria da telenovela *Desencontros* e com o programa *Marginalidades*, na RTP. A propósito das crónicas de Manuel Geraldo, seleccionadas entre as que vem publicando no *Diário do Alentejo*, diz Moita Flores que se trata de uma obra que «caminha no cruzamento do mítico com o real, onde os juízos ideológicos do autor procuram deliberadamente não perverter a auscultação dos factos por forma a adulterá-los. Desta forma, o detective de romance cruza-se com o detective da rua, o criminoso deixa de ser uma categoria e passa a ser uma situação social e psicológica e o balanço final da leitura é a reprodução de uma sociedade que Manuel Geraldo escarpaliza cruelmente à procura do rosto humano dos homens». Estamos, portanto, saudavelmente longe do sensacionalismo e muito próximos da reflexão...

XADREZ

DLXXVI - 5 DE SETEMBRO DE 1996
PROPOSIÇÃO Nº 1996X037
Por: R. LECOMTE
Thmes 64 Nº 4, 1956

Pr.: [3]: Ps. a3, f5 - R63
Br.: [4]: Ps. d4, f4 - Cs.ç3,65 - B61 - D66 - Ra8



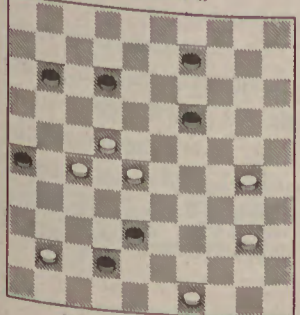
Mate em 2 lances

SOLUÇÕES DO Nº DLXXVI
Nº 1996X037 [R.L.]: 1. Da2!; 1... R:d4; 2. Df2
#: 1... R:f4; 2. Dd2#. Ensaio: 1. D:f6?; R:d4!
A. de M. M.

DAMAS

DLXXVI - 5 DE SETEMBRO DE 1996
PROPOSIÇÃO Nº 1996D037
Por: LOUIS DALMAN
Combat Dans L'Arène, [328/30a], Nimes, 1976

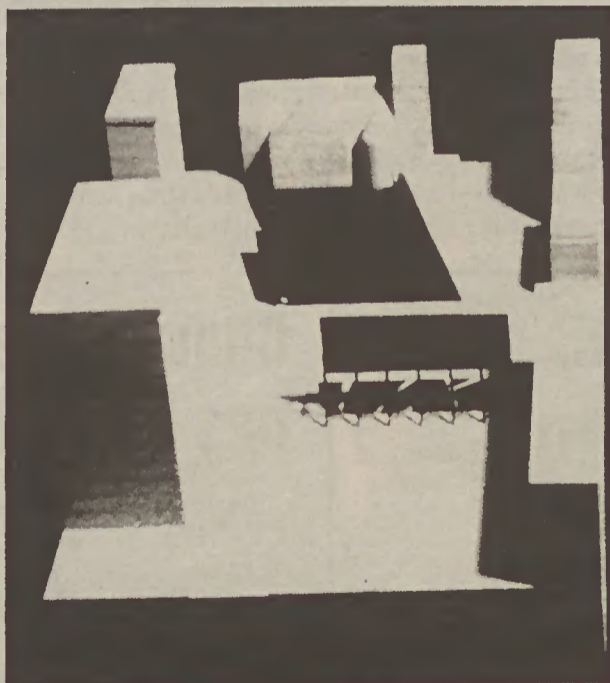
Pr.: [7]: 9-11-12-19-26-38-42
Br.: [7]: 22-27-28-30-40-41-49



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO Nº DLXXVI
Nº 1996D037 [L.D.]: 1. 27-21!(26x17); 2. 41-37, (42x31); 3. 49-43, (38x49-D); 4. 28-23, (49x24); 5. 23x3-D, (17x28); 6. 3x15+
A. de M. M.

EXPOSIÇÕES



Uma exposição singular

Continua patente ao público até 30 do corrente, na Galeria das Descobertas do Centro Cultural de Belém, a exposição «Artistas Arquitectos». Organizada em colaboração com o Nouveau Musée / Institut d'Art Contemporain e com o apoio do Ministério da Cultura francês, a Acção Francesa de Acção Artística, a Embaixada de França e a Câmara Municipal de Lisboa, esta exposição já esteve em

Lyon e Munique e, depois de Lisboa, será apresentada em Viena. Constituída por inúmeros trabalhos dos mais reputados artistas e arquitectos de todo o Mundo, entre os quais podemos destacar André Bloc, Claude Parent, Daniel Libeskind e os nossos Amâncio Guedes e Álvaro Siza Vieira, «Artistas Arquitectos» é uma ampla mostra de arte e arquitectura contemporânea, a não perder.

FESTIVAL

Sete Sóis, Sete Luas

Depois dos espectáculos realizados em Pontedera (Itália) durante o mês de Julho, é agora a vez de chegar até nós (para as realizações em território nacional) o festival «Sete Sóis, Sete Luas», também conhecido por «Festival Luso-Italiano de Teatro e Cultura», numa organização com sede dupla, este ano apoiada pela Câmara Municipal de Montemor-o-Novo e pela

Comune di Pontedera e apresentando uma forte componente laboratorial e experimental. Para já, o destaque vai esta semana para o espectáculo a realizar no Cine-Teatro C. Semedo com o Grupo Teatral «Living Theatre» que levará à cena uma nova proposta-versão do espectáculo de 1964 que revolucionou o teatro moderno: «Mysteries and Smaller Pieces».



O «Living Theatre»

ÚLTIMAS

ATALHE DE FOICE

Os rebarbativos

A trajetória política de Luís Filipe de Menezes agigantou, entre outras, uma evidência.

A de que qualquer mexida na barba lhe dá voltas à cabeça. Por isso, quando Luís Filipe de Menezes apareceu há dias na televisão de cara rapada, o País percebeu imediatamente que havia novidade.

E havia.

De rosto lúcido, espelhando a escrupulosa escanhoada que limpava a barba négligé da última saison, o presidente da distrital do Porto do PSD organizou um jantar de autarcas e disse: «Contra este PS, não devemos ter medo de eleições antecipadas.»

Transpirando temeridade, Luís Filipe aproveitou também para anunciar outras ideias que lhe tinham ocorrido enquanto fazia a barba, nomeadamente uma aliança eleitoral com o PP e uma grande festarola à americana, a realizar sob o patrocínio da sua distrital em vésperas e em competição com o congresso nacional do próprio partido.

Estranha-se aqui a necessidade da muleta do PP «contra este PS de que não devemos ter medo», mas se calhar é porque o presidente do PSD/Porto perdeu, com a barba, a medida da coragem que tem.

Em audácia final, Menezes frisou não saber «o que a direcção [do partido] pensa sobre isto», devendo ser o único que desconhece o que o mais distraído laranjinha já sabe: que a direcção do seu partido, pela voz do seu presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, pensa e quer (até ver...) exactamente o contrário do que o recém-escanhoado presidente da distrital do Porto agora propugnou.

Ou seja, que não quer eleições antecipadas nem alianças com o PP.

Quem não precisou de rapar a barba para debitar novidades da própria lavra foi o congénere de Filipe de Menezes no PS, o não menos azougado presidente da distrital do PSI/Porto, Narciso Miranda.

Reunindo o secretariado à mesa (não se sabe se antes, se depois de jantar), disse Narciso: «Vamos concorrer às autárquicas sozinhos.» E pormenorizou, para que não restassem dúvidas sobre o alvo da sua solidão: se «por absurdo» a direcção nacional do PS vier a discutir a necessidade de outras alianças com o PCP para além de Lisboa, «o Porto manter-se-á fora desse processo».

Alcandorado assim à dimensão do Porto, Narciso ainda despenhou lá do alto a formidável acusação de que «existem alianças contranatura entre estes dois partidos [PCP e PSD], pelo menos em Gondomar e Valongo».

Deste modo e de uma penada, a robusta clarividência de Narciso confundia trabalho concreto em prol das populações (a que o PCP nunca se furtou) com colaboracionismo político com a direita (de que o PS, infelizmente, sempre abusou), ao mesmo tempo que arrumava os seus próprios correligionários que, na região, têm defendido a colaboração autárquica com o PCP.

Entretanto, é extraordinária a simetria destes dois discursos. Ambos foram feitos pelos respectivos presidentes das distritais do PS e do PSD no Porto.

Os dois desafiam as direcções nacionais dos seus partidos, um fingindo que «não sabe o que a direcção pensa disto», outro inventando que «se pensarem nisso o Porto manter-se-á fora». Ambos estão obcecados com alianças - um a desejá-las, o outro a rejeitá-las - mas as contas que fazem têm um denominador comum: a obsessão pelo poder.

Por isso os dois, por igual, só vêem eleições à frente.

Por isso também nenhum, por igual, procurou averiguar ou sequer aludir ao que, supostamente, deveria ser a principal preocupação de um dirigente político que se lança em campanha eleitoral, ainda por cima tão prematura.

E que consiste na avaliação dos problemas que afectam os municípios, os concelhos, as regiões e o País, única forma séria de aparecer ao eleitorado como seu representante.

Assim, em vez de terem as populações e o País como objecto das suas reflexões, fazem da cerzadura politiqureira o alvo das suas ambições.

Pelo que não confrontam soluções, contabilizam alianças.

Não analisam realidades, fabricam estratégias.

Não discutem factos, manipulam desejos.

Por isso é que ambos, com barba ou sem ela, continuam tão alegremente rebarbativos.

■ HC

PCP condena «papel de polícia» dos EUA

Nota do Gabinete de Imprensa

Através do seu Gabinete de Imprensa, o PCP divulgou na passada terça-feira a sua posição acerca da acção militar desencadeada pela administração Clinton contra o Iraque.

«1. Independentemente dum juízo sobre as reais motivações e objectivos de intervenção das forças armadas iraquianas em território do

Iraque a norte do paralelo 36, e reiterando a constante condenação do PCP do regime ditatorial de Saddam Hussein, o PCP considera que a acção militar «punitiva» dos EUA constitui mais uma grave e perigosa expressão do papel de polícia do mundo a que se arroga o imperialismo norte-americano.

2. O PCP chama a atenção

para que a resolução pertinente do Conselho de Segurança, tomada na sequência da chamada Guerra do Golfo, apenas proíba às forças armadas do Iraque o sobrevoo aéreo daquela região, o que não se verificou. A acção unilateral dos EUA, que em qualquer caso seria sempre ilegítima, exorbita assim claramente tal resolução.

3. O PCP considera que a precipitada tomada de posição do Primeiro-Ministro português, em Varsóvia, de apoio ao acto agressivo dos EUA é a expressão de um inquietante seguidismo que não respeita a responsabilidade soberana do Estado e os interesses do povo português, nem a causa da paz e da segurança no mundo.»

Câmara de Vila do Conde limita liberdade de expressão

A Câmara Municipal de Vila do Conde insiste em cercar o livre exercício do direito de expressão, designadamente o direito de propaganda política. Foi assim em 1984, tendo então o Tribunal Constitucional considerado que a Câmara estava a exceder o âmbito das suas competências. Foi assim no ano passado quando, em plena campanha eleitoral, a Câmara procedeu ao arranque de todos os pendões, procedimento que mereceu a censura da Comissão Nacional de Eleições, que deu razão à queixa apresentada pela CDU. Voltou a ser assim há dias quando, de novo atacada de uma «febre censória» que só a intolerância justifica, a Câmara procedeu ao arranque dos pendões que, «longe de qualquer pretensão centro histórico», os comunistas de

Vila do Conde haviam colocado anunciando a Festa do Avante!.

A denúncia foi feita pela Comissão Concelhia do PCP de Vila do Conde que, em nota à comunicação social, assegura sempre se ter preocupado com «os monumentos da nossa terra, com a preservação do património arquitectónico e cultural e com a defesa do ambiente». Preocupação que «é coerente», continua a concelhia do PCP, «com a defesa de uma política municipal que ponha termo ao depósito de toda a espécie de lixo "a céu aberto" e dê finalmente corpo à instalação de uma rede de saneamento básico», já que «neste momento os esgotos ainda são lançados sem qualquer tratamento nas praias e linhas de água, com a consequente

poluição e danos para a saúde pública».

Mas a Câmara socialista de Vila do Conde e o seu presidente, eng.º Mário de Almeida, destacado dirigente do PS e presidente da Associação de Municípios, preferem preocupar-se com o arranque de pendões, não permitindo que outros possam ter «opiniões diferentes das suas», diz a Concelhia do PCP, informando que irá accionar os mecanismos judiciais adequados e solicitar junto do Tribunal Constitucional a declaração de inconstitucionalidade do regulamento municipal sobre publicidade e propaganda.

Entretanto, a Câmara Municipal de Vila do Conde, face ao comunicado da Concelhia do PCP, fez sair uma nota acerca da afixação de propaganda relativa à Festa do

Avante!, que classifica de «evento de cariz comercial».

Porque esta nota pode suscitar dúvidas na opinião pública, o Gabinete de Imprensa da Direcção da Organização do Porto do PCP esclarece que a Festa do Avante! - que este ano tem a sua 20ª edição - é «uma iniciativa inserida no plano anual de actividade política do PCP», não visando a obtenção de lucros e sendo reconhecida como «o maior acontecimento político-cultural do nosso país». Mais, diz a DORP do PCP, existe propaganda relativa à Festa do Avante! afixada em centenas de municípios, por todo o País, merecendo um normal acolhimento da generalidade dos autarcas, também eles defensores do «património, ambiente e paisagem urbanística».

Garantidos vencimentos de Zona Pedagógica

Face à preocupação manifestada pelos professores vinculados pelos Quadros de Zona Pedagógica quanto ao tempo e ao modo como receberiam os vencimentos do mês de Setembro, a FENPROF obteve do Ministério da Educação as seguintes garantias:

- os professores pertencentes aos Quadros de Zona Pedagógica que ainda não tenham sido colocados, receberão o vencimento do mês de Setembro na escola onde leccionaram no ano transacto;

- os professores dos Quadros de Zona Pedagógica colocados em escola diferente daquela onde leccionaram no ano de 1995/96 receberão também o vencimento pela escola de origem.

A FENPROF afirma que «continuará a lutar pela vinculação dos professores com pelo menos dois anos de serviço de modo a que não se repitam as cenas de justificada angústia que marcaram os recentes concursos».

Clima de terror nas lojas Ágora

Dezenas de trabalhadores das lojas Ágora - Supermercados, SA «estão a ser confrontados com um clima de terror ao serem chamados ao gabinete do Director de Recursos Humanos para receberem a comunicação de que a empresa prescinde dos seus serviços». Sob o pretexto das dificuldades que a empresa vive, «logo após esta informação, os trabalhadores são forçados, pelo medo, a aceitar míseros tostões que tão-pouco respeitam os mínimos que a lei prevê, em troca da rescisão do seu vínculo com a empresa».

A denúncia deste facto é feita pela Federação Portuguesa dos Sindicatos do Comércio, Escritórios e Serviços - FEPACES, que assina-

la ter ouvido da Direcção dos Recursos Humanos da empresa «notícias animadoras quanto ao futuro da empresa, já que se aprestava para, com a entrada de novos capitais por força de alterações na administração, uma evolução positiva, que previa inclusivamente a sua expansão».

Os trabalhadores já realizaram um plenário de emergência para debater a situação, ao mesmo tempo que foi solicitada a intervenção urgente dos serviços da Inspeção Geral do Trabalho.



5603199000445

da festa!

Avante!

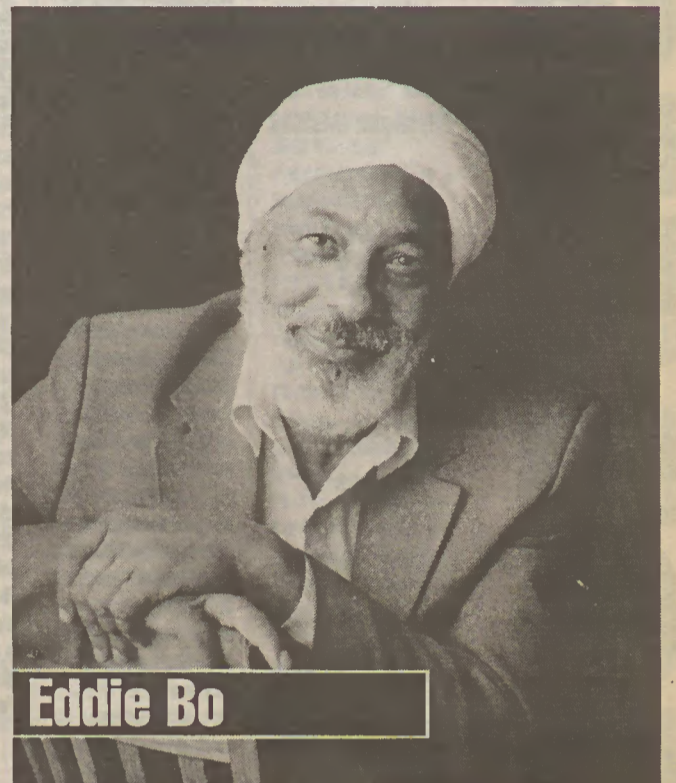
Director
Carlos Brito
SUPLEMENTO Nº 9
5 de Setembro de 1996
Não pode ser vendido
separadamente

AMORA-SEIXAL
6, 7 e 8 SETEMBRO



Orquestra Metropolitana de Lisboa

Concerto Sinfónico na abertura da Festa



Eddie Bo

Artistas da Festa



Quinta do Bill



Delfins

Gaiteiros de Lisboa



Danças Ocultas



Open House



Revista Programa
já está à venda

20
anos
1976/1996

Festa

OS ARTISTAS DA FESTA

- Banda do Barreiro e Timbre Seixalense
- Bernardo Sasseti
- Brigada Victor Jara
- Clã
- Cool Hipnoise
- Danças Ocultas
- Delfins
- Eddie Bo com New Orleans Stompers e Louis «Red» Morgan
- Evan Parker
- Gaiteiros de Lisboa
- Janita Salomé
- Kussondulola
- MDA
- Marisa Santos e Fernando Porta
- Mísia
- Open House
- Orquestra Metropolitana de Lisboa
- Paul Lytton
- Paulo Saraiva
- Pedro Jóia
- Primitive Reason
- Quarteto de Carlos Martins
- Quinta do Bill
- Raul Marquez e Os Amigos da Salsa
- Ritual Tejo
- Rui Veloso
- Telectu
- Tim Tim Por Tim Tum
- Viviana y sus muchachas del son
- Vozes da Rádio
- Zion Harmonizers

Banda do Barreiro e Timbre Seixalense

Desempenhando um papel ímpar no ensino da música e na dinamização cultural junto das populações, as bandas filarmónicas têm, desde sempre e por direito próprio, marcado forte presença nas Festas do «Avante!», ou não fosse esta a maior festa popular que se realiza no nosso País.

Este ano, logo na abertura das portas, na sexta-feira, é o som da Banda Filarmonica Timbre Seixalense que primeiro se ouvirá na Quinta da Atalaia. Depois do desfile inaugural, a formação dá um concerto no Palco Arraial.

No domingo, é a vez da Banda do Barreiro actuar no Palco 25 de Abril. Para além da filarmónica, a banda apresenta ali a sua Orquestra Ligeira, que executa *standards* do jazz e do swing.

Também músicos de bandas do concelho de Almada reforçam a Orquestra Metropolitana de Lisboa, tal como manda a partitura, nos momentos finais da Abertura solene «1812» de Tchaikovski.

Bernardo Sasseti

Bernardo Sasseti - como todos os críticos portugueses preunclaram - iniciou já uma carreira internacional que faz dele presença habitual nos circuitos de jazz de Nova Iorque e da Europa, com actuações e registos ao lado de nomes consagrados, muito especialmente na área do *latin jazz*, que particularmente tem seduzido o pianista. Integrado no quarteto de Carlos Martins, que actua no sábado no Auditório, o *swing* do plano de Sasseti junta-se ainda com o *blues* da guitarra de Rui Veloso, num espectáculo especial a não perder no encerramento da Festa.

Brigada Victor Jara

Com um trabalho assinalável na recolha e reelaboração da música popular portuguesa, tanto em termos de profundidade como de persistência, a Brigada apresentou no ano passado na festa, um novo trabalho discográfico que teve grande aceitação pelo público e recebeu os aplausos da crítica especializada. Com muitos dos seus elementos ligados em simultâneo a outros projectos musicais, como é caso do grupo Instrumental Realejo que actuará no Avanteatro, a Brigada Victor Jara está desde a primeira hora com a Festa do «Avante!», e é com toda a justiça que nesta 20.ª edição os seus ritmos e melodias voltarão a contagiar a assistência.

Clã

Igualmente entusiasmante promete ser a actuação do Clã, grupo que, depois do álbum de estreia, demonstrou que o seu novo som tem potencialidades para, ao vivo, proporcionar um espectáculo cuja revelação poderá multiplicar ainda mais o importante sucesso já alcançado. Na estelra de muitos outros grupos portugueses que na Festa do «Avante!» encontraram o «motor de arranque» para uma carreira de voos bem elevados no panorama artístico nacional, o Clã surge na Atalaia com credenciais que garantem um espectáculo importante. A observar com atenção!

Cool Hipnoise

O primeiro CD «Nascer do Sol» dos Cool Hipnoise foi considerado como um dos mais interessantes trabalhos editados recentemente no panorama musical português, conseguindo reunir um raro consenso de opiniões de áreas musicais diferentes, que, refira-se o grupo assume como componentes efectivas das suas composições: jazz, pop, rap, hip hop. Do álbum salienta-se particularmente o tema «Meu Amigo», talvez um dos mais consequentes e vigorosos libelos contra a toxicodependência, que rapidamente ultrapassou o estatuto exclusivamente musical para se perfilar como uma consistente intervenção social.

Danças Ocultas

Foi em 1982 que este quarteto de concertinas, o «Danças Ocultas», se lançou na estrada com um repertório de música erudita, arranjos de temas tradicionais e de música brasileira. Os bons resultados motivaram o início da elaboração de composições originais e a experiência de levar os instrumentos ao afinador, de forma a aproximar a afinação das três palhetas que compõem cada nota. Contrariou-se a tradição mas obteve-se um som novo que está na base de um primeiro álbum, editado este ano. Os espectáculos subsequentes deram origem a largas páginas de jornal com artigos entusiasmados de críticos assombrados com o que «apenas quatro concertinas podem fazer».

Delfins

Depois dos memoráveis espectáculos de 1991 e 1993, o grupo do multifacetado Miguel Ângelo promete voltar a empolgar o público da Festa. O sucesso da sua última colectânea, «O Caminho da Felicidade», com inúmeras semanas de permanência no primeiro lugar do top nacional de vendas, reflecte a popularidade que os Delfins têm entre nós. De «A Baía de Cascais» a «Sou como um Rio», os Delfins acompanharam permanentemente as tendências internacionais do campo musical, passando da pop a uma fase mais sinfónica. A sua carreira foi marcada por várias canções intervencionistas, reflectindo o contexto social em que se inserem. Quem não conhece o «Nasce Selvagem» ou «Aquele Inverno»? Quanto a perspectivas de futuro, esperam lançar o seu próximo disco de originais no estrangeiro. Para quando é que ainda não sabem.



Eddie Bo com New Orleans Stompers e Louis «Red» Morgan

New Orleans é uma cidade onde se dança muito e aqui mais do que em qualquer outro sítio do jazz teria que nascer uma música de dança: o rhythm & blues vem buscar a New Orleans o piano (Fats Domino, por exemplo), tal como vai buscar a guitarra a Chicago e os metais a Memphis. O rhythm & blues de New Orleans é talvez o mais festivo, o mais dançante e, sobretudo, comporta uma das mais ricas tradições de música para piano de todos os Estados Unidos. O músico que chefa uma banda de 14 elementos que actuará sábado à noite na 20.ª Festa do «Avante!» é unanimemente considerado hoje o mais importante representante dessa escola: trata-se do sr. Edwin Joseph Bocage, musicalmente conhecido por Eddie Bo. Fazer a história de Eddie Bo é quase fazer a história dos últimos 40 anos da música da New Orleans em que nasceu. Compôs canções que fizeram famosos cantores como Etta James, Little Richard, Art Neville; nos grupos que dirigiu ao longo dos anos iniciaram-se vocalistas como Joe Turner, Lloyd Price e os Platters. Influenciou pianistas de todos os estilos e os nomes mais consagrados, de Bill Evans a Oscar Peterson, sobre ele teceram elogios sem fim. Em New Orleans raramente há grupos pequenos. Há músicos em cada esquina, constituir uma grande formação é fácil. Tocar é uma festa e por isso a banda montada por Eddie Bo para trazer à Festa parou nos 14 elementos - mas não foi por vontade dele! E há quem diga que é a melhor música do Mundo!

Evan Parker

Todos os anos na Festa do «Avante!» são apresentados músicos, portugueses e estrangeiros lado a lado, que representam uma corrente vanguardista e experimental. Foi o caso de Elliot Sharp, Chris Cutler com o Telectu; de Roger Turner e David Toop com Carlos Zingaro, entre outros nomes. Interventores no mundo das novas linguagens musicais. O saxofonista Evan Parker e o percussionista Paul Lytton (ler mais à frente) continuam estes encontros que têm sido extremamente prolíferos e permitiram que a nova música portuguesa se desenvolvesse progressivamente. Evan Parker, saxofonista tenor e soprano, nascido em 1944, na Inglaterra, fez parte do Spontaneous Music Ensemble, da Globe Unity Orchestra e foi co-fundador da Incus Records. É um dos mais ousados músicos do sopro; vindo do free jazz tornou-se notório pela permanente busca de novas sonoridades, novas técnicas (como o sopro contínuo, na senda de Coltrane e considerado um virtuoso neste campo); na técnica multifónica (criação de sons simultâneos), hipereprofundidade dos registos, pela hiper-especialização no controlo do saxofone. Juntamente com o baterista Paul Lytton, o músico toca na Festa com o Telectu.

Gaiteiros de Lisboa

Ouvir o último álbum dos Gaiteiros de Lisboa é uma experiência quase violenta de tão gratificante: escutar a sabedoria que se revela na instrumentação, o respeito e o carinho com que é tratada a música tradicional portuguesa e, ao mesmo tempo, a talentosa insinuação de idelas novas, de sensibilidade dinâmica é a prova que esta música - seja qual for o rótulo que se lhe queira colocar - já nos deu muito mas tem ainda muito para nos dar. Tal como outros artistas da Festa deste ano, também os Gaiteiros de Lisboa não vão à Atalaia sozinhos: convidados estão músicos participantes na gravação deste disco que, sem querer cometer injustiças, nos parece ser das mais importantes gravações dos últimos tempos no nosso País.

Janita Salomé

No ano de preparação de um novo trabalho a solo, Janita Salomé escolheu os palcos da Festa para um primeiro espectáculo ligado ao novo disco. Para o espectáculo da Atalaia deste ano, Janita organizou um acontecimento especial de onde se realça a entrada em palco, durante a actuação do cantor, de grupos corais alentejanos participantes na gravação que dará origem ao novo trabalho de longa duração do cantor. Janita retoma assim linhas que marcaram os seus álbuns, fundamentais no domínio da música popular feita no nosso país, e aquela maneira ensolarada que os homens do sul exprimem nas canções.

Kussondulola MDA

Nascidos há quatro anos, os Kussondulola rapidamente se transformaram numa das bandas conhecidas da música africana de Lisboa, tendo recebido as melhores críticas não só entre nós mas igualmente nas digressões que os levaram a França e a Espanha. Para a Festa, o grupo preparou uma apresentação especial que inclui a participação de diversos convidados, nomeadamente numa sequência de percussões africanas que certamente vai entusiasmar o público.

MDA

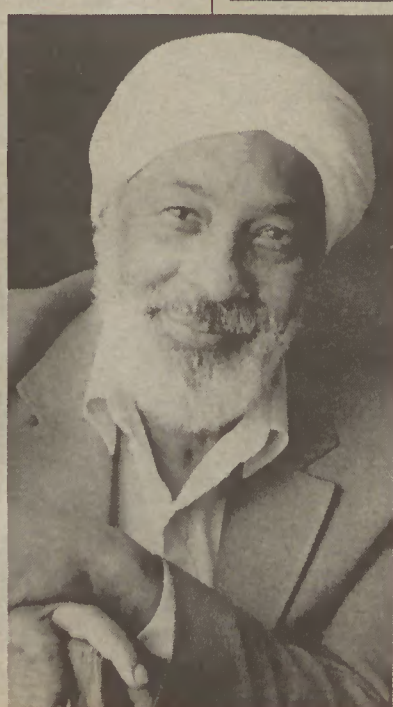
O MDA fez uma criteriosa selecção de temas portugueses de grande sucesso nos anos 80 e 90, utilizou o computador e as técnicas digitais e da experiência resultou mais de uma hora de música dançável, que se encontra reunida num disco, visionariamente subtítuloado «Volume 1», que enche de som todas as pistas de dança do País. Palco historicamente privilegiado para a música de dança, em múltiplos ritmos, batidas e maneiras de menear o corpo, a Festa teria necessariamente de dar lugar a uma experiência inovadora: a passagem para um «ao vivo» do trabalho laboratorial que esteve na origem do MDA.

Marisa Santos e Fernando Porta

Depois de na década de 70 ter conhecido um período áureo de expansão em todo o mundo e especialmente na Europa, a música latino-americana tem estado nos últimos afastada dos palcos e dos êxitos discográficos. Entretanto, lá do outro lado do Atlântico nada parou e o rico filão das tradições populares e da elaboração dos anos 60 e 70 está longe de estar esgotado. Na Argentina, mais particularmente em Buenos Aires, uma voz feminina tem vindo a afirmar-se, tendo franqueado já o importante passo da gravação para uma multinacional: Marisa Santos, nascida em 1970 na capital Argentina que, em 1993, na sequência do primeiro lugar obtido Festival de Rádio e Televisão Ibero-americanas, gravou um interessante CD para a Warner Chappel Argentina. Acompanhada por um compositor de créditos já firmados, Fernando Porta, Marisa actuou já em diversos países latino-americanos, no Festival de Viña del Mar e iniciou o trabalho para um registo com um dos fundadores da Nueva Trova Cubana, Lázaro García. Marisa inicia na Festa do «Avante!» a sua primeira digressão europeia que a levará a Espanha e a França. Com ela, regressa a balada latino-americana aos palcos da Festa!

Mísia

Depois de ter efectuado o lançamento de um álbum no Auditório 1.º de Maio, na Festa do «Avante!», a fadista Mísia viu aumentar a sua popularidade em Portugal e, para além de todas as expectativas, obteve uma elevada repercussão internacional em países como a vizinha Espanha, em França e no Oriente, nomeadamente no Japão e na Coreia, o que aliás motivou *tourneés* por esses países verdadeiramente épicos. Factos que não serão estranhos o extremo bom gosto na selecção musical e poética, a interpretação vocal a um tempo forte e sensível, o misto de respeito pela tradição e índole inovadora do seu trabalho. Um regresso à Festa necessário, este ano enriquecido com um trabalho especialmente criado: a recolha de alguns velhos fados anarquistas e socialistas do princípio do século, uma recolha que José Manuel Osório iniciara já e que agora ganha nova



OS ARTISTAS DA FESTA



OS ARTISTAS DA FESTA

Open House

O fundador do grupo é considerado um dos principais violinistas da música tradicional irlandesa e, a comprová-lo, pode apresentar-se uma impressionante lista dos grupos e cantores com os quais já tocou: Patrick Street, Christy Moore, Kate Bush, Arlo Guthrie, Ry Cooder, The Birds. A lista podia continuar, mas Kevin Burke não necessita de maiores apresentações. Personalidade irrequieta, Burke resolveu há um par de anos fixar-se em Nova Iorque onde, aliás, existe um vasto público irlandês, mas o resultado acabaria a ser bem diferente: um novo grupo surgiria, os Open House, com uma formação de características pouco vulgares reunindo três músicos americanos: Mark Graham, um homem que tem feito passear a sua harmónica e o seu clarinete por géneros bem diferentes, do *cajun* à música tradicional dos Apalaches criando uma justa reputação de grande executante, tal, aliás, como de bem humorado compositor; Paul Kotapish, um multi-instrumentista à vontade em quase todos os instrumentos de cordas patilhadas, do bandolim ao banjo, passando pelas guitarras; e, finalmente, Sandy Silva, uma bailarina que introduz nos Open House não apenas uma fascinante presença de palco, mas também a componente rítmica do seu sapateado.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa terá na Festa 18 primeiros violinos, 14 segundos violinos, 12 violas, 10 violoncelos, 8 contrabaixos, 2 flautas, 2 oboés, 2 clarinetes, 2 fagotes, 4 trompas, 3 trompetes, 3 trombones, 1 tuba, 1 tímpano, percussão, isto é, um total de 81 figuras. Para reforçar a sua formação habitual, tal como o exigem as obras de Tchaikovski, a Orquestra conta com a participação de músicos da Orquestra Académica Metropolitana e de outras orquestras de Lisboa e do Porto. A captação de som do concerto foi objecto de estudo tendo sido contratado especialmente para ela um técnico inglês, Barry Bartlett, responsável pela sonorização de vários eventos envolvendo orquestras clássicas. O trabalho de Bartlett, para além da sonorização propriamente dita, inclui a montagem da captação, o que envolve material (especialmente microfones) vindos expressamente da Grã-Bretanha. O concerto de música sinfónica constituirá a abertura da 20.ª Festa, na noite de sexta-feira. A não perder.

Paul Lytton

Nascido na Inglaterra em 1947, Paul Lytton é considerado um dos primeiros bateristas a estabelecer uma relação entre a percussão acústica e o uso de uma panóplia electrónica. Tendo participado em todas as grandes formações ou cooperativas musicais, em que Evan Parker (ver antes) trabalhou, ficou célebre pela sua participação na famosa London Composers Orchestra, que reunia um grupo de músicos que reivindicavam o direito à diferença no panorama da música contemporânea. Tal como Evan Parker, Paul Lytton tocará na Festa com Jorge Lima Barreto e Vítor Rua, que formam o Telectu.

Paulo Saraiva

O disco «Canções com Lágrimas» de Paulo Saraiva revelou aos amantes do fado de Coimbra que a «música dos doutores» tem herdeiros dignos dos maiores nomes do género. Se os anos 50 e 80 fizeram desta canção entretanto popularizada no seio universitário, um fenómeno transversal de Norte a Sul do País, nos dias de hoje é reconhecida a importância de contributos como os que são dados por cantores como Paulo Saraiva, não só no sentido de manter viva esta «chama coimbrã», mas, sobretudo, para dela retirar, com saber artístico, toda a potencialidade social e estética que fazem do fado de Coimbra uma original expressão capaz, como já o foi, de atingir níveis de extrema popularidade. A seriedade do trabalho de Paulo Saraiva é um caminho nesse sentido.

Pedro Jóia

Com a edição do seu álbum de estrela «Guadiano», o guitarrista Pedro Jóia surge perante o grande público como o primeiro músico português a dedicar-se exclusivamente ao flamenco. Com 28 anos de idade, nascido em Liège, na Bélgica, Pedro Jóia apresenta em palco o resultado do cruzamento com seis músicos tão diferentes quanto excelentes. São eles José Salgueiro, (percussões), Perico Sambeat (flauta e sax tenor), João Dias (guitarra), Yuri Daniel (baxo), Eduardo Miranda (bandolim) e Carlos Barreto (contra-baxo). Com formação de guitarra clássica, é o próprio a afirmar que «esqueceu» o curso e que hoje não toca nada clássico. relacionado com o flamenco mais moderno, nomeadamente o flamenco jazz, Pedro Jóia gosta de tocar com pessoas do jazz.

Primitive Reason

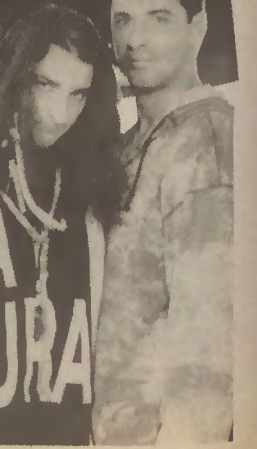
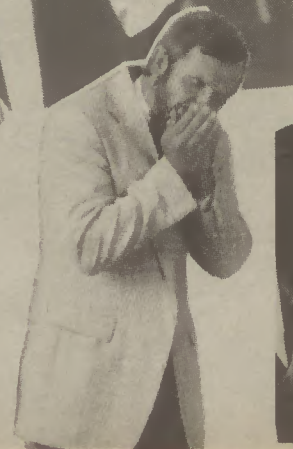
A banda foi criada em Cascais, mas só um dos seus membros é português. Os Primitive Reason são Brian Jackson (vocalista) Guillermo de Liera (baxista e vocalista), Jorge Felizardo (baterista) Mark Calne (saxofonista) e Mikas (guitarrista). Brian nasceu nos Estados Unidos, tendo vivido antes de chegar a Portugal, nas Filipinas, México e Camarões; Guillermo é espanhol; Jorge nasceu na Suíça, mas o pai é português; Mark é inglês e Mikas é o único que nasceu em Portugal filho de pais portugueses. Do ska, ao reggae, passando pelo funk, jazz, trash, metal, groove, rap, hardcore... no som dos Primitive Reason o objectivo é mesmo misturar géneros. Como eles próprios definem: «Esta não é uma música pura, tem um pouco de tudo, de toda a actualidade do que se está a passar. A mesma música pode ser calma, violenta, saudosista, melancólica, depois eufórica e outra vez calma e violenta, sempre a mudar de sensações numa renovação constante.»

Quarteto de Carlos Martins

O saxofonista Carlos Martins volta a actuar na Festa do «Avante!» acompanhado de uma formação de músicos portugueses e de um baterista do jazz catalão. Trata-se Marc Miraita, músico ligado ao *taller de music* de Barcelona, que já esteve em Festas anteriores integrado em várias formações. A bateria de Marc Miraita participou ainda numa das gravações da Carvalhosa. Acrescente-se que para além de Marc Miraita, o quarteto de Carlos Martins é o que se pode chamar uma *formação de luxo* no quadro do actual jazz português: no plano, Bernardo Sasseti e no contrabaixo Carlos Barreto.

Quinta do Bill

O sucesso deste grupo é evidenciado pelos lugares cimeiros que frequentemente ocupa no *top* de vendas nacional. Contudo, é no palco perante grandes plateias que se revelam as grandes verdadeiras capacidades da Quinta do Bill. A partir de uma raiz *folk*, a Quinta do Bill é uma formação que se transcende nas grandes actuações para públicos numerosos, transmitindo uma vitalidade e uma energia autenticamente demolidoras: o resultado é sempre o de ver milhares e milhares de pessoas aos pulos, gritos, cantando em coro, dançando freneticamente ao longo da hora de actuação do grupo. Já se constatou isso mesmo na própria Atalala: um espectáculo da Quinta do Bill é um pouco mais que isso: é um espectáculo da Quinta do Bill e do público que, de assistente, passa a participante.



Raul Marquez e Os Amigos da Salsa

Raul Marquez e Os Amigos da Salsa é uma formação de onze figuras que inclui alguns dos melhores músicos do Porto, presentes aliás noutros grupos, como nomeadamente no Bandemónio de Abrunhosa. Dois trompetes, sax alto, sax tenor, piano, baixo eléctrico, bateria, numerosas percussões, vozes, bailarinos, enfim o clássico grupo de salsa com uma energia que não deixa nada a dever aos mais encartados grupos da cena latina de Nova Iorque. Raul Marquez e os Amigos da Salsa são uma estreia na Festa do «Avante!», tentada já em 84 e 85, mas que, por motivos vários, não foi possível. Este ano - é de vez!

Ritual Tejo

Apresentando o seu segundo e novíssimo disco de originais, também os Ritual Tejo regressam este ano à Festa com o seu som rock. Marcado pelo quotidiano e os problemas que os jovens se deparam em 1988, «História de Amor e Mar» vai ao encontro «daquilo que é ser português», hoje e ontem. Os vencedores do 5.º Concurso Rock Rendez Vous, com a experiência de três anos de digressão, possuem um poder e uma energia em palco que contagia imediatamente a plateia. A assistência da Festa do *Avante!* também irá saltar e cantar em coro as suas músicas.

Rui Veloso

Rui Veloso regressa à Festa desta vez com um espectáculo especial. A passagem obrigatória por todas as grandes canções da carreira do músico junta-se um lote de músicos convidados, onde se conta o grupo Vozes da Rádio e o pianista de Jazz Bernardo Sasseti. A lógica destes convites não é certamente estranha a duas facetas da obra do próprio Rui Veloso: o cuidado nos arranjos vocais e o cruzamento do estilo que o tornou fenómeno de popularidade - o rock - com a paixão que sempre devotou aos blues e, logo, ao jazz de uma forma geral.

Telectu

O duo de Jorge Lima Barreto e Vítor Rua tem um dos percursos mais originais, duradouros e profícuos da música feita em Portugal, sendo o Telectu um dos nomes da fila da frente da plateia de actores da música de vanguarda europeia. A sua presença regular na Festa justifica-se pela constante inovação na concepção dos espectáculos do grupo, sempre «apimentada» com um convite feito a um músico ou a um grupo de músicos, da mesma área ou provenientes de outras origens musicais, cujo diálogo com os músicos do Telectu tem proporcionado momentos surpreendentes na Festa. Este ano Lima Barreto e Rua vão trazer à Atalaia dois músicos estrangeiros com experiência já de presença em palcos portugueses: o saxofonista britânico Evan Parker e o baterista Paul Lytton.

Tim Tim Por Tim Tum

Trata-se de projecto iniciado em 1986, após um workshop na Fundação Calouste Gulbenkian, com Max Roach, um músico americano responsável por elevar o seu instrumento favorito, a bateria, à categoria de instrumento completo, explorando as suas capacidades rítmicas e melódicas. Cinco baterias em palco é por si só fascinante e o universo a descobrir é tão vasto como a imaginação que as toca. Constituído por José Saiguelro, Acácio Salero, Alexandre Frazão, Marco Franco e André Sousa Machado, «Tim Tim Por Tim Tum» não vive só das baterias já que a filosofia deste grupo é que qualquer corpo ou objecto que produza som, pode ser usado para fazer música.

Viviana y sus muchachas del son

Proveniente de Cuba, este grupo acústico feminino estará em diversos espaços da Festa do «Avante!» com os seus ritmos sul-americanos. Reivindicando uma pureza e uma fidelidade aos cânones da música tradicional cubana, a formação conta com uma guitarra, contrabaixo, flauta, percussões e vozes (todos os elementos cantam). A particularidade de ser um grupo exclusivamente feminino quebra o habitual costume deste tipo de grupos geralmente de constituição masculina, atribuindo-se às mulheres o mero papel de dançarinas e coristas. Por outro lado, Viviana y sus muchachas del son conseguem reforçar a componente sensual sempre associada a este tipo de música até porque para além de excelentes músicas, são exímias dançarinas.

Vozes da Rádio

As Vozes da Rádio são um grupo vocal que estão presentes na festa integrados no espectáculo de Rui Veloso. Revelaram-se no duplo CD «Filhos da Madrugada Cantam José Afonso», surpreendendo por um trabalho de grande originalidade entre nós, mas que tem grandes tradições nos EUA e essencialmente por influência dos grupos vocais negros (Ink Spots, Platters, Golden Gate Quartet) e que viriam a dar um grupo branco de grande impacto, os Manhattan Transfer. Ou seja, as vocalizações das Vozes da Rádio têm uma clara e profunda raiz jazzística que será igualmente fascinante ver como se entrelaça com os absolutamente jazzy Sasseti e Veloso.

Zion Harmonizers

Os Zion Harmonizers são um dos pilares da comunidade gospel de New Orleans e uma presença obrigatória do anual Heritage Festival que reúne o melhor da música negra do Sul norte-americano. O programa do seu líder, Sherman Washington na maior estação de rádio de New Orleans, a WYLD, entrou já no seu 40.º ano de emissão e constitui ele próprio um elemento de tradição. O espectáculo anual dos Zion Harmonizers realizado habitualmente em Janeiro constitui o mais importante evento gospel de New Orleans, facto tanto mais significativo quanto o grupo canta regularmente na «New Orleans House of Blues» todos os terços Domingos de cada mês! O prestígio dos Zion Harmonizers tem sido consagrado por numerosos prémios, entre os quais se destaca o atribuído já este ano pela revista «Offbeat» que os classificou como «Best of The Best Gospel Group». O grupo - sete vozes masculinas, piano, guitarra e bateria - já realizou mais de 40 digressões na Europa, sendo a primeira vez que se apresenta em Portugal.



OS ARTISTAS DA FESTA

CICLOTURISMO

No passado domingo perto de quatro centenas de praticantes do cicloturismo participaram no raid da Festa do «Avante!», cumprindo um percurso de 126 quilómetros entre a FIL à Quinta da Atalaia, que ligou simbolicamente o local em que teve lugar a primeira Festa com o actual terreno. A iniciativa, que entre pessoal de apoio e acompanhantes envolveu cerca de 500 pessoas, teve início pelas

8 horas da manhã, com uma concentração, na Avenida Brasília, junto à FIL, ocasião em que interveio Carlos Rabaçal, membro da Comissão para as Questões do Desporto junto do Comité Central do PCP. Num ambiente descontraído de agradável convívio, (recorde-se que se tratava de um passeio sem objectivos competitivos) os participantes partiram pelas 9 horas, passando pela Avenida 24 de Julho, Praça

do Comércio, Rua da Prata, Avenida da Liberdade, Marquês de Pombal, Saldanha, Campo Pequeno, Campo Grande, 2ª Circular, Sacavém, Alverca, Alhandra, Vila Franca de Xira, Porto Alto, Infantado, Alcochete e Montijo. Foi nesta cidade que se realizou uma paragem para o almoço realizado no Pavilhão da Agri, onde os atletas foram saudados pela presidente da



Câmara, Jacinta Ricardo. De novo na estrada, os ciclistas seguiram em direcção à Moita, Barreiro, Coima, Paio Pires, Seixal, Arrentela, Paivas, tendo atingido a Quinta da Atalaia, cerca das 16.30 horas. No final, a organização entregou lembranças a todos os participantes bem como uma fotografia às 44 equipas presentes, tirada nos momentos anteriores à partida. O raid, cujo director foi Alzino Lino, teve o apoio da Federação Portuguesa de Cicloturismo e contou com a colaboração do Clube de Cicloturismo das Torcatas. Para o êxito da iniciativa contribuíram ainda o Caparica CB, os Bombeiros Voluntários do Seixal, a PSP das várias localidades por onde o raid passou, e as Brigadas de Trânsito da GNR do Carregado e de Setúbal.



Como ir para a Festa

Carreiras especiais (fluviais e rodoviárias) coordenadas com o horário da Festa, asseguram o acesso rápido dos milhares que a partir de amanhã ali se deslocam para a Festa do «Avante!»

Transportes rodoviários

Em articulação com a Transtejo, estão asseguradas diversas carreiras rodoviárias:

Entre Cacilhas e Festa (Quinta da Princesa) - o bilhete inteiro custa 260\$00, e os pré-comprados M4, 160\$00; M2, 80\$00. Pode-se usar o passe social. Na sexta-feira, os autocarros circulam até às 02.15 horas, no domingo até às 24 horas.

Entre Cacilhas e Festa (Medideira) - o bilhete inteiro custa 260\$00, e os pré-comprados M4, 160\$00; M2, 80\$00. É aceite o passe social.

Entre o Seixal e Festa (Medideira) - o bilhete inteiro

custa 160\$00, e os pré-comprados M3, 120\$00; M2, 80\$00. É aceite o passe social SX.

Entre a Baixa da Banheira e Festa (Medideira) - o bilhete inteiro custa 450\$00, e os pré-comprados M9, 360\$00; M4, 160\$00. As partidas efectuam-se na sexta entre as 18 horas e as 21.30 horas, e o regresso entre as 23 horas e as 02.00 horas. Sábado e domingo, as partidas começam pelas 10.30 da manhã até às 21 horas e o regresso das 18.00 até às 02.00.

Entre a Amadora e a Festa (Medideira) está assegurado um vai-vem, com partidas na Avenida Cardoso Lopes junto à CMA. Sexta-feira, entre as 17 horas e as 22 horas, com regresso à 01.00 hora. Sábado e domingo, as partidas efectuam-se entre as 8.00 horas e as 22.00 horas. O regresso é à 01.00 hora.

Cascais e Festa (Medideira) Os autocarros partem no sábado e domingo pelas 8.30 horas e regressam à 01.30 hora no sábado e 22.30 horas no domingo.

Transportes Fluviais

Na sexta-feira, a Transtejo tem carreiras reforçadas para o Seixal e Cacilhas. Sexta-feira há partidas de Cacilhas até 04.00 horas, no sábado até às 03.30 horas e no domingo até às 02.00 horas.

Do Seixal, os barcos partem, na sexta-feira e no sábado até às 02.20 horas, e no domingo até às 24 horas.

Vai-vem

Nos dias da Festa funcionará ainda um vai-vem especial coordenado com os horários dos barcos da Transtejo no Seixal, com paragens na ponte da Fraternidade, Mundet e Parque do Seixal.

Se vem de automóvel

Para os que preferem o transporte individual aconselhamos os seguintes percursos:

- Se vem do Sul ou saiu no nó do Fogueiteiro, deixe o carro nos parques da **Torre da Marinha, da Mundet**, ou no **Seixal**, antes da Ponte da Fraternidade e use o vai-vem rodoviário.

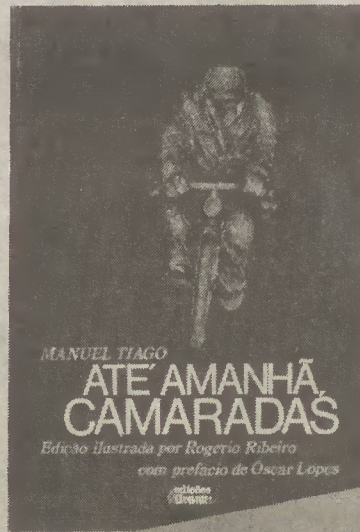
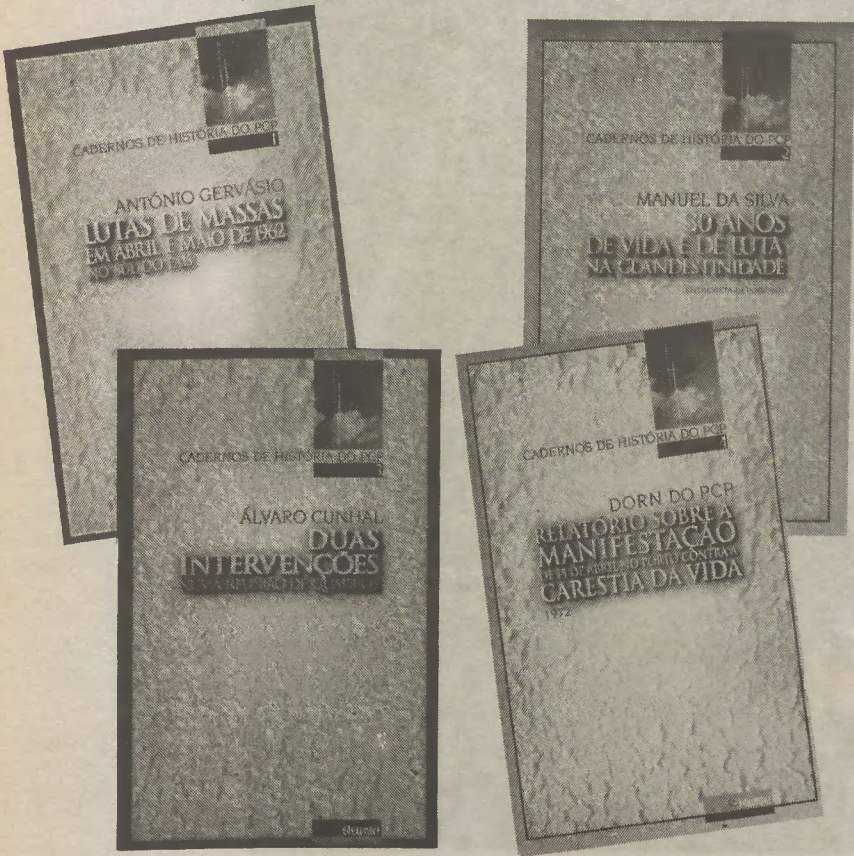
- Se vem de Lisboa, como alternativa à AE/ Sul e à EN 10, sugerimos a variante à EN 10, em frente ao Pão de Açúcar de Almada. Ao sair da Festa siga por Santa Marta de Corroios, estrada da Sobreira/Feijó, variante à EN 10 ou via-rápida da Costa.



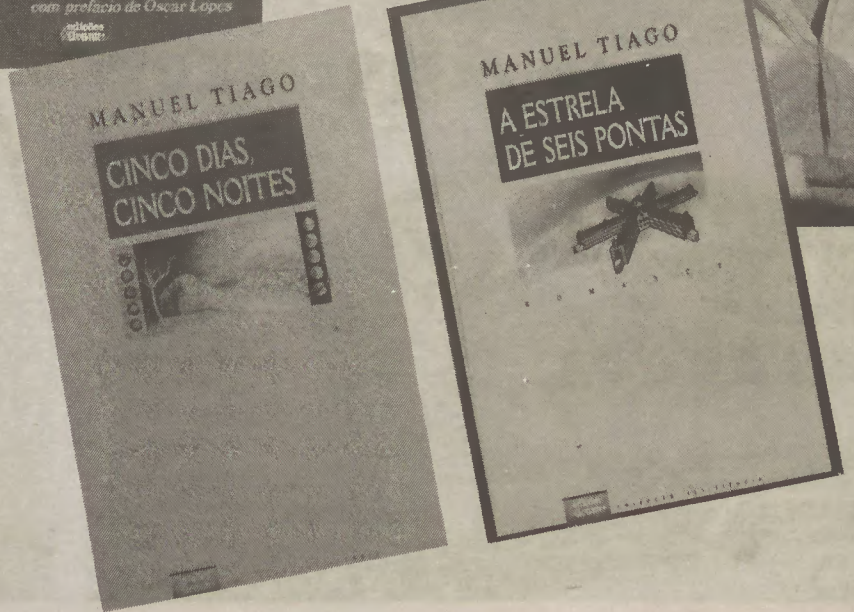
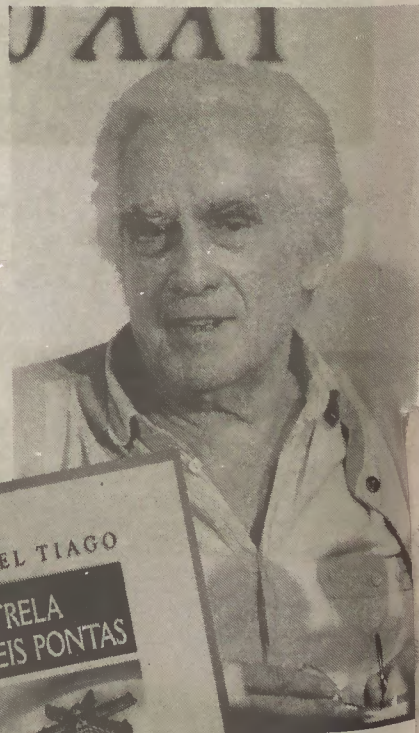


FESTA DO LIVRO E DO DISCO

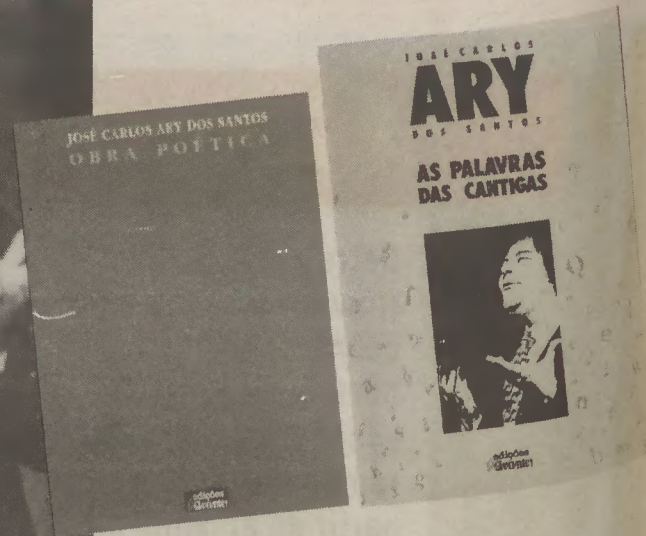
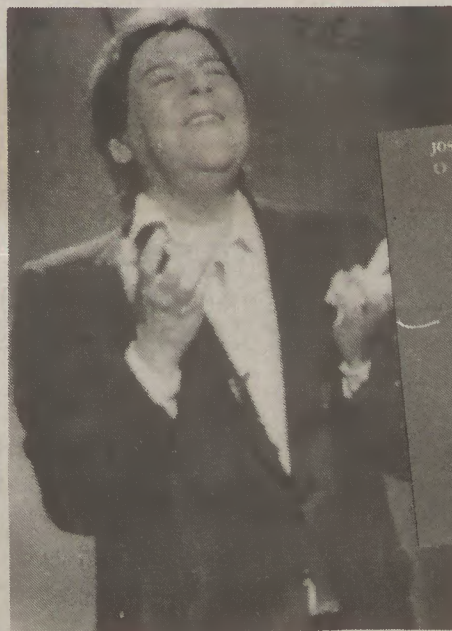
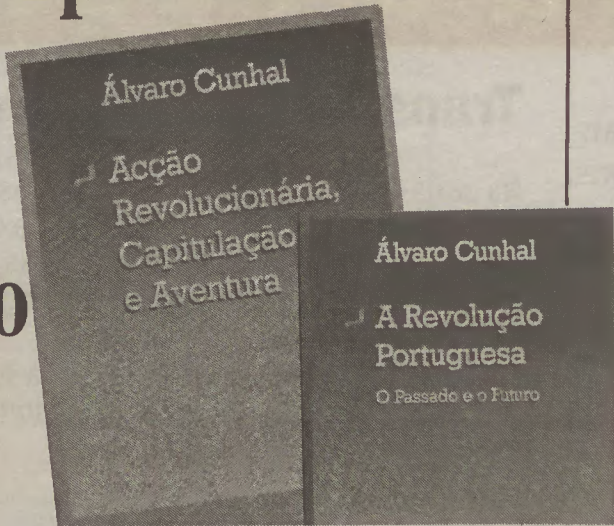
40% de desconto em todos os livros da Editorial «Avante!»



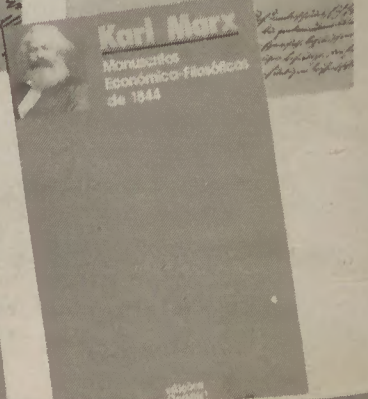
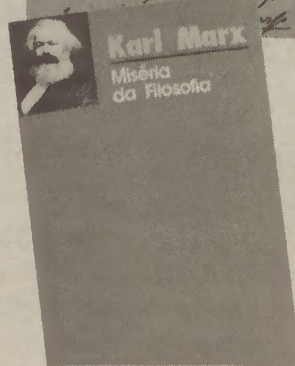
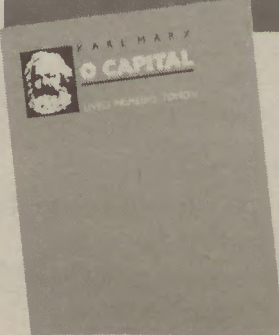
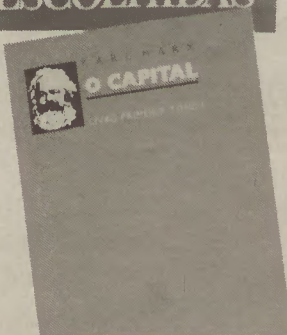
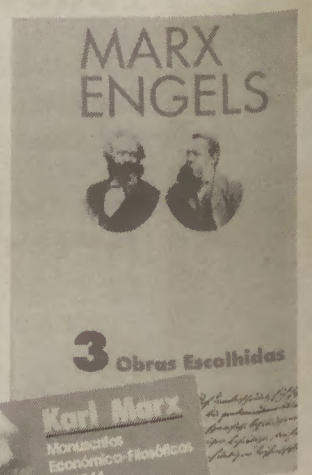
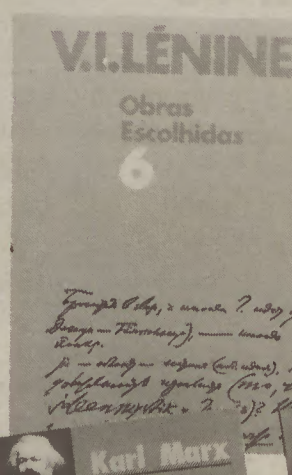
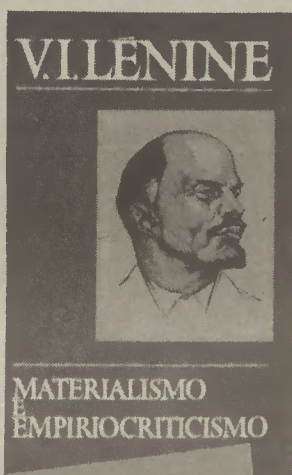
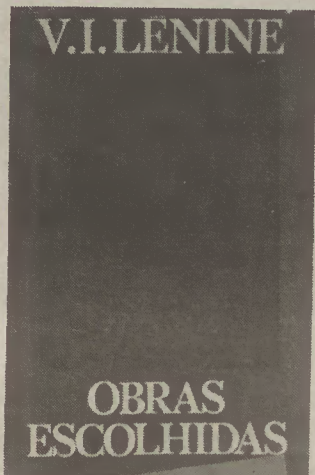
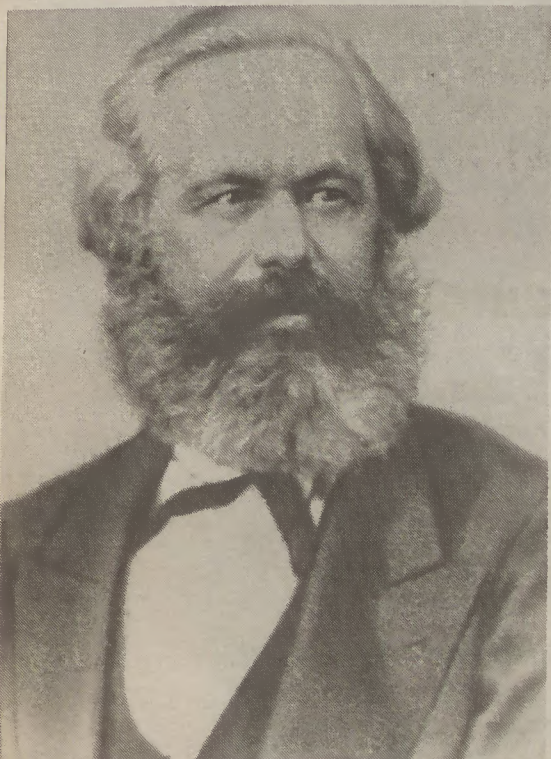
obras de Manuel Tiago pseudónimo de Álvaro Cunhal



Duas obras fundamentais para a compreensão do processo da Revolução de Abril



Clássicos do Marxismo-Leninismo



Saldos Fins de Edição a 350\$00 – 600\$00 – 800\$00 – 1000\$00 – 1500\$00

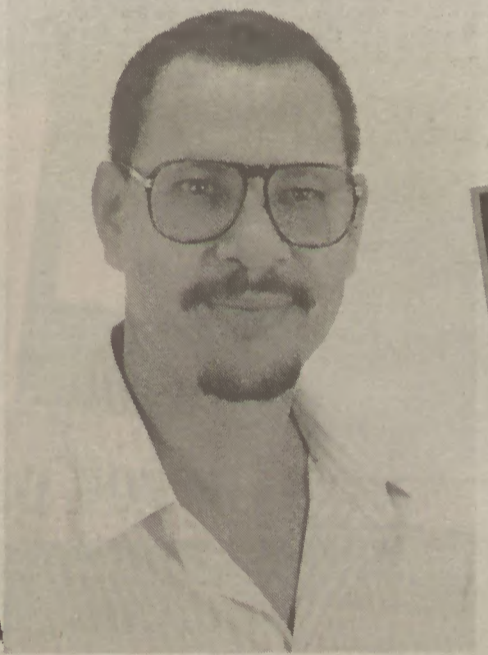
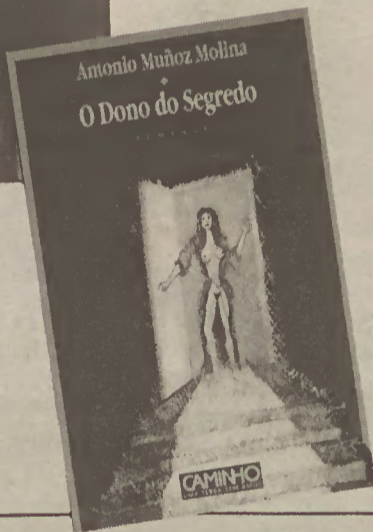
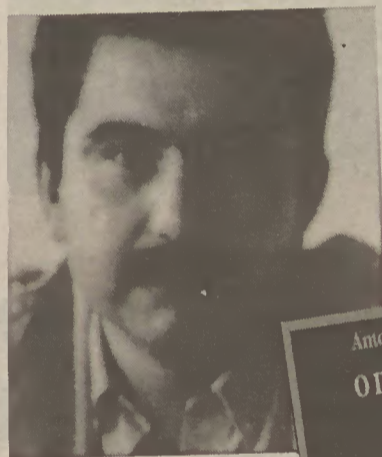
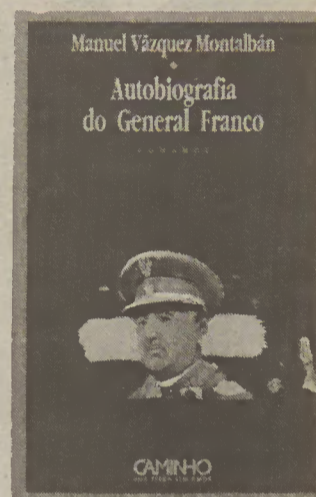
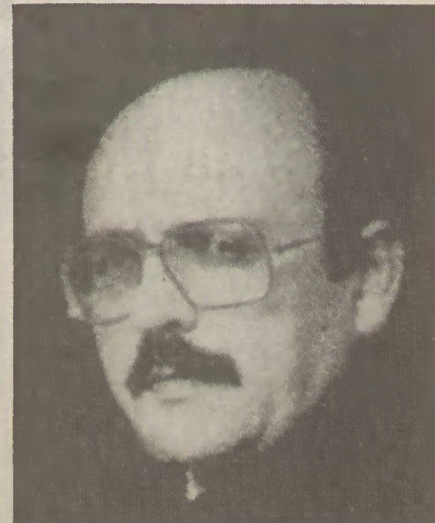
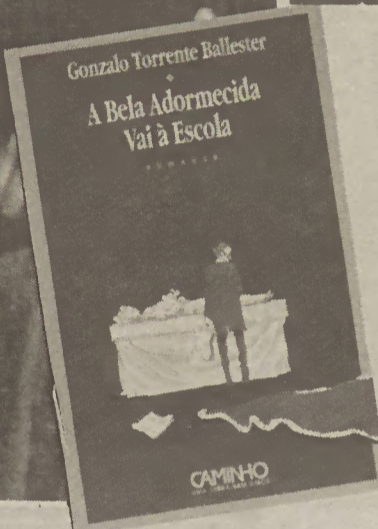
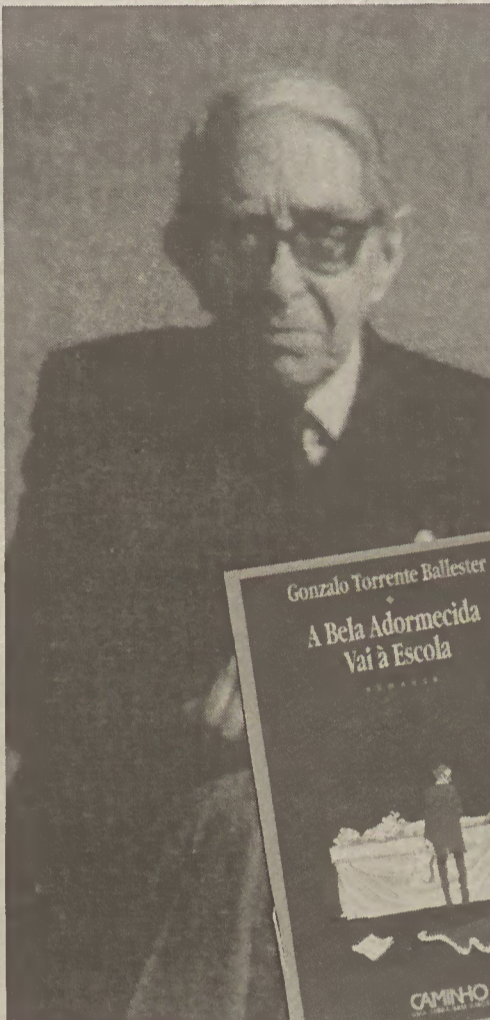


20 anos

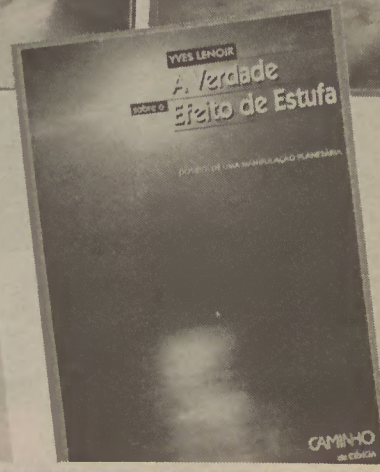
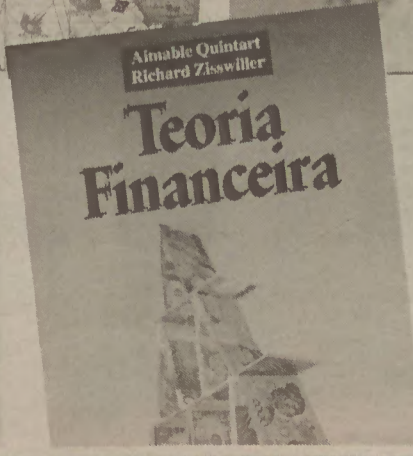
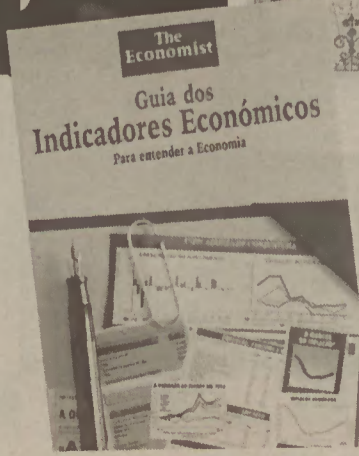
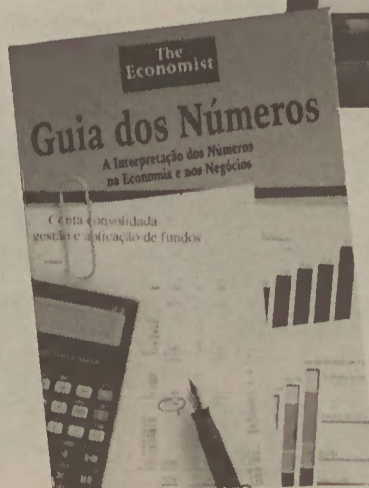
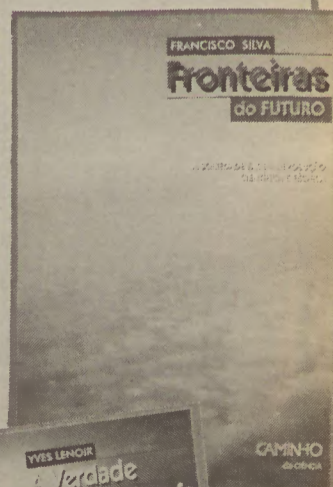
CAMINHO

40% desconto

A melhor literatura de todo o mundo



Questões do mundo contemporâneo



Saldos Fins de Edição a 350\$00 – 600\$00 – 800\$00 – 1000\$00 – 1500\$00

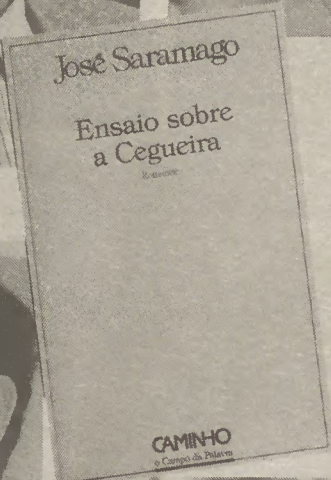
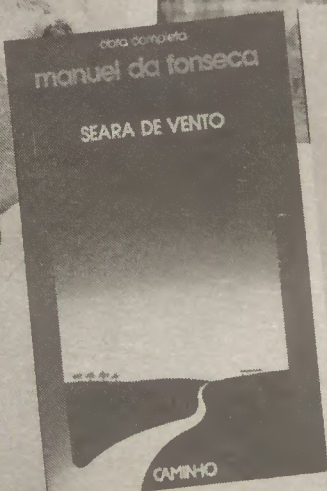
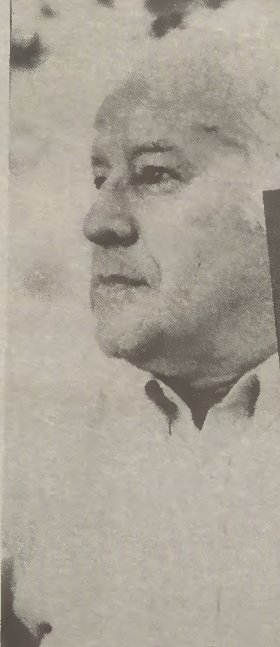
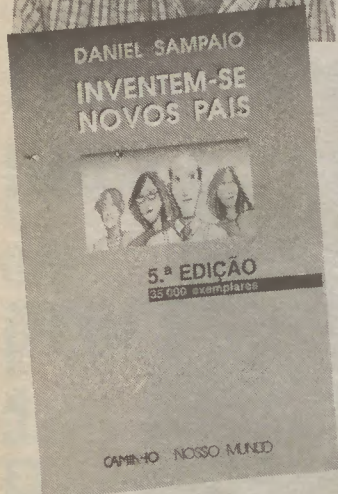
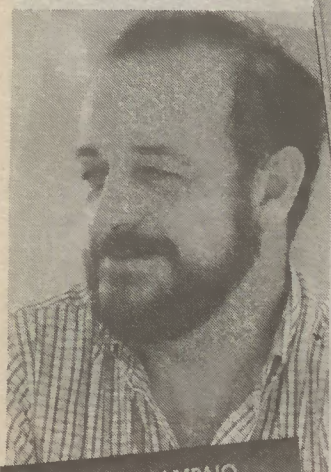
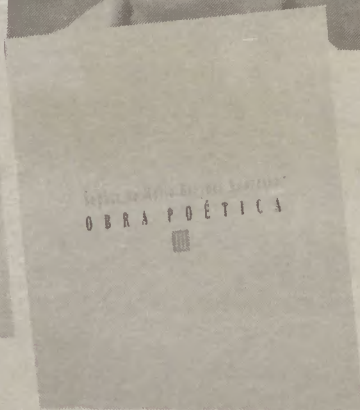
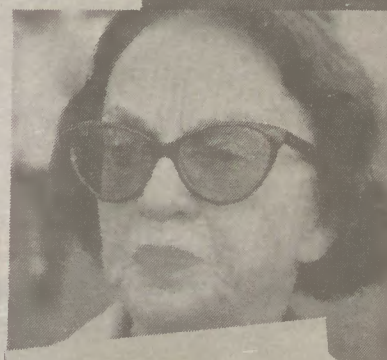
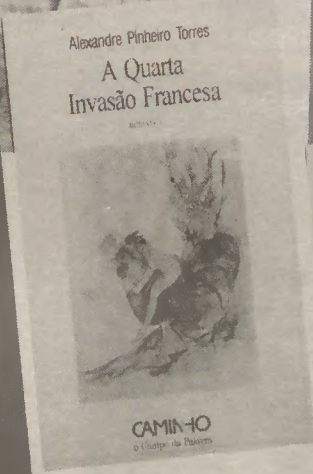
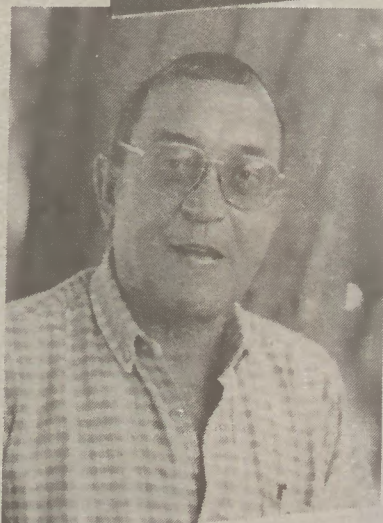
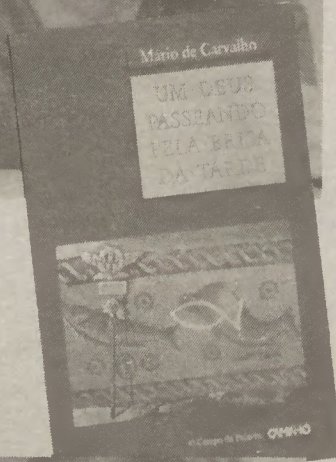
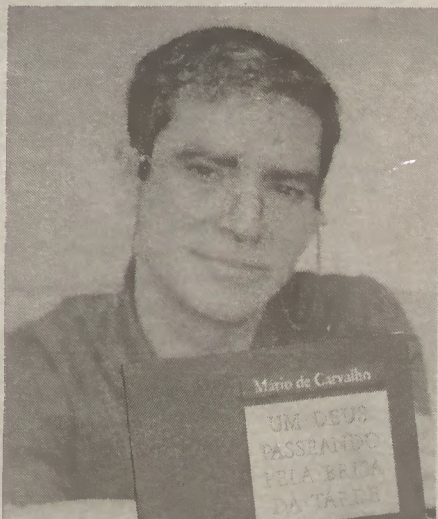
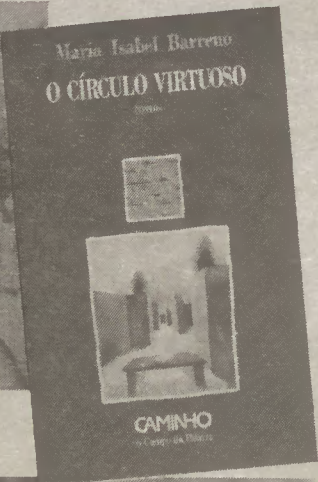
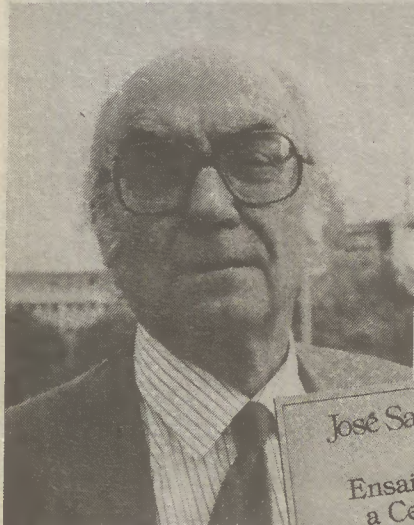
FESTA DO LIVRO E DO DISCO

A palavra aos autores portugueses

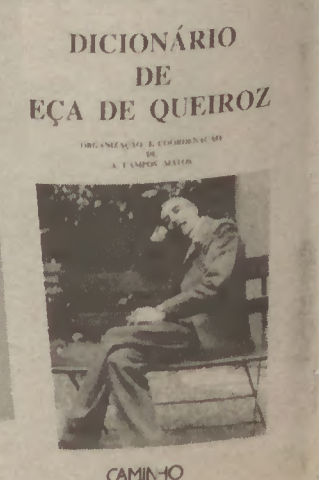
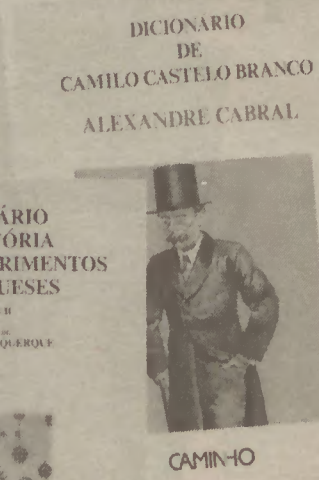
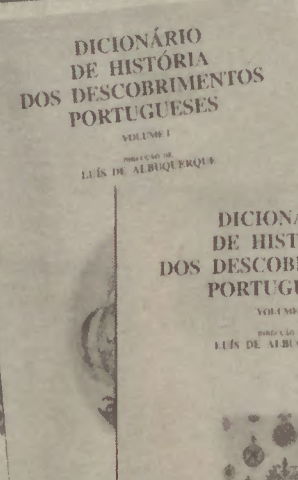
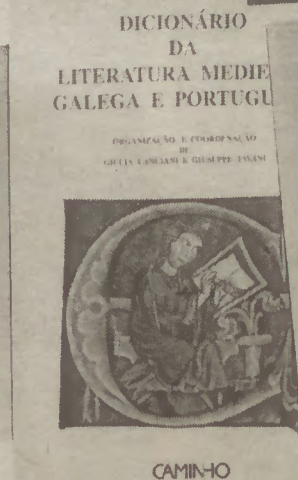
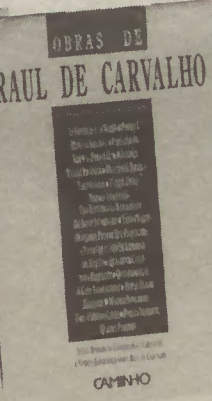
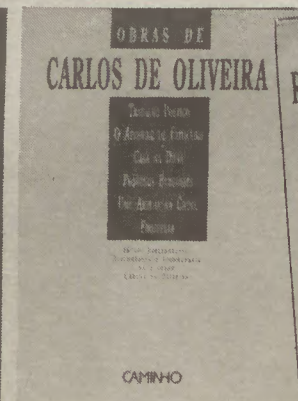
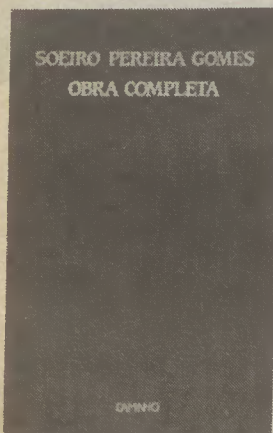
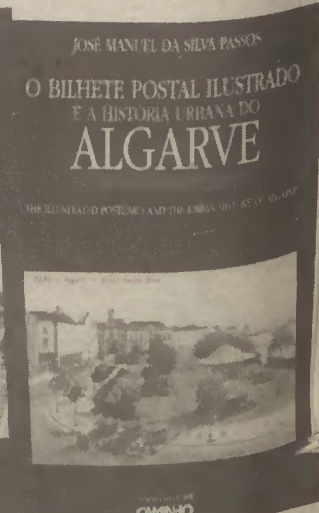
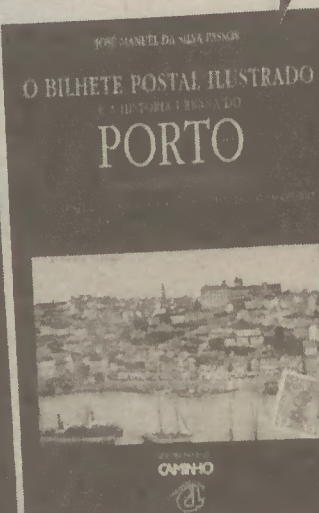
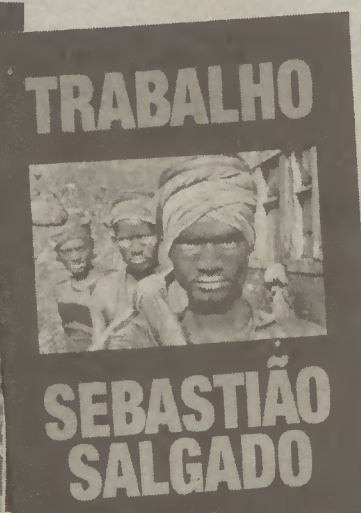
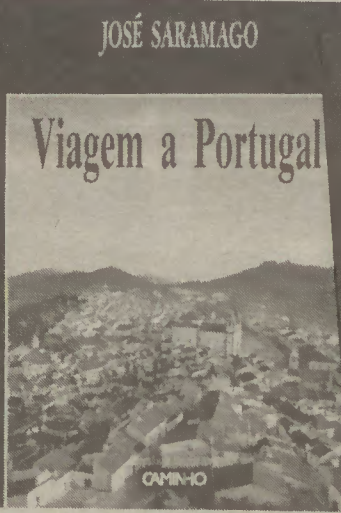
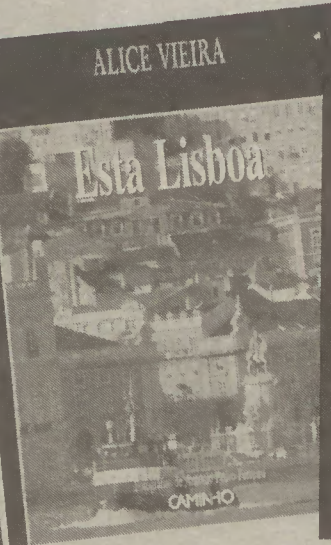
20 anos

CAMINHO

40% desconto



Livros para ter e oferecer



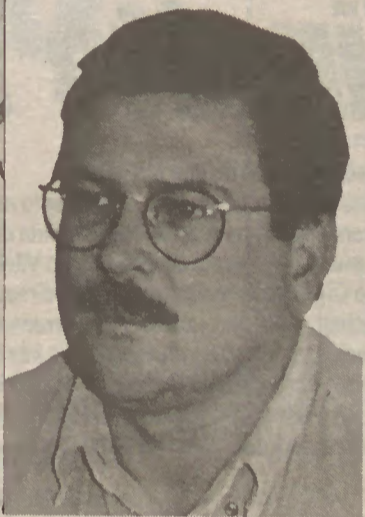
Saldos Fins de Edição a 350\$00 – 600\$00 – 800\$00 – 1000\$00 – 1500\$00

20
anos

C
A
M
I
N
H
O

40%
desconto

os melhores livros para os mais novos



os mais belos livros para os mais novos



Mais de 3 dezenas de editoras representadas com as últimas novidades com 25% de desconto

1800 atletas e 190 equipas



A Corrida parte no domingo

A Corrida da Festa é já uma grande sucesso em termos organizativos, uma vez que registou a adesão de 1800 atletas individuais e de 190 equipas. Este elevado nível de inscrições demonstra bem o prestígio que a prova conquistou junto dos clubes e atletas da modalidade.

Atenção atletas

Com a partida marcada para as 9,30 horas de domingo, dia 8 de Setembro, junto às Bombas da Cipol, a comissão organizadora chama a atenção dos atletas participantes para alguns cuidados que deverão ter.

Nomeadamente, aconselha-se a ingestão de bastantes líquidos, sobretudo água até ao início da Corrida, sendo por outro lado de evitar o consumo de alimentos duas horas antes da prova, em especial à base de produtos ricos em lactose.

O direito ao desporto

Ao longo dos últimos dois meses muitas foram as personalidades ligadas ao desporto que em depoimento ao «Avante!» manifestaram apoio à realização da 9ª Corrida da Festa. Neste número publicamos um texto de António Vilela, membro da Comissão Organizadora da prova (e não director da Corrida - cargo que actualmente não existe - como erradamente indicámos na última edição do nosso jornal), que nos fala do fenómeno desportivo em Portugal e do contributo da Corrida da Festa. António Vilela é Assessor do Pelouro do Desporto da CML e Técnico da Federação Portuguesa de Atletismo.

Não é possível referir mais uma edição da Corrida da Festa do «Avante!»

sem a situar no movimento desportivo e cultural que influenciou o que dinamizou o seu aparecimento e sem realçar a grande abertura e adesão que a população portuguesa tem manifestado pelo fenómeno desportivo. Desde o aparecimento em Portugal, no início do século XX, do movimento desportivo federado que o desporto popular tem dado sinais das suas potencialidades através de factos de personalidades desportivas que a história nos revela.

Antecipando-se sempre à iniciativa dos poderes públicos e do Estado, tendência que também se verifica frequentemente nos nossos dias, a população motivada pelo fenómeno desportivo tem encontrado a forma adequada de acompanhar o movimento cultural e desportivo que por toda a parte se manifesta. Aderindo às formas com maior significado lúdico e agonístico e também de mais fácil implantação

e organização os desportistas de todos os tempos privilegiaram algumas modalidades de entre as quais a acção de correr em todo o terreno, na via pública, individualmente ou em grupo, tem criado aquilo a que nos nossos dias se pode designar de tradição da prática da corrida.

São exemplos da tradição os nomes de Fernando Lopes e de Francisco Lázaro, os primeiros vencedores da Maratona e do Corta-Mato, em 1910 e 1911, e depois uma pléiade corredores que, ao longo de mais de meio século, trouxeram a público notícia das suas proezas e foram responsáveis pela chama que a pouco e pouco se foi ateando e alargando. Refere-se em primeiro lugar Armando Aldegalega que venceu em 1964 a sua primeira maratona, e que ainda hoje, 32 anos depois, pratica regularmente a corrida sob a forma competitiva. Depois o património nacional, que

antecedeu e sedimentou as bases daquilo a que hoje se denominou por meio fundo nacional, incluiu nomes como Manuel Dias, Manuel Gonçalves, José Araújo, Inácio Ribeiro, Manuel Faria, Manuel Oliveira, Manuel Mesueira, Filipe Luís, entre outros.

Os acontecimentos resultantes do 25 de Abril de 1974 criaram condições de adesão popular à prática da corrida, generalizando-se por todo o país o movimento da corrida em estrada de que é expressão clara o Calendário Nacional de Provas de Estrada e os múltiplos torneios e competições que preenchem cada época desportiva. O movimento desportivo popular agora, como no início, tem sido o seu grande dinamizador, suportando de forma voluntária todo o esforço da sua organização e não raras vezes a incompreensão e a obstrução dos poderes públicos. Este movimento ganhou qualidades e entre ele e a prática desportiva de alta competição criou-se uma relação dialéctica de que são expressão mais evidente as figuras de grandes desportistas mundiais como Carlos Lopes,

Rosa Mota, Aurora Cunha, Fernando Mamede, António Leitão, e com o advento do meio fundo feminino, a nova vaga de atletas que representam actualmente o nosso país dos quais destacamos Fernanda Ribeiro, Albertina Dias, Mónica Gama, Albertina Machado, Domingos Castro, Joaquim Pinheiro, Manuel Matias, e as recentes e esperançosas revelações que são Carla Sacramento, Paulo Guerra, Alberto Maravilha, João Junqueiro e outros.

É neste contexto e com esta «carga» tradicional da prática da corrida que se vai realizar mais uma edição da Corrida da Festa do «Avante!». Integrada num acontecimento político e cultural que tem marcado a vida portuguesa e que é a Festa do «Avante!», a corrida faz parte de vasto programa desportivo desta iniciativa tem procurado também acompanhar o grande contributo para o reforço do desporto amador e popular em Portugal através da promoção da divulgação da Corrida. Ajustando-se ao interesse dos praticantes, a Corrida da Festa do Avante tem procurado defender os valores de uma

prática desportiva perspectivada para o enriquecimento social e cultural das populações. A edição que este ano se realiza, quando o movimento Olímpico Moderno completa 100 anos de existência e quando Fernanda Ribeiro conquistou para Portugal a 3.ª medalha ouro, seguindo a Carlos Lopes e a Rosa Mota, e obtendo ainda um novo recorde Olímpico, a Corrida da Festa do «Avante!» ganha ainda mais ênfase na definição do espaço que se propõe defender. E embora ciente de que noutras circunstâncias maior o seu contributo para o fomento da prática desportiva, a Corrida da Festa do «Avante!», fazendo parte de um amplo movimento político-social onde se integra, pretende significar: -O direito dos cidadãos à prática desportiva -A defesa e enriquecimento do desporto amador e voluntário -O desporto como forma de convívio e de enriquecimento cultural -O desporto como defesa de uma concepção de vida democrática participativa ao serviço da melhoria das condições de vida das populações.



Juventude de AUTOCARRO para a festa

Devido à impossibilidade de realizar o comboio da Juventude, na sequência da greve dos maquinistas da CP, a JCP já tem preparada uma alternativa rodoviária que assegura a viagem de ida e volta a todos os interessados. Aqui publicamos os locais de partida e regresso dos autocarros, bem como os preços.

Porto - partida da Praça da Liberdade, sexta-feira, às 9 horas (3400\$00). Regresso do Parque das Excursões da Festa, domingo às 24 horas.

Espinho - partida junto ao Centro de Trabalho do PCP, sexta-feira pelas 11,30 horas (3.200\$00). Aveiro - partida junto ao Centro de Trabalho do PCP, sexta-feira pelas 12 horas (2.750\$00). Regresso à 01.00 hora, de segunda-feira, da Quinta da Atalaia.

Coimbra - partida da Praça da República, sexta-feira, às 12 horas (2.200\$00). Condeixa - partida junto ao Café Faiabar, sexta-feira, às 12.30 horas (2.200\$00). Regresso às 24 horas de domingo na entrada da Quinta da Princesa.

Abrantes - partida do Largo 1º de Maio, sexta-feira, às 12.15 horas (1800\$00). Entroncamento - partida junto à Estação da CP sexta-feira, às 13 horas (1800\$00). Torres Novas - partida junto aos Bombeiros, sexta-feira, às 13.15 horas (1800\$00).

Santarém - partida junto à Rodoviária, sexta-feira às 14 horas (1800\$00). Regresso às 24 horas de domingo no Parque de Excursões.